



SAÚDE HUMANA

Descarte incorreto de remédios amplia risco de superbactérias

Ação contamina água de rios e favorece o surgimento de micro-organismos resistentes a antibióticos. **Página 6**

Foto: Cacio Murilo/MTur

Unidades de conservação do estado são atrativos para moradores e turistas durante as férias de verão

Espaços naturais, como o Parque Estadual Marinho de Areia Vermelha (foto), são abertos a visitantes de forma gratuita. Locais podem ser frequentados em horários estabelecidos pela Sudema.

Página 20

Pesquisa revela que os brasileiros têm falado menos sobre temas políticos em grupos de WhatsApp

Levantamento feito por duas instituições sem fins lucrativos mostra que mais da metade das pessoas que participam de ambientes virtuais de família, de amigos e de trabalhos diz ter medo de emitir opinião.

Página 14

Foto: Therson Mehl/Estadão Conteúdo



Jogo define campeão da Copa do Brasil

Após o empate por 0 a 0 na primeira partida, Corinthians e Vasco voltam a enfrentar-se hoje, às 18h, no Maracanã.

Página 21

■ “Para que algo vá de um lugar a outro, é preciso considerar a soma de todos os caminhos, dos infinitos caminhos, cada um contribuindo com um peso maior ou menor para o resultado final”.

Claudio Furtado

Página 19

Foto: José de Holanda/Divulgação

Chico César integra show que celebra 13 anos do Prima, em João Pessoa

O artista e o grupo de jovens que participam do programa estadual farão um concerto gratuito, amanhã, a partir das 19h, no Teatro Pedra do Reino.

Página 9

Caderno Pensar debate as relações parassociais

Eleita a palavra do ano pelo Dicionário Cambridge, termo ganhou popularidade com as redes sociais e as IAS.

Páginas 29 a 32



Jornalista sugere reedição de livro raro sobre a Paraíba

Cronista Gonzaga Rodrigues destaca a importância da obra “Epitome de História da Paraíba para uso das escolas primárias”, de Manuel Tavares Cavalcanti, publicado no início do século passado.

Página 25



Ilustração: Bruno Chiossi

Editorial

Retratos do livro

O mercado editorial e livreiro mantêm-se como uma das estruturas econômicas mais ativas do Brasil, apesar das recentes crises, notadamente no período mais crítico da pandemia de Covid-19, de 2020 a 2022. Lembrando que o surto foi considerado pela Fundação Oswaldo Cruz (Fiocruz) — a mais importante instituição de pesquisa biomédica da América Latina — “o maior colapso sanitário e hospitalar da história do país”.

Estudo recente, divulgado pela Câmara Brasileira do Livro (CBL), em consórcio com a Analytics Valuation Reporting Insights (AVRI), revelou que o setor de produção e venda de livros gera 70 mil empregos diretos e, somente neste ano, foram registrados no país mais de 54 mil empresas e estabelecimentos ativos em todas as etapas da cadeia, isto é, do varejo e atacado às editoras, gráficas e empresas de edição integrada.

Significa dizer que, em relação ao ano passado, quando foi assinalada a existência de 51 mil empresas e estabelecimentos ativos, houve uma expansão de três mil novas empresas, sendo 59% empresários individuais, 40% empresas privadas e 1% organizações sem fins lucrativos. No que diz respeito ao porte, o setor é majoritariamente formado por microempresas (83%), empresas médias e grandes (9%) e de pequeno porte (8%).

A pesquisa é avaliada por especialistas da área como essencial para se compreender a real dimensão do setor editorial e livreiro nacional, uma vez que fornece as bases necessárias para a elaboração de políticas públicas, capacitação de profissionais e ampliação do acesso ao livro em todo o território brasileiro. O comércio varejista de livros predomina no Sudeste, enquanto o atacadista espalha-se também pelo Nordeste e Sul.

Outro dado significativo da investigação é que há pelo menos uma empresa ligada ao livro em 2.495 municípios, o que evidencia a “capilaridade e relevância nacional”, no que se refere à produção e venda de obras dos mais variados gêneros. As editoras e o comércio varejista apresentam os melhores índices de crescimento, salientando que os demais segmentos também avançam, embora em ritmo menor.

Constatou-se, também, que, entre os 1.830 municípios que possuem livrarias, o Índice de Desenvolvimento Sustentável das Cidades (IDSC) é 3% superior à média nacional. Fácil depreender, portanto, conforme foi evidenciado pela CBL, e para alegria das pessoas que amam a leitura, que “a existência de livrarias e pontos de circulação de livros está associada a melhores condições sociais, educacionais e culturais”.

Artigo

Rui Leitão
iurleitao@hotmail.com

Mariz no julgamento de Collor

A Paraíba teve participação relevante no processo que culminou com o *impeachment* do presidente Fernando Collor de Mello, em 1992. O senador paraibano Antônio Mariz atuou como relator da comissão especial do Senado Federal encarregada de analisar a denúncia por crime de responsabilidade.

Diante do avanço das denúncias, Fernando Collor passou a acusar a oposição de integrar um suposto “sindicato do golpe” e convocou a população a vestir verde e amarelo em sua defesa. A resposta veio das ruas: estudantes e amplos setores da sociedade protagonizaram o movimento conhecido como “Fora Collor”, uma série de manifestações que exerceu forte pressão popular sobre o Congresso Nacional para a abertura do processo de *impeachment*.

Com a autorização da Câmara dos Deputados, o Senado instituiu, em 1º de outubro de 1992, uma comissão especial presidida pelo senador Elcio Álvares, tendo como relator o senador Antônio Mariz. Em seu relatório e nos discursos que proferiu, Mariz apontou a existência de um esquema de corrupção no governo federal, envolvendo pessoas próximas ao presidente, como Paulo César Farias, ex-tesoureiro de sua campanha. O parecer detalhou a materialidade dos delitos e recomendou o prosseguimento do processo, o que resultou na condenação de Collor à perda do mandato e à suspensão de seus direitos políticos.

A atuação de Antônio Mariz foi amplamente reconhecida como um marco do amadurecimento das instituições democráticas brasileiras no período pós-ditadura. Consciente da dimensão histórica do momento, o senador afirmou em plenário: “Este é, sem dúvida, um momento histórico, construído com a deliberação que tomaremos. Em mais de um século de vivência republicana, pela primeira vez comparece o presidente da República ante o Senado. Permanecerá na memória do povo brasileiro o desfecho do processo de *impeachment*, qualquer que seja ele”.

Em sua fala, enfatizou a defesa da moralidade e da ética na política, num discurso marcado pela firmeza e coragem.

Poucos minutos após o início da sessão de julgamento, o advogado de defesa de Collor, José Moura Rocha, anunciou a renúncia do presidente ao cargo, numa última tentativa de interromper o processo e preservar seus direitos políticos. Anos depois, o próprio advogado revelou que assumira a defesa apenas duas semanas antes do julgamento e que não acreditava na absolvição: “O povo todo estava contra ele”.

Apesar da renúncia, o Senado prosseguiu com a votação. Por 76 votos a 3, Fernando Collor teve seus direitos políticos cassados por oito anos. A decisão foi ratificada pelo então presidente do Supremo Tribunal Federal, o ministro Sydney Sanches. Com a destituição, o vice-presidente Itamar Franco (1930–2011) assumiu a Presidência da República, concluindo o mandato em 1º de janeiro de 1995.

O *impeachment* de Collor, com a participação decisiva de Antônio Mariz, consolidou-se como um marco da redemocratização brasileira. Pela primeira vez na história republicana, um presidente eleito pelo voto direto foi afastado do cargo por meio de instrumentos plenamente democráticos, evidenciando a força das instituições e a capacidade do Congresso Nacional de responder à vontade popular.

“

O *impeachment* de Collor, com a participação decisiva de Antônio Mariz, consolidou-se como um marco da redemocratização

Opinião

Foto Legenda

EDIÇÃO: Gisa Veiga
EDITORAÇÃO: Luiza Fonseca

Carlos Rodrigo



Camisas 10

Gonzaga Rodrigues

gonzagarodrigues33@gmail.com | Colaborador

Chutaram com minhas pernas

“Desde quando você se interessa por esporte, ou melhor, por futebol?” — é o que me pergunta a amiga, no café do Sebrae, quando me despeço alegando o motivo. Tem sentido a pergunta.

Quando o Brasil começou a jogar, na Copa de 1958, é possível que eu não atinasse com o nome de um único jogador do time. Vivía de cabeça baixa, em emulação com Adalberto Barreto e ainda sob influência de Geraldo Sobral, num outro gramado: as obras-primas da literatura que a Livraria Globo, de Porto Alegre, traduzia para os monoglotas do país. Meu negócio era ler sob a claridade na biblioteca da General Osório e, de pé, nas orelhas do acervo comercial do livreiro Otacílio Gama, a quem muito ficou devendo bom número de leitores da minha geração. Ele não era comparsa de leitura, mas se sentia mão aberta no papel de livreiro.

Eu não ligava para as aulas do Liceu e tinha dificuldade em assimilar o texto então burocrático da redação de **A União**, tudo por conta do feitiço literário. Não me motivava a sala de aula, desviado pelos caminhos apontados por Hypolite Taine, que li antes do tempo, já passado o seu prestígio de intérprete do fenômeno artístico. E haja caírem sobre o primarismo de minhas pretensões as “Cartas a um jovem poeta”, de Rilke, e Lima Barreto, que o acaso me levou a encontrar as “Recordações do escrivão Isaias Caminha” na prateleira de baixo de uma estante da Biblioteca Pública. O relógio não marcava, o que marcava era você entrar e sair sem limite de tempo de “O crime do Padre Amaro”, de “As Ilusões Perdidas”, de um Werter, mesmo na tradução de Castilho, de um “O Vermelho e o Negro” ou do delírio que nos envolve em Brás Cubas, nos “Karamazov”, novos deuses recriadores de homens e de mundos.

Nem nos lembrávamos de que não havíamos levantado o dinheiro do pensionato, nem mesmo o da lavadeira. Um cigarro atrás do outro ajudando a não dar trela “às questões materiais”. Ora, ora!

De forma que, quando vimos aquele acelerado de repórteres, redatores, revisores, gráficos, contínuos, em torno do rádio é que a custo

“

Nesta semana, torcendo pelo Brasil na camisa do Flamengo, terminei me vendo na culpa dos quatro pênaltis perdidos

nos apercebemos do grande evento a se desenrolar na Suécia. Além do mais, como gato escaldado, eu ainda não me refizera do trauma de 1950 vivido através do rádio com bancos interrompendo o tráfego da rua principal de minha Alagoa Nova.

Com o trauma, eu evoluíra para outras paixões, outros tentos. A própria realidade me oferecia novidades que já ambicionava em meus dezessete anos: o Brasil, lá no Rio Grande, encampava a Bond & Share e a ITT, medindo forças com o capital imperialista; JK desatende o FMI de um lado e atende à Hanna na exploração do nosso ferro; Anísio Teixeira lidera uma campanha nacional em defesa da escola pública contra o projeto privatista de Lacerda. O que nos divertia mesmo em seu humor político era Juca Chaves: “O Brasil já vai à guerra / Comprou porta-aviões / Um viva para a Inglaterra! / Oitenta e dois milhões: mas que ladrões!”. Quando vim descobrir Pelé, Vavá, Garrincha, heróis da consagração unânime, já foi na final da Copa.

Nesta semana, torcendo pelo Brasil na camisa do Flamengo, terminei me vendo na culpa dos quatro pênaltis perdidos. Exausto, correndo atrás do multinacional time francês a maior parte do tempo, não vendo bem o arco em frente, terminaram chutando com minhas pernas. E deu no que deu.

SECRETARIA DE ESTADO DA COMUNICAÇÃO INSTITUCIONAL EMPRESA PARAIBANA DE COMUNICAÇÃO S.A.



Gisa Veiga
GERENTE EXECUTIVA DE MÍDIA IMPRESSA

Naná Garcez de Castro Dória
DIRETORA PRESIDENTE

Amanda Mendes Lacerda
DIRETORA ADMINISTRATIVA,
FINANCEIRA E DE PESSOAS

Rui Leitão
DIRETOR DE RÁDIO E TV

A UNIÃO
Uma publicação da EPC

Av. Chesf, 451 - CEP 58.082-010 Distrito Industrial - João Pessoa/PB

Renata Ferreira
GERENTE OPERACIONAL DE REPORTAGEM

PABX: (083) 3218-6500

E-mail: circulacao@epc.pb.gov.br (Assinaturas)

ASSINATURAS: Anual R\$385,00 / Semestral R\$192,50 / Número Atrasado R\$3,30

CONTATO: redacao@epc.pb.gov.br / ouvidoria@epc.pb.gov.br

Fica proibida a reprodução, total ou parcial, de matérias, figuras e fotos autorais deste jornal, sem prévia e expressa autorização da direção e do autor. Exceto para impressão de cópias, com o fiel e real conteúdo, para uso e arquivo pessoal.

BALANÇO DO ANO

Criação do Código Sanitário marcou as ações da Agevisa

Proposta atualizou legislação do setor na PB e foi elogiada pela Agência Nacional

Pedro Alves
pedroalvesjp@yahoo.com

O ano de 2025 foi envolto de desafios e também de um grande marco histórico para a Agência Estadual de Vigilância Sanitária na Paraíba (Agevisa). Se, por um lado, o órgão teve que lidar com uma atenção ímpar quanto a estabelecimentos que comercializavam bebidas alcoólicas devido às diversas intoxicações registradas no país por causa de metanol em produtos irregulares, por outro, a Agevisa foi a fundação para a construção do Código Sanitário do Estado da Paraíba. A proposta, que foi do Executivo estadual, tornou-se lei em maio de 2025.

Trata-se de um aperfeiçoamento necessário para regulamentar as atividades sanitárias em todo o estado. A Agevisa comandou todo o debate para a criação da legislação, o que foi amplamente elogiado pela Agência Nacional de Vigilância Sanitária, que exaltou a preocupação do Governo do Estado em atualizar o marco legal.

Antes, as ações eram regulamentadas por uma lei estadual de 1982 e uma legislação nacional de 1977. O diretor-geral da agência, Geraldo Moreira de Menezes foi um dos entusiastas da formulação de legislação, que contou com vários seminários e discussões no âmbito local e nacional a fim da criação do código.

“Foi um ano bastante desafiador, mas também de muita alegria para a vigilância sanitária no estado. A Paraíba nunca teve um Código Sanitário e hoje nós temos. Nós fomos o primeiro estado a ter o seu Código. Alguns outros estados têm um Código de Vigilância e Saúde, mas o de Vigilância Sanitária especificamente o da Paraíba foi o primeiro. É importante porque dá uma sustentação para os nossos inspetores”, comentou Geraldo.

Anvisa Educa

Em 2025, a Agevisa realizou as primeiras visitas técnicas a escolas estaduais da Paraíba para avaliar os resultados das ações do projeto Anvisa Educa, que foi iniciado em agosto de 2024. O projeto vem oferecendo ações educativas em Vigilância Sanitária para professores e alunos de toda a rede pública estadual de ensino. O objetivo é orientar docentes e discentes para torná-los multiplicadores de informações de saúde e contribuir para o fortalecimento da promoção e defesa dos direitos dos consumidores.

O Anvisa Educa conta com uma coordenação nacional, composta por uma



Foto: Carlos Rodrigo

Diretor-geral da Agevisa, Geraldo Menezes, destacou ações realizadas para elaboração do código

equipe multidisciplinar de servidores da Anvisa, e tem coordenação estadual da Agevisa, em conjunto com a Secretaria da Educação.

“O Anvisa Educa é um projeto transformador porque é importante atuar pedagogicamente sobre Vigilância Sanitária. Formamos os professores e esses professores também passam a formar alunos sobre o tema. E todos passam a ser multiplicadores dentro do seu território, dentro das suas escolas e de suas casas. Se aprende, por exemplo, como se analisa um alimento vencido e até uma medicação. Assim como os alunos escutam há muitos anos sobre dengue, agora eles vão explicar em casa que um iogurte vencido pode gerar problemas sérios de saúde. É esse o papel do Anvisa Educa”, avalia Geraldo.

Interdições

Já o trabalho diário dos 17 inspetores que caem em campo, em toda a Paraíba, para analisar diversos tipos de estabelecimentos e suas condições de funcionamento nem sempre é dos mais prazerosos. Isso porque, segundo o diretor geral da Agevisa, ainda é muito comum a abertura de novas empresas que começam a atuar sem as devidas condições legais e de higiene. O que, naturalmente, resulta em atuações e até interdições.

O trabalho da Agevisa é justamente analisar os novos estabelecimentos

que começam a funcionar no estado e precisam adotar cuidados sanitários. Além, claro, de acompanhar os locais que já estão em atuação e que precisam manter o padrão de funcionamento atendendo os critérios técnicos da vigilância sanitária.

“O arco da Agevisa é enorme, como eu costumava dizer. A gente precisa analisar desde as condições físicas de uma farmácia e seus medicamentos até um hospital, para ver se os equipamentos estão em condições de serem utilizados. Tudo com muito bom senso, com muita cautela, registrando tudo, estabelecendo prazos para melhorias. Às vezes, nós somos tratados como vilões, mas a gente procura ter muito diálogo para que a saúde da população esteja em primeiro lugar”, comentou.

Segundo o diretor geral da Agevisa, cerca de 50% das interdições são oriundas de denúncias, enquanto a outra metade é de visitas recorrentes dos fiscais. As interdições acontecem em último caso, quando o estabelecimento não reúne condições realmente de funcionamento.

A maior parte das interdições é realizada em empresas que lidam ou com produtos e serviços de saúde ou do ramo alimentício. Ainda é muito comum, segundo Geraldo Moreira de Menezes, a venda de comida e de remédios vencidos.

“Acontece muitas in-

terdições nessa área que oferece serviços de saúde. Além dos estabelecimentos que vendem alimentos e medicamentos. São as áreas mais críticas. Muitas farmácias hoje atuam de maneira irregular. São muitas que surgem todo mês. Também observamos as condições sanitárias oferecidas ao trabalhador nos locais. Em qual condição está o trabalhador? Analisamos também isso na nossa atuação”, explicou.

Metanol

Em setembro e outubro deste ano, o Brasil registrou várias intoxicações por metanol que estavam presentes em bebidas alcoólicas. Os casos aconteceram especialmente no Sudeste. No entanto, todo o país ficou atento quanto a possíveis casos.

Na Paraíba, a Agevisa fez-se presente em uma força-tarefa junto à Secretaria de Saúde do Estado para realizar fiscalizações a fim de coibir e apreender eventuais produtos adulterados com a presença de metanol. No estado, apenas houve um caso suspeito de intoxicação, mas que logo foi descartado.

“Foram feitas fiscalizações importantes nesse sentido, mas não tivemos nenhuma apreensão por esse motivo. Até autuamos alguns estabelecimentos que vendiam bebida alcoólica, mas por conta de vendas ilegais, sem pagamento de imposto. Não houve nenhum caso de bebidas com metanol na Paraíba”, lembrou Geraldo.

Eduardo Augusto

eduardomelosocial@gmail.com

A Liturgia das Luzes Vazias

Para Nélida Campos, que me mostrou a beleza do Natal para além de suas luzes.

O outono ainda resistia, teimando em não entregar totalmente suas folhas ao inverno, quando as luzes começaram a aparecer. Primeiro, timidamente, uma guirlanda aqui, um pisca-pisca ali. Depois, numa explosão sincronizada, a cidade inteira se cobriu de um brilho artificial que prometia calor, mas emanava apenas o frio do plástico e do LED.

Ando pelas ruas e vejo a coreografia meticulosa do consumo. As vitrines não exibem mais produtos — encenam sonhos embalados em papel celofane. Bonecos de neve que nunca viram neve, renas em climas tropicais, Papais Noéis suados, sob trinta graus. Há uma farsa em andamento, e todos somos atores compulsórios.

Pergunto-me quando exatamente o menino na manjedoura, se é que algum dia esteve ali, foi substituído pelo cartão de crédito estendido sobre a mesa de cedro. Quando o “glória nas alturas” transformou-se no “compre agora, pague depois”. Quando o convite à contemplação virou convocação para a aquisição.

Os shoppings são nossas novas catedrais. Suas abóbadas são de vidro e aço, seus hinos são jingles otimistas, seus ritos são o passar do código de barras no leitor. A comunhão não se faz com pão e vinho, mas com embalagens descartáveis e brindes promocionais. A confissão acontece no caixa, quando admitimos quanto gastamos além do planejado.

Vejo famílias inteiras peregrinando entre corredores iluminados, crianças com listas de desejos mais longas que qualquer carta aos céus. Os olhos brilham, mas é o reflexo das luzes piscantes e não a centelha da alegria genuína. Há uma ansiedade no ar, uma pressa para comprar afeto, para embrulhar culpas, para presentear ausências.

O que celebramos? O aniversário de um homem que pregou a partilha do pão ou a apoteose do acúmulo? Que estranha alquimia transformou “amai-vos uns aos outros” em “compre para aqueles que ama”.

Talvez o sentido original tenha sido sempre uma ficção confortável. Talvez o Natal nunca tenha sido sobre simplicidade, mas sobre sobrevivência, primeiro do espírito no inverno rigoroso, depois do comércio nas economias em recessão. A nostalgia por um Natal “autêntico” pode ser apenas mais uma mercadoria, vendida em edições especiais de filmes, em panos de prato.

Mas ainda há brechas. Entre o ruído das caixas registradoras, ouço fragmentos de silêncio. Vejo, às vezes, mãos que se estendem não para receber pacotes, mas para acolher. Noto mesas onde se reparte mais comida que presentes. Descubro, em algumas janelas, apenas uma vela solitária, testemunha frágil contra a inundação luminosa.

O capitalismo é um sistema eficiente em cooptar símbolos, em esvaziar significados para enchê-los de novo com o líquido ácido do consumo. Mas não consegue, ainda, cooptar completamente o instinto humano de pausa, de encontro, de reconhecimento da própria finitude em meio à celebração.

Volto para casa sob a chuva fina que ameaça apagar algumas das luzes de rua. Penso que, talvez, a crítica mais contundente não seja recusar completamente o ritual, mas ressignificá-lo nas frestas. O verdadeiro ato subversivo pode ser presentear presença em vez de produtos. Pode ser escolher o ser sobre o ter, mesmo que por algumas horas, em alguns gestos.

O menino da manjedoura, se existiu, cresceu para pregar que o Reino não era deste mundo. Ironia cruel que sua festa de aniversário tenha tornado-se a celebração máxima deste mundo material. Mas nas brechas do sistema, nas escolhas pequenas e conscientes, talvez ainda seja possível acender uma luz que não seja para vender, mas apenas para iluminar.

Amanhã as lojas abrirão mais cedo. Os descontos serão maiores. E nós, deformados pela lógica do ter, teremos outra chance de escolher, mesmo que minimamente, o caminho de ser.

Alexandre Medeiros

Superintendente do HULW

“Com excelência no ensino e na pesquisa, o hospital tem que ser destaque na assistência”



Foto: Roberto Guedes

Em entrevista, gestor destaca os 45 anos da unidade hospitalar e a importância de atender com qualidade a população do estado

Camila Monteiro
milabmonteiro@gmail.com

Exercendo um papel voltado para o ensino, a pesquisa, a extensão e a assistência, o Hospital Universitário Lauro Wanderley da Universidade Federal da Paraíba (HULW-UFPB), vinculado à Empresa Brasileira de Serviços Hospitalares (Ebserh), comemora 45 anos. As celebrações foram marcadas pela visita do presidente da Rede Ebserh, Arthur Chioro, no dia 27 de novembro. Durante a cerimônia, foi dada a ordem de serviços para a aquisição de um novo aparelho de ressonância magnética, com um valor aproximado de R\$ 8,4 milhões. O equipamento permitirá qualificar a assistência e ampliar os atendimentos.

Para falar sobre o papel do HULW na rede de Saúde paraibana e na formação de profissionais no estado durante esses 45 anos, além das perspectivas para o futuro, o jornal **A União** entrevistou o médico Alexandre Medeiros de Figueiredo, superintendente do HULW-UFPB. Durante a conversa, ele destacou a incumbência dos hospitais universitários em serem destaque tanto no ensino e na pesquisa quanto na assistência.

Entrevista

■ *O que esse marco dos 45 anos representa para o HULW?*

São 45 anos de uma história que retrata bem o esforço da Paraíba de se desenvolver economicamente, socialmente, de garantir formação de profissionais e de oferecer assistência de qualidade. A construção do nosso hospital, na verdade, começou em 1968. Uma parte foi entregue em 1975 e, em 1980, que é o marco agora dos 45 anos, ele foi entregue na sua totalidade. O HULW representa um hospital de alta qualidade, que preparou praticamente todos os profissionais do estado durante um bom tempo, na Medicina e em outras áreas da Saúde. São muitas pessoas formadas se destacando, tanto aqui na Paraíba como no mundo. E do ponto de vista assistencial, ele é o hospital de referência do SUS. E é um hospital de todos os paraibanos. Só para ter uma ideia, nós temos 1,2 milhão de prontuários ativos. Se a população do estado é de cerca de quatro milhões, isso significa que uma parte significativa dos habitantes do estado está vinculada a nós de alguma forma. Isto é, já foi consultada, já fez exame, já foi internada aqui no nosso hospital. Então, 45 anos de uma história que nasce do sonho de formar profissionais e de garantir assistência de qualidade é um marco considerável.

■ *Ainda no contexto das comemorações, foi anunciado o investimento para aquisição de um equipamento de ressonância magnética. De que forma esse aparelho vai ampliar a capacidade diagnóstica e impactar o atendimento à população?*

Bem, já começa com a melhoria da qualidade da imagem. E, por ser mais moderno, ele consegue fazer um exame em menor tempo. Então, isso faz com que tenhamos uma maior capacidade de oferta para a nossa população. Além de tudo, estamos trabalhando também com inovação em tecnologia. Começamos, neste mês de dezembro, a implantação de um sistema de digitalização de imagem, o que vai proporcionar uma maior possibilidade de pesquisas, uma maior aproximação com a universidade e busca

por inovação. Teremos uma grande base de dados para que a gente possa, por exemplo, fazer pesquisa para identificar mais precocemente tumores, usar inteligência artificial para analisar as imagens, tentar identificar lesões suspeitas com mais rapidez. Eu vejo de forma muito promissora todos esses passos que estamos dando e não só pensando no equipamento em si, mas em como a gente pode utilizar esses aparelhos da melhor forma possível. Então, o equipamento não representa só uma nova aquisição, novas imagens, melhor qualidade na imagem, mais acesso, mas é a possibilidade de a gente alçar voos maiores.

■ *Quais foram os desafios enfrentados nessa trajetória de 45 anos e como eles moldaram a identidade e o papel atual do hospital na rede pública de Saúde da Paraíba?*

O primeiro desafio de todos os hospitais universitários, na verdade, é que eles são construídos na lógica da formação de colaboradores para o sistema de Saúde. E, com esse papel de excelência no ensino e também na pesquisa, o hospital tem que ser destaque na assistência. Acho que a primeira grande dificuldade é se constituir como esse espaço de formação e de fazer isso de forma integrada. Depois vieram outros. A gente teve, no final dos anos 2010, aposentadorias em massa e uma dificuldade de manutenção dos hospitais, tanto do ponto de vista de recursos como também da força de trabalho. Então, criou-se a Ebserh em 2013. A partir daí, em vez de cada um agir de maneira independente, agora uma empresa administra os hospitais universitários. E a ideia é constituir-se como uma rede para ganhar escala, para conseguir desenvolver políticas públicas de forma mais assertiva e, especialmente, resolver o problema da falta de pessoal e de investimentos. Isso foi também um marco importante para todos os HUs do Brasil. A Rede Ebserh hoje tem 45 hospitais em 25 estados do Brasil, mostrando essa capilaridade da rede.

■ *Quais as principais mudanças neste período e como o hospital pretende se*

adaptar a elas?

O país mudou muito. Há 45 anos, convivíamos muito mais com doenças infectocontagiosas, não tínhamos uma população tão envelhecida, não tínhamos tantos problemas de saúde mental como temos hoje. Então, os desafios estão sempre mudando, e precisamos pensar no futuro. Estamos começando agora uma obra de adaptação do prédio para incêndios, vamos colocar em todo o hospital aqueles equipamentos que jorram água e detectores de fumaça. Nós vamos ter uma nova ressonância magnética, a mais moderna do estado. Estamos criando um centro obstétrico. Sempre existiu partos aqui, mas eles ocorrem ainda de forma adaptada. Estamos criando um espaço específico para o centro obstétrico. E vamos também avançar em outras áreas. Queremos entrar na oncologia. Então, estamos trabalhando para fazer o hospital se adaptar às necessidades de formação e também às necessidades do povo paraibano.

■ *Com investimentos que ultrapassam milhões de reais, como o senhor avalia o papel da Ebserh nesse processo de fortalecimento estrutural e tecnológico do HULW?*

A Ebserh é uma empresa que foi constituída naquela situação de escassez de profissionais e necessidade de investimento. Além de suprir essas demandas, ela tem também como objetivo a otimização de processos administrativos, justamente a partir da construção de uma rede. Então, por exemplo, hoje, a Ebserh nos ajuda no processo de compras centralizadas, o que reduz o custo, porque, se você consegue ter um maior número de itens sendo comprados, você consegue negociar e reduzir o preço. Outro fator é que, quando temos uma rede, conseguimos nos qualificar para fazer debates que são muito importantes e que estão na agenda da empresa hoje e do país como um todo, especialmente do governo do presidente Lula. Você tem uma rede de hospitais que usa o mesmo sistema de prontuário eletrônico, que tem 27 milhões de pessoas. É um campo importante para fazer pesquisa clínica, pesquisa de desenvolvimento de materiais, de insumos. Então, veja, fazendo isso em rede, nós conseguimos ser um espaço que vai rapidamente fazer com que o país consiga desenvolver suas tecnologias, consiga trabalhar em parceria, inclusive, com empresas privadas nacionais e internacionais, para que a gente possa desenvolver insumos, equipamentos para dar, inclusive, autonomia ao Brasil. A Ebserh tem uma capacidade de efetuar uma resposta articulada que é muito maior do que qualquer hospital universitário sozinho.

■ *O HULW recebeu certificações importantes, incluindo reconhecimento por práticas de segurança do paciente e a certificação da Unidade de Terapia Intensiva (UTI) Adulto como UTI Eficiente. Como esses selos refletem o trabalho interno e os esforços da equipe?*

Esses selos, na verdade, fazem parte de uma coisa que é maior, pois o selo é a concretude disso. A obtenção desse reconhecimento faz parte do trabalho das nossas equipes, que se motivam a partir do que está estabelecido nos critérios, conseguindo, trabalhando, focando naqueles itens que estão ali, e, assim, melhorando a qualidade da assistência. O selo é quase uma consequência. E a gente fica muito feliz, porque temos dois selos em áreas importantes. Primeiro, da Unidade de Terapia Intensiva (UTI), que dispensa muitas explicações, porque a UTI é um espaço muito importante quando a gente está com um paciente grave. E, segundo, da própria segurança do paciente. Nos nossos hospitais, na verdade, em todos os hospitais do mundo mesmo, a preocupação com a segurança do paciente deve ser cada vez maior. Porque a gente tem que ter muita clareza do que a gente está fazendo com os pacientes, para que nada que a gente faça possa trazer prejuízo. Isso é uma vigilância constante. Então, com tudo isso — tendo esses protocolos, tendo essas ações e com a fiscalização —, vamos melhorando a qualidade e isso se reflete na melhoria da saúde da nossa população.

■ *O hospital também foi homenageado pela formação de profissionais angolanos. Como esses intercâmbios fortalecem o papel do HULW como instituição de ensino?*

Eu sou entusiasta da cooperação internacional. Na verdade, da cooperação entre civis, porque, toda vez que temos contato com outras realidades, começamos a avaliar as coisas sob uma outra perspectiva. Segundo, porque aprendemos e ensinamos. Então, é sempre muito produtivo. Esse processo de cooperação com Angola está sendo desenvolvido pela Ebserh. Nós, no primeiro momento, disponibilizamos vagas para as residências médicas. E, agora, estamos em parceria com a UFPB, ofertando mestrado e doutorado. Essa colaboração traz sempre benefícios. E é também uma forma de apoiarmos outros países que têm um laço com o Brasil. E, só para terminar, a gente fica feliz, porque um dos especializando que fez um curso de formação aqui, em Epidemiologia, veio agradecer porque foi aprovado no mestrado da Fundação Oswaldo Cruz (Fiocruz). Então, o que ele vai desenvolver no país dele é a melhoria da assistência à população na questão da redução da mortalidade materna. Esse é o resultado que a gente espera, que é o desenvolvimento de pessoas e a melhoria dos indicadores de qualidade no Brasil e fora do Brasil.

■ *Sendo um hospital universitário, o HULW tem simultaneamente funções assistenciais, acadêmicas e científicas. De que forma o senhor enxerga o papel do HULW na formação dos profissionais de saúde da Paraíba e no desenvolvimento de pesquisas aplicadas ao SUS?*

O Hospital Universitário tem que ser o farol do desenvolvimento

da formação, da pesquisa, da inovação e da extensão na área da Saúde aqui, no estado da Paraíba. Então, essa é a nossa visão. Mas não só o ensino no campo da Saúde, que é extremamente importante, mas utilizar o hospital, como a gente já tem feito, para ser área de formação e ser escola em todas as áreas. Porque um hospital-escola, ele tem que ser escola para a área da Saúde e ele tem que ser escola para todos os profissionais que vão trabalhar dentro dos hospitais. Isso demanda uma formação que remete a toda complexidade de uma unidade de saúde. Então, ter a possibilidade de entender que nós somos campo de formação, não só na área da Saúde, mas para toda a universidade, é um dos pontos. Quando a gente traz as pessoas de outros cursos, traz inovação para o hospital, também melhora as funções, proporciona reflexões sobre os processos de trabalho, traz pesquisa de qualidade para o hospital, melhora os financiamentos. Então, temos a compreensão que o nosso papel é ser protagonista. Nós temos que ser a vanguarda do ensino, da pesquisa, da extensão, da inovação e do cuidado assistencial aqui, na Paraíba.

■ *Sobre as metas para 2026, uma das prioridades é a redução da fila cirúrgica. Quais estratégias estão sendo planejadas para alcançar esse objetivo de forma consistente e sustentável?*

Nós estamos trabalhando em várias frentes. Conseguimos melhorar nosso acesso a consultas e exames laboratoriais. Para você ter uma ideia, o número de procedimentos ambulatoriais que a gente fazia, em média, era 480 mil. No ano passado, que foi o melhor ano do HULW, conseguimos alcançar 496 mil no ano. Em setembro deste ano, chegamos a 503 mil. Vamos chegar a 700 mil até o final do ano. Então, a gente está aumentando 40% da oferta ambulatorial. Na cirurgia, ainda precisamos avançar. Então, o que a gente tem que ver? Ser articulado mais efetivamente com a Secretaria Municipal para melhorar as agendas aqui. Mas o mais importante é que nós estamos nos debruçando sobre o funcionamento do bloco cirúrgico, sobre a definição da compra de insumos, melhorando o nosso processo de regulação, para que a gente possa ter uma melhor organização, um melhor uso da nossa estrutura. Além disso, estamos investindo em equipamentos e salas. Estamos reformando as salas para que a gente tenha condição de ofertar um espaço com melhor qualidade para os nossos profissionais e para os nossos pacientes. Nós mais que dobramos, por exemplo, a compra de insumos oftalmológicos para realizarmos cirurgia de catarata e todos os procedimentos de oftalmologia. Além disso, estamos organizando os processos para que a regulação seja feita para diminuirmos a taxa de suspensão de cirurgias, para diminuirmos absenteísmo. Este tem sido o foco do nosso trabalho para melhorar a oferta de procedimentos cirúrgicos.

FÉRIAS

Época de brincar e também aprender

Projetos culturais e espaços públicos garantem opções educativas para crianças durante o recesso escolar

Camila Monteiro
milabmonteiro@gmail.com

As férias escolares trazem um desafio para os pais: ocupar a criançada. Mas não de qualquer maneira, o ideal é preencher o dia com atividades benéficas para o desenvolvimento. As colônias de férias e os aparelhos públicos, como o Parque Zoobotânico Arruda Câmara, o Jardim Botânico Benjamim Maranhão e o Espaço Cultural José Lins do Rêgo são opções para os pequenos aproveitarem o período de recesso.

De acordo com a psicóloga Bianca Fernandes, as interações sociais proporcionadas nesses momentos são essenciais para o desenvolvimento infantil. “Criança aprende com outras crianças e com adultos mediadores. Os educadores, os professores, os monitores da colônia de férias, os instrutores, quem tiver ali, vai ser o adulto mediador. Por meio dessa mediação e do contato com outras crianças, o público infantil internalizará regras, conseguirá construir novas formas de comunicação e perceberá novas formas de agir no mundo”.

A psicóloga explica, ainda, que cabe ao professor-recreador ofertar um espaço no qual a criança tenha autonomia para se desenvolver, possibilitando circunstâncias para impulsionar a cooperação, além da superação de situações de conflitos. “Ali ela vai se confrontar com diversos sentimentos — a frustração,



Fotos: Thaís Franca/Arquivo Pessoal



Isabela Franca, de oito anos, junto com sua mãe Thaís, aproveitaram o período sem aulas para visitar e acompanhar as atividades promovidas no Parque Zoobotânico Arruda Câmara, a Bica

jam estimuladas”.

Outro ponto fundamental para a evolução dos pequenos é o brincar, como aponta o empresário do ramo de recreação infantil e esporte educacional, Lacerda Costa, conhecido como “Tio Lacerda”. “É pela brincadeira que ela [a criança] desenvolve habilidades físicas, emocionais e sociais,

cria laços afetivos, fortalece a autoestima e se sente verdadeiramente feliz”, destacou.

Assim, para proporcionar momentos de lazer e de crescimento, o público infantil de João Pessoa vai contar com uma agenda especial no mês de janeiro. O projeto Férias Funesco, por exemplo, vai acontecer de

19 a 25 de janeiro, na capital paraibana. A iniciativa acontece no Espaço Cultural José Lins do Rêgo, no bairro de Tambauzinho. Também serão realizadas atividades em Cabedelo, no Teatro Santa Catarina; em Campina Grande, no Cineteatro São José; e em Cajazeiras, no Teatro Íracles Pires. As vivências lúdicas incluem exercícios no âmbito das artes visuais, circo, dança, teatro, música, audiovisual e literatura.

Está aberto, inclusive, o edital para a seleção de grupos e/ou artistas para a realização das 29 atividades que vão integrar a programação do projeto. O período de inscrição vai até as 17h do dia 26 de dezembro, por meio do endereço eletrônico <https://funesc.pb.gov.br/>.

Também vai ser possível curtir uma agenda diferenciada no Parque Zoobotânico Arruda Câmara, a Bica. A programação de atividades que acontecerá no mês de janeiro será divulgada posteriormente.

A advogada Thaís Franca é mãe de Isabela, de oito anos, juntas, elas aproveitaram a programação gratuita do Férias Funesco do ano passado. “Fomos, quase todos os dias, aproveitar as atividades de férias que o Espaço Cultural proporciona. Também fomos bastante para a Bica e para a praia”.

Atividades em parques estimulam criatividade

O Jardim Botânico Benjamim Maranhão organiza, todos os anos, o Férias no Jardim, com atividades que incluem trilhas, oficinas e ações de educação ambiental, todas com a finalidade de promover o contato com a natureza. Ainda não foi liberada a programação de 2026, mas, neste ano, a agenda aconteceu sempre aos sábados com atividades gratuitas.

O Parque Sólido de Luceana, também conhecido como Parque da Lagoa, é uma outra opção para os pais que querem aproveitar atividades gratuitas e ao ar livre.

Outra possibilidade para quem deseja ocupar os pequenos com atividades dinâmicas, voltadas para estimular a criatividade e o movimento do corpo, são as colônias de férias. “Construímos uma programação especial, visando proporcionar momentos únicos de amizade, diversão e memórias afetivas”, pontuou Lacerda Costa.

A Colônia de Férias do Tio Lacerda vai acontecer de 12 a 16 e de 19 a 23 de janeiro, com atividades das 13h às 17h, na Associação do Pessôal da Caixa (APCEF-PB), no bairro do Altiplano. As atividades serão direcionadas para crianças de três a 14 anos. As inscrições estão abertas e podem ser realiza-

das diretamente no clube ou por meio do WhatsApp (83) 98862-2755. O investimento é R\$ 280, cada semana.

“Resgatamos a verdadeira essência de ser criança. Unimos brincadeiras de antigamente a uma programação moderna, lúdica e envolvente, criando experiências que ficam guardadas no coração para toda a vida”, explicou o recreador.

O Sesc Paraíba traz a iniciativa Brincando nas Férias, que acontece de 12 a 16 de janeiro, no Sesc Gravatá, em João Pessoa, e no Sesc Açude Velho, em Campina Grande. Também haverá atividades nas unidades de Guarabira, Patos, Sousa e Cajazeiras. Para a capital, as inscrições que abriram no dia 9 deste mês já se encerraram, pois as 180 vagas ofertadas já foram preenchidas. No dia 10 de janeiro, às 13h, no Teatro do Sesc Centro de Cultura, Arte e Esporte vai haver uma reunião com os monitores e pais dos inscritos. As práticas vão ser focadas no público infantil e juvenil, com uma programação diversificada focada em lazer, esporte e cultura. Os valores foram diferenciados: para os trabalhadores do comércio e seus dependentes, R\$ 200; para os conveniados R\$ 250 e para o público em geral R\$ 300.

a felicidade, a angústia de perder, a euforia de ganhar, o medo do novo —, tudo isso vai fazer com que as funções psicológicas e cognitivas se-

Clubes oferecem programação variada em CG

Maria Beatriz Oliveira
Obeatriz394@gmail.com

Em Campina Grande, nesse período, as colônias de férias tornam-se bastante requisitadas e os clubes sociais já começaram a divulgar suas programações, oferecendo opções para preencher o tempo da criança.

O Sesc Açude Velho iniciou, no dia 9 de dezembro, as inscrições para a nova edição da colônia de férias Brincando nas Férias. Voltada para o público infantil e juvenil, a iniciativa será realizada, simultaneamente, em mais seis cidades da Paraíba, além da Rainha da Borborema, oferecendo uma programação variada com foco em lazer, esporte e cultura. O evento acontecerá de 12 a 16 de janeiro de 2026, e as inscrições permanecerão abertas até o preenchimento das vagas. Em Campina, estão disponíveis 150 vagas para crianças de cinco a 12 anos.

Os valores de participação variam: R\$ 300 para o público em geral, R\$ 200 para trabalhadores do comércio e seus dependentes, e R\$ 250 para conveniados do clube. As inscrições podem ser realizadas nos centros de atendimento das unidades do Sesc nas cidades participantes. Mais informações estão disponíveis pelo telefone (83) 98159-2670 ou no [site sescpb.com.br](http://site.sescpb.com.br).



Foto: Julio Cezar Peeres

Incrições para o Festival de Verão Campestre 2026 foram abertas, com taxas de R\$ 60 e R\$120

O Clube Campestre também deu início às inscrições para a colônia Festival de Verão Campestre 2026. A programação é destinada a crianças de três a 13 anos e conta com taxa de R\$ 60 para sócios e R\$ 120 para não associados. As atividades terão início em 12 de janeiro e seguirão até 17 de janeiro, acontecendo das 14h às 17h30, de segunda a sexta-feira, e das 9h às 12h, aos sábados.

As inscrições podem ser feitas até o dia 5 de janeiro, exclusivamente de forma presencial, na secretaria do clube, localizada na Avenida Dr. Elpidio de Almeida, no bairro Catolé. As crianças inscritas poderão participar de atividades como recreação aquática, futebol de sabão, brinquedos infláveis, pintura artística, horta, gin-

canas, dança, ginástica, balé e circuito esportivo.

O Complexo K, clube esportivo de Campina Grande, também definiu sua programação de colônia de férias. A Colônia de Férias do Tio Lacerda, conduzida pelo professor Lacerda Costa, co-

nhecido pelo trabalho com recreação infantil, terá três semanas de duração, de 5 a 23 de janeiro. O investimento é de R\$ 250 para uma semana, R\$ 480 para duas semanas e R\$ 700 para o pacote completo das três semanas de recreação.

Saiba Mais

Como escolher uma colônia de férias

A psicóloga Bianca Fernandes destacou pontos importantes para os pais ficarem de olho na hora de eleger um local para deixarem os pequenos durante as férias escolares. Confira:

- Ambiente seguro e monitorado;
- Comunicação transparente: a criança precisa estar a um telefonema de distância dos pais, caso aconteça alguma coisa;
- Ambiente acolhedor;
- Profissionais capacitados;
- Valorização das interações sociais;
- Estímulo à diversão e à brincadeira, mas também à criatividade, à imaginação e ao aprendizado.

MEDICAMENTOS

Descarte incorreto provoca riscos

Especialistas alertam para a contaminação da água e o surgimento de bactérias resistentes a antibióticos

Marcelo Lima
marcelolimnatal@yahoo.com.br

Nem ralo, nem lixo comum. Os medicamentos vencidos ou engavetados sem planos de uso devem voltar para farmácias e unidades de saúde. Pelo menos é o que determina a legislação federal. Essa é só a primeira etapa de um longo processo para evitar a contaminação reversa das pessoas, por meio de rios e terras poluídas, com substâncias que só deveriam promover a saúde humana.

Mesmo sem saber das orientações legais, a aposentada Elza Grubert diz tomar a ação correta. “Já aconteceu, mas sempre tem os lugares para descarte: farmácia, laboratório. É raro vencer ou sobrar remédios em casa, mas, quando acontece, procuro descartar no lugar certo. O meio ambiente está precisando de preservação”, falou, enquanto passeava pelos corredores de uma loja da Redepharma.

Localizada em Tambaú, a unidade em que Elza fazia compras possui dois recipientes sinalizados. Nelles, qualquer pessoa pode lançar os remédios velhos e suas embalagens, sejam líquidos ou comprimidos. As exceções são medicamentos com agulhas, seringas ou vidros quebrados.

De acordo com uma farmacêutica presente, o hábito de jogar os remédios pelo vaso sanitário ainda é muito comum na população. Um dos motivos para isso é que o decreto federal sobre a destinação correta tem apenas cinco anos. “Sempre tento orientar os meninos, principalmente do balcão, para informar aos clientes sobre o descarte correto tanto da emba-



lagem quanto dos medicamentos”, disse Dominiquy Kelly de Souza.

Contaminação reversa

A água contaminada por antibióticos, por exemplo, dificilmente será purificada mediante um tratamento sanitário comum. Esse é um cenário extremo, porém, possível em um mundo onde os medicamentos são descartados de qualquer forma. É o que garante a engenheira sanitária e ambiental Marcela Macêdo.

“No final, podemos estar consumindo uma água tratada, mas com macropoluentes, como antibióticos que não são retirados no processo. A destinação correta é fundamental para que a gente evite isso”, informou a especialista. Segundo

ela, apenas métodos de tratamentos muito especializados são capazes de eliminar antibióticos da água para consumo humano.

O desenvolvimento de superbactérias resistentes a antibióticos é uma das piores consequências do uso involuntário desse tipo de medicação. Além disso, há a possibilidade de contaminação e sobrecarga de órgãos processadores das substâncias absorvidas pelo corpo humano, como fígado e rins.

Quando descartado incorretamente, esse tipo de lixo pode percorrer inúmeros

caminhos, ou seja, o retorno maléfico dessas substâncias para o cotidiano humano pode se manifestar de formas variadas. No caso de medicamentos lançados em ralos de pias ou vasos sanitários — o método mais comum de descarte —, a rede de esgoto, o sistema de tratamento, os rios e, finalmente, o oceano podem ser pontos do percurso ou o destino final do princípio ativo contaminador.

“Se um peixe ingerir um medicamento, que não foi produzido para ele, e a gente consumi-lo, essa substância pode chegar ao nosso

organismo. A longo prazo, pode provocar efeitos colaterais, além do prejuízo que pode causar ao próprio peito”, explica a farmacêutica Dominiquy Souza. Nas casas onde os dejetos são direcionados para “fossas negras”, o descarte incorreto pode prejudicar o solo e os lençóis freáticos.

Colecionadores

As farmácias das unidades de saúde também devem ter pontos de coleta desse tipo de lixo. Na Unidade de Saúde da Família (USF) São José, em Manaíra, um banner da campanha

Efeito

Ação irresponsável pode gerar a sobrecarga e a consequente deterioração de órgãos processadores das substâncias absorvidas pelo corpo humano, como fígado e rins

Descarta João Pessoa sinaliza o recipiente de destinação dos medicamentos.

Com décadas de profissão, o farmacêutico da unidade César Castro observou que muita gente tem o mau hábito de colecionar remédios para uma eventual necessidade futura. Mas a precaução tem limite — nesse caso, ela esbarra na data de validade dos remédios.

“Às vezes, a pessoa vai fazendo um armazenamento. Aí, vence e chega aqui perguntando o que fazer. Não é que o remédio vira um veneno se for usado depois do vencimento, ele vai perdendo as forças com o passar do tempo, até que um dia ele não tem mais efeito nenhum. Mas também, de um dia para o outro, ele não perde a sua força”, tranquilizou Castro.

Mesmo assim, ele não recomenda a ingestão de medicamentos vencidos em situação alguma. Na farmácia da USF São José, os remédios são retirados da prateleira alguns dias antes do vencimento, segundo ele. Em casa, vale ter atenção especial para fármacos com prazo de validade reduzido depois de abertos.

Incineração é o último destino para os remédios recolhidos

Os recipientes de lixo de medicamentos velhos nas farmácias e unidades de saúde são apenas a parte visível de uma cadeia mais longa de logística reversa. Definido pelo Decreto Federal nº 10.388, o conjunto de procedimentos e ações que visa fazer a destinação final ambientalmente correta desse tipo de produto está em vigor desde 2020.

Depois de acumulado, o lixo de medicamentos domésticos segue para bombonas, uma espécie de balde gigante com tampa, e permanece à espera do recolhimento periódico. Esse tipo de lixo não pode se misturar com lixo hospitalar.

A norma federal considera a incineração como “padrão ouro” de tratamento final desse resíduo. Instalada no Distrito Industrial de Souza, a empresa Biotrash atua com essa técnica e atende a mais de mil clientes, públicos e privados, nos estados da Paraíba, Ceará, Pernambuco e Rio Grande do Norte.

“Temos um incinerador de câmara dupla. Lá, tudo é



O incinerador, localizado em Souza, funciona em uma temperatura superior a 900 °C

incinerado em temperatura acima de 900 °C. A maioria desses medicamentos vira cinzas. O que não vira cinza é o vidro. Mas todo esse

material que sobra é guardado e encaminhado para um aterro sanitário”, explicou Marcela Macêdo, engenheira sanitária e ambiental

que trabalha para a empresa.

O decreto federal também lista o coprocessador e o aterro sanitário classe

1 (para perigosos contaminantes e outros) como forma de destinação segura, mas menos efetiva que a incineração. No coprocessamento, os medicamentos domiciliares são levados para fornos de cimenteira junto com matérias-primas e resíduos industriais para serem transformados em cimento.

Revisão legal

Embora as regras atuais para destinação de remédios antigos sejam de 2020, o próprio decreto prevê a sua revisão no prazo de cinco anos. Além disso, há a determinação de produção de relatórios anuais de desempenho, elaborados pelo setor e encaminhados ao Governo Federal por meio do Sistema Nacional de Informações sobre Gestão dos Resíduos Sólidos (Sinir).

A nossa equipe de reportagem entrou em contato com o Ministério do Meio Ambiente e Mudança do Clima (MMA) para saber sobre o processo de revisão e obter dados estaduais ou locais dos relatórios

rios — uma vez que a área de acesso público do Sinir na internet está desatualizada; no entanto, não obtivemos resposta até a conclusão deste conteúdo.



O que não vira cinza é o vidro. Mas todo esse material que sobra é guardado e encaminhado para um aterro sanitário

REINTEGRAÇÃO SOCIAL

Reeducandos semeiam esperança

Além de promover a remição de pena, projetos de ressocialização alimentam oportunidades para detentos no estado

Emerson da Cunha
emerson.auriao@gmail.com

A horta faz um desenho de “u” nos fundos da Penitenciária Padrão de Santa Rita. Os canteiros separam plantações variadas. Cebolinha, cenoura, beterraba, nabo, tomate, pimentão, quiabo, repolho, todos vão para o consumo interno, mas há excedentes doados para colégios, creches, asilos e hospitais. A iniciativa da criação da horta veio do diretor da unidade, Carlos Soares, em 2024. Ele avaliou que havia anseio pela melhoria da alimentação e deu início a uma horta na área da frente da penitenciária. Mas foi apenas com a chegada do técnico agroecólogo Lucas Brás que o plantio ganhou mais corpo e passou a fazer parte de um programa maior da Secretaria de Estado da Administração Penitenciária (Seap), o Hortas para a Liberdade. Agora, todos estão, literalmente, colhendo os frutos.

“Temos hoje, na horta, 12 apenados participantes, e a tendência é aumentar, porque, na segunda etapa do projeto, teremos a parte das frutas”, prevê Soares, comemorando o crescente interesse dos detentos em integrar a iniciativa. Parte desse interesse vem do fato de que o trabalho ajuda a remir suas penas, ou seja, diminuir-las: a cada três dias de trabalho, é retirado um dia de pena. Um dos beneficiados é o reeducando J. F. S., que faz parte do projeto há cerca de três meses e, antes de começar a prática do plantio, passou por curso de hortas agrícolas.

“É um trabalho humano voltado para resgatar pessoas, aquelas que querem ter oportunidade”, explica J., que não tinha experiência anterior com agricultura. “É uma área que eu não conhecia e acabei me inserindo por completo. A gente vê que a horta em si não é apenas um trabalho mecanizado, ela requer que você tenha amor ao que faz”, diz o reeducando.

O diretor explica que há



Fotos: Evandro Pereira

Alcance

A Secretaria de Estado da Administração Penitenciária desenvolve mais de 20 iniciativas de reabilitação no sistema carcerário paraibano

alguns fatores que fazem do projeto uma ferramenta para a melhora da vida dos apenados. Além da remição de pena, a iniciativa permite que, com o aprendizado, os participantes possam sair como profissionais, ajudan-

do a diminuir a reincidência criminal — que geralmente acontece nos primeiros meses, após a saída da prisão. “Eles sairão daqui com um diploma, um certificado, aptos para o retorno à sociedade. Terão um norte na vida”.

Além da Penitenciária de Santa Rita, o Hortas Para a Liberdade, que existe desde 2017, acontece em presídios de João Pessoa, Bananeiras, Solânea, Remígio e Sapé. “A primeira etapa é o estudo de implantação e a própria implantação da horta. A segunda consiste no treinamento dos reeducandos e, aí, monta-se uma equipe na unidade. Após isso, o papel do programa é prestar assistência técnica, mantendo as hortas produtivas”, detalha Brás, que coordena o projeto em todo o estado.

Há, ainda, três agroin-

Participantes do Hortas para a Liberdade passam por um curso de agricultura para plantar e colher produção em unidades prisionais

dústrias responsáveis pela manipulação e pelo beneficiamento de algumas das produções das hortas. Em Santa Rita, é fabricado picles; em Remígio, são as conservas de pimenta; em Sapé, é feita geleia de morango.

Políticas públicas

O programa é um dos mais de 20 projetos de ressocialização desenvolvidos nas unidades prisionais da Paraíba pela Seap, em parceria com instituições como o Tribunal de Justiça da Paraíba (TJPB), o Ministério Público do estado (MPPB) e a

Universidade Federal da Paraíba (UFPB). Além do foco no trabalho, há iniciativas que fomentam o estudo e a leitura como outros meios de remição penal.

“O projeto de ressocialização é importante, porque tem uma ocupação para o preso durante o dia, e ele estará remindo pena”, resume o titular da Seap, João Alves. “Uma das primeiras coisas que as pessoas de boa índole — ou que querem deixar de estar presas — pedem, quando chegam [à unidade prisional], é ter a oportunidade de trabalhar para ante-

cipar a saída”, defende.

Como informa o gerente-executivo de Ressocialização da Seap, João Rosas, esses programas são políticas públicas pensadas e institucionalizadas em planos estaduais. “São fundamentais para que a gente possa avançar com a inserção dessas pessoas em atividades produtivas, com diagnóstico — feito a partir de comissões técnicas de classificação e triagem — para identificar a real necessidade de cada uma delas e traçar planos individuais de atenção”, defende João.



Além de confecções, programas incentivam a leitura e o estudo

São diversas as frentes em que os apenados podem se envolver no estado. Detentos da unidade prisional de Esperança podem se engajar, por exemplo, na construção de telescópios, por meio do projeto Esperança no Espaço.

Há também o Castelo de Bonecas, que ensina corte e costura na Penitenciária de Reeducação Feminina Júlia Maranhão, na capital, e na Penitenciária Feminina de Campina Grande, para a confecção de bonecas e de artigos do lar, por parte das reeducandas. A iniciativa deverá, inclusive, ser ampliada para comportar a fabricação de fraldas e absorventes.

Mais recentemente, o Presídio Feminino de Patos foi

mais uma unidade a receber um espaço de corte e costura, que deve ser voltado à produção de bonecas, vestuário e fardamento. A ideia é fomentar, ainda, a criação de uma cooperativa de egressas.

Em relação às atividades de leitura, conforme a legislação, a cada livro lido, o apenado tem direito a quatro dias de remição de pena, limitados a 12 volumes por ano. Nesse âmbito, a Paraíba conta com o Leitura Liberta, aderido por cerca de oito mil dos 11 mil apenados que integram a rede prisional no estado, e o Virando a Página, projeto-piloto lançado, neste ano, no Presídio Sílvia Porto, em João Pessoa.

Diferentemente do Leitura Liberta, em que basta haver o

interesse do detento para participar, a nova ação é voltada para aqueles que tenham sido julgados por violência doméstica ou contra a mulher, promovendo a leitura de livros sobre o tema. Além de servir para remição de pena, o Virando a Página visa reduzir a reincidência criminal e transformar o comportamento dos agressores.

Quanto ao estudo, são ofertadas aulas de Educação para Jovens e Adultos (EJA) nas unidades prisionais, assim como a possibilidade de os reeducandos seguirem o Ensino Superior. Nesses casos, de acordo com a Lei de Execução Penal (LEP), cada 12 horas de estudos levam à remição de um dia de pena.

Justiça e Ministério Público compõem rede de apoio e validação das ações

Dois parceiros fundamentais da Seap para o avanço dessas iniciativas são o TJPB e o MPPB. É nas mãos de promotores de Justiça e de juizes que está a decisão sobre a remição das penas. Inicialmente, a cada trimestre, a Seap encaminha relatórios sobre a participação dos apenados em cada projeto.

A documentação é inserida no processo de cada reeducando no Sistema Eletrônico de Execução Unificado, vinculado à Vara de Execução Penal do TJPB. Estando tudo certo, o processo é enviado ao promotor de Justiça, que confere se os requisitos do benefício foram atendidos e

manifesta-se por conceder ou não a remição, antes da homologação por parte da instância judiciária. Sendo concedida a remição, é feita a atualização da situação carcerária do reeducando, com o objetivo de registrar a concessão e proceder novos cálculos dos benefícios.

De sua parte, o TJPB também cria e financia projetos de ressocialização, como o Grupo de Monitoramento e Fiscalização (GMF) do Sistema Carcerário e do Sistema de Cumprimento de Execução de Medidas Socioeducativas. “Compete ao Judiciário não apenas fiscalizar as condições dos estabelecimentos prisionais, mas

também fomentar e viabilizar programas que preparem o indivíduo para o retorno ao convívio social”, explica a juíza auxiliar da presidência do TJPB e coordenadora do GMF, Aparecida Gadelha.

O TJPB também se encarrega de criar e financiar esforços para preparar o retorno dos presos ao convívio social

IMERSÃO PARA PALADARES

Parreirais atraem turistas com uvas e vinhos artesanais

No interior do estado, vitivinicultores destacam-se pela oferta de experiências rurais e gastronômicas

Emerson da Cunha
emersoncousa@gmail.com

Que tal um café da manhã à sombra de videiras? E fazer geleia ou suco a partir da pasta da uva? Ou conhecer o vinho de talha, umas das formas ancestrais de produzir a bebida? Todo um conjunto de experiências e vivências no turismo associado à fabricação de uvas e de vinhos tem tornado a Paraíba um celeiro de novos produtores e atraído os olhares e paladares de todo o mundo. É possível ver uma produção mais adensada em Natuba, cidade da uva Isabel, mas outras experiências têm aparecido em Santa Luzia, Sousa, Monteiro e Bananeiras.

Em Natuba, o negócio de uvas de Ana Lúcia do Nascimento, o Parreiral da Serra, teve início há cerca de 30 anos, após seu casamento, contando com uma área inicial de duas quadras — aumentada, com o passar dos anos, para um hectare e duas quadras. Toda a produção é de uva Isabel, ideal para sucos, geléias e o chamado vinho de mesa. Trata-se de uma planta que “gosta muito” de água, mas apenas na raiz, dispensando a chuva; nas folhas, prefere o sol e o calor. A saída do negócio, ini-

cialmente, não era muito boa. A produção, ainda pequena, era vendida principalmente entre a vizinhança. Foi quando as terras de Ana Lúcia foram visitadas pelo Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas no estado (Sebrae-PB), em 2022, em meio à elaboração da Rota Gastronômica do Vale do Paraíba. A ida encantou os técnicos, que avaliaram uma boa possibilidade de trazer àquele espaço fluxos de visitação e turismo. Um dos argumentos foi que, com as visitas e o consumo do público, uma renda extra seria possível ao empreendimento de Ana Lúcia. Isso seria importante, já que a uva era pouco valorizada na região e as receitas não cobriam os custos do próprio sustento da empreendedora e de sua família.

O Parreiral da Serra foi, então, convidado a participar de um roteiro específico — a Rota do Vale das Uvas —, dentro daquela outra iniciativa do Sebrae-PB, com foco, inicialmente, em visitas a três fazendas de cultivo da fruta: a de Ana Lúcia, o Parreiral Natuva e o Parreiral Doces Tia Zita. Posteriormente, foram agregados à rota o Parreiral Egito e o Parreiral Martins.

A filha de Ana Lúcia, Andreza, explica que a inserção no roteiro turístico acabou propiciando uma boa oportunidade para a família investir na produção de seu vinho artesanal, de mesa, criado em 2018. “Quando abrimos para o turismo, o pessoal tomou conhecimento do negócio, degustou o vinho e simplesmente amou. O diferencial é que ele é 100% artesanal. Da mesma forma que a geleia é feita naturalmente, o nosso vinho também é. Não tem adição de corantes, de conservantes ou de álcool. O vinho contém álcool, mas da própria fermentação da uva. Quando ela passa por esse processo, gera o próprio álcool”, detalha Andreza.

A Rota do Vale das Uvas promove um conjunto de experiências que incluem café da manhã e chá da tarde nos parreirais (com produtos feitos à base de uvas) e atividades de colheita e pisa das frutas, além de agregar passeios por trilhas, cachoeiras, parques ambientais, exposições de artesanato, museus e mirantes da região. Os agendamentos podem ser feitos diretamente com os responsáveis pelos parreirais ou por meio de agentes locais de turismo, que oferecem o serviço de visitas e excursões.

Setores mobilizam-se e colaboram para o desenvolvimento de rota

A Rota do Vale das Uvas articula uma série de atores sociais, fomentando a economia regional e a valorização do trabalho local. São exemplos desses participantes agências de turismo receptivo; empreendedores de gastronomia e serviços de hospedagem; guias e condutores de passeios; produtores de uvas e de outras frutas (que fabricam geleias, doces, sucos e vinhos artesanais); artesãos; artistas musicais; e até proprietários de Toyota Bandeirantes, principais transportes turísticos na região.

Quem colabora na articulação desse tipo de rota local são os Agentes de Roteiros Turísticos (ARTs), contratados pelo Sebrae-PB para ajudar na elaboração de passeios e programações de viagem, a partir dos potenciais de cada município. A criação da Rota do Vale das Uvas contou com o envolvimento do agente Jaime Neto. “Natuba vivia uma crise econômica. Cerca de 90% da produção de uvas local era vendida para Petrolina, em Pernambuco, e, durante a pandemia, o preço do quilo chegou a cair para R\$ 0,80, colocando em risco a continuidade da viticultura no município. Com a chegada do Sebrae-PB e a implantação da produção associada ao turismo, os viticultores encontraram uma nova fonte de renda. Muitos passaram a faturar valores equivalentes a até 10 sa-



Foto: Divulgação/Parreiral da Serra

Parreiral da Serra integra projeto fomentado pelo Sebrae-PB

lários mínimos na alta estação, principalmente, no período da colheita”, comenta Neto.

Andreza, do Parreiral da Serra, reconhece que a rota gastronômica favorece o comércio e os serviços de outros setores da economia local. “Quando o turista vem nos visitar, em um fim de semana, ele quer ficar hospedado. Então, ele vai deixar renda para uma pousada, uma farmácia — de que muitas vezes precisa —, uma loja de roupas ou calçados, supermercado, padaria, lanchonete ou restaurante”, observa.

Para a gestora de Turismo e Economia Criativa do Sebrae-PB, Regina Amorim, que coor-

dena a criação e a execução das diversas rotas turísticas pela Paraíba, a experiência da Rota do Vale das Uvas tem, de fato, resultado em uma boa demanda para Natuba, podendo, inclusive, impulsionar a abertura de novos negócios na cidade do Agreste. “As possibilidades são muitas, como uma fábrica de suco de uva que seja feito e engarrafado na hora ou o investimento em tipos de uva mais adequados para a produção de vinhos — já que a uva Isabel, de Natuba, é mais específica para sucos, doces e geleias. No turismo, a cultura e a produção artesanal agregam valor aos produtos servidos”, defende Regina.



Foto: Divulgação/Parreiral da Serra

Em propriedade da cidade de Natuba, visitantes participam da colheita e da pisa das frutas

Empreendedor explora qualidades locais para impulsionar produção

No município de Santa Luzia, no Seridó paraibano, o foco na produção de vinho é ainda maior. Após seu pai ter inaugurado o cultivo de uvas e a fabricação de vinho na década de 1980, Kleyber Araújo é, hoje, o responsável por gerir os negócios de sua família na cidade, a Casa Werniaud. Depois de ter realizado cursos de Gastronomia, ele conheceu o Vale do São Francisco — reconhecido como um grande polo vitivinícola brasileiro — e concluiu que o clima e a amplitude térmica locais apresentavam semelhanças com atributos ambientais de Santa Luzia, vislumbrando que a produção familiar poderia desenvolver-se ainda mais.

Atualmente, a Casa Werniaud conta com quatro hectares com plantio, mas a ideia de Kleyber é que, até

■ Gestor da Casa Werniaud planeja que, até 2027, área de 10 hectares fabrique 10 mil garrafas por ano

2027, a área seja expandida para 10 hectares, chegando a uma produção de 10 mil garrafas de vinho por ano. Após experimentar o cultivo de algumas castas específicas de uva, a empresa decidiu permanecer com Malbec, Syrah, Cabernet-Sauvignon e Tempranillo.



Foto: Divulgação/Casa Werniaud

Empresa do Seridó foca na fabricação de vinho em talha

Segundo o empreendedor, entre as principais características que contribuem para a produção das uvas no terreno local, estão o solo rico em minerais e, principalmente, a amplitude térmica da região — que varia em torno de 15 °C, entre a mínima e a máxima diárias. “Com essas possibilidades, dentro de seis meses, a gente pode prover irrigação para as quatro estações do ano. Nessa região, entre Paraíba, Pernambuco, Alagoas e Bahia, a gente consegue ter duas colheitas no ano. Diferentemente do Sul e do Sudeste, que só consegue uma poda”, explica Kleyber.

O grande diferencial da Casa Werniaud é a produção do vinho em talha — ou ânfora —, um grande vaso feito de barro ou argila. Esses acessórios vêm de uma parceria que a empresa fez com uma comunidade quilombola que produz louças. “É o vinho tradicional, ancestral. O vinho era fermentado e armazenado em uma segunda talha. De 15 anos para cá, começou a surgir uma nova escola, que quer voltar ao vinho primitivo, com uma levedura natural, um processo um pouco mais longo, mas que agrega um valor e um sabor diferenciado”, destaca Kleyber. A previsão é que algumas garrafas do tipo já estejam prontas entre janeiro e março.

MÚSICA

Melodias da juventude

Chico César participa amanhã de concerto com o Prima, em João Pessoa, e lembra para **A União** suas primeiras aulas de música em Catolé do Rocha

Esmejoano Lincol
esmejoanolincol@hotmail.com

Aos cinco anos, Chico César foi apresentado à irmã Iracy de Almeida, sua futura professora de música. Ela perguntou se ele gostava de estudar: “Falei que gostava de ler, mas não de fazer conta”, recorda. Crescido, ele idealizou ao lado de Iracy, o Instituto Cultural Casa do Béradêro, que proporciona o ensino da música a crianças e adolescentes de Catolé do Rocha. Amanhã, o artista encontra outro grupo de jovens que desde cedo estreita contato com instrumentos, por meio do Programa de Inclusão Através da Música e das Artes (Prima). O intérprete e o grupo farão um concerto gratuito, a partir das 19h, no Teatro Pedra do Reino, em João Pessoa.

O show comemora os 13 anos do Prima, coordenado pelo Governo do Estado. O programa está presente em 13 municípios e ofertou, em 2025, 400 vagas para estudantes da rede pública. O coordenador, Milton Dornellas, é velho conhecido de Chico e chegou à Paraíba poucos anos antes de o colega transferir-se para São Paulo.

“Chico já era grande, um criador inquieto, que sabia o que queria. Depois acompanhei seu crescimento daqui. Percebíamos as mudanças a cada álbum lançado. E, na verdade, não eram mudanças, era amadurecimento profissional”, analisa.

O palco do Pedra do Reino reunirá 60 coralistas e 220 musicistas, entre alunos e professores, sob a regência do maestro Rainere Travassos. O repertório mesclará temas clássicos como a “Sinfonia nº 1” de Gustav Mahler, faixas instrumentais brasileiras, a exemplo de “Coisa nº 1”, de Moacir Santos, e obras do cancionário de Chico. Na primeira parte, o Prima apresenta-se sozinho; na segunda, o conjunto ganha a companhia do catoleense.

“O trabalho dele é extenso e diverso. Algumas músicas tornaram-se mais populares e é natural que isso aconteça. Mas para o povo brasileiro e para o Prima todas são importantes”, pondera Milton.

Em outubro, o programa representou a Paraíba no Encontro Ibero-americano de Gestores de Orquestras Sociais e

Juvenis, em Salvador. Fazendo um balanço de 2025, mediante as ações empreendidas neste ano, Milton define o período como atribulado, mas, ao mesmo tempo, gratificante.

“Foi desafiador construir repertório com arranjos arrojados para nossos alunos. Outro obstáculo tem sido o acompanhamento presencial de todos os polos, para orientações e ensaios. Faz-se necessário uma equipe determinada. E quanto a isso, a Paraíba pode aplaudir o quadro do Prima. Celebramos a vida e a superação desses grandes desafios”, declara.

Cuscuz Clã

Chico César lembra que, na infância, após àquela interação com Iracy, seguiu-se uma breve separação, quando a freira rumou do Colégio Normal Fraciscano para outros municípios paraibanos. Foi a partir do regresso a Catolé que a professora introduziu as lições de educação musical. O método, segundo o ex-aluno, não era outro senão o afeto.

“Ela ‘infestou’ a cidade inteira, por que

muita gente estudava naquele colégio. Praticamente, todos os alunos da escola compraram uma flautinha doce. Ficávamos debaixo dos pés de algaroba, fora da escola, tocando músicas como a ‘Marcha nativa dos índios quiriris’, do Quinteto Violado, ‘Asa branca’, ‘Noites de Moscou’... Ela era muito inspirada em Paulo Freire”, rememora.

O compositor de “Mama África” guarda na memória lances importantes dos dois anos de convivência com Iracy; um deles, a apresentação na Assembleia Legislativa da Paraíba. Mas a amizade atravessou décadas. Iracy continuou sua empreitada no ensino da música, à frente da orquestra Gente que Encanta. A nova parceria entre a dupla foi firmada a partir de 2001.

“Eu resolvi encampar esse projeto. Criamos CNPJ e tudo, né? Transformamos em organização não governamental, o Instituto Cultural Casa do Béradêro.

Acho que a grande missão da irmã Iracy, na música, é a escuta, escutar o outro. E se

cutar não apenas a música do outro, mas escutar o sentimento do outro. O que vai por dentro do outro”, sustenta.

Alicerçada nas aulas com Iracy, a carreira de Chico César deslanchou há 30 anos com a estreia do disco *Aos Vivos*; deste saíram músicas como “A primeira vista”. Para 2026, Chico antecipa outra comemoração importante: as três décadas de lançamento de seu primeiro álbum de estúdio, *Cuscuz Clã*; uma programação especial deve acompanhar a efeméride.

“*Aos Vivos* é um disco que me afirma no ambiente alternativo, *underground*. Já o *Cuscuz Clã* me coloca no ambiente *pop*, tanto do Brasil quanto do mundo. Me levou para festivais como o de Montreux [na Suíça]. A gente vai juntar uma parte da banda Cuscuz Clã com a parte da minha banda de agora e vamos fazer essa celebração no Circo Voador [no Rio de Janeiro]”, revela.

Chico César assevera que o contato com a arte nunca será precoce; é, inclusive, fundamental para a formação do indivíduo. Completa dizendo ter tido acesso a histórias tocantes e transformadoras de ex-alunos da Casa de Béradêro e do Prima.

“É uma revolução! Um instrumento, quando entra numa comunidade, ele muda não apenas a vida daquele estudante que teve acesso. Ele muda a vida da família, da vizinhança, da comunidade, porque as pessoas começam a ouvir aquele som e a ver aquele menino entrar e sair de casa, descer e subir do ônibus com aquele instrumento debaixo do braço”, conclui.

ONDE:

■ TEATRO PEDRA DO REINO
(Centro de Convenções, PB-008, km 5, s/n, Polo Turístico Cabo Branco, João Pessoa).

O músico interpreta alguns de seus sucessos com os jovens músicos, na segunda parte do concerto



Foto: José de Holanda/Divulgação

Foto: João Pedrosa



Foto: Nononono

Artigo

Estevam Dedalus
Sociólogo | Colaborador

Jesus nasceu em dezembro?

Descobri muito cedo, através de uma tia, que Jesus não nasceu no dia 25 de dezembro. Essa é uma história interessante, que fala muito sobre o poder da Igreja Católica Romana e suas estratégias de dominação mais do que qualquer outra coisa. Não há nenhuma indicação, nas escrituras sagradas, em relação à data do nascimento de Jesus. Por outro lado, temos muitos elementos baseados na própria *Bíblia* para afirmar que a data que comemoramos o Natal está errada. O primeiro ponto a considerar é que o “Evangelho de Lucas” diz que quando Jesus nasceu os pastores estavam cuidando dos seus rebanhos à noite. Como se trata de uma época bastante fria naquela região, temos aí um forte indício de que isso não tenha acontecido em dezembro.

É também curioso que, nesse mesmo período, César Augusto estabeleceu um decreto obrigando que todos os habitantes se registrassem. Seguindo a mesma lógica de raciocínio, seria improvável que isso ocorresse no inverno. Muitas pessoas precisariam se deslocar por um percurso grande, demandando dias de peregrinação. Uma logística complicada que poderia criar problemas indigestos para o governo. Não é, portanto, razoável, convenhamos, que o censo tenha ocorrido em condições climáticas tão adversas.

Tudo indica que o dia 25 de dezembro passou a ser considerado como Natal a partir de uma estratégia de sincretismo religioso adotada pela Igreja Católica

para coincidir com a festa do solstício de inverno, um evento muito importante para o paganismo romano. A ideia consiste, basicamente, em resignificar ou adaptar práticas, símbolos e datas de outras tradições religiosas, absorvendo-as e integrando-as dentro de outra estrutura simbólica e teológica. Nesse caso, a Igreja transformou o *Dies Natalis Solis Invioti* (“Dia do Nascimento do Sol Invicto”) no “Dia do Nascimento de Cristo”.

A cristianização de festividades pagãs mostrou-se historicamente muito exitosa. Ela neutralizou o paganismo, ao mesmo tempo em que incorporou muito de sua força. Vários elementos que compõem a festa natalina são de origem pagã. Um exemplo é o uso de velas que, originalmente, representavam o retorno gradual da luz no dia mais curto do ano e, com o cristianismo, passou a representar a luz que Jesus trouxe ao mundo.

Não para por aqui. A árvore de Natal tem ligação direta com o paganismo, vista inicialmente como representação do inverno e da ideia do ciclo de renovação e continuidade da vida. O que seria transformado depois pela Igreja em um símbolo de esperança na vida eterna em Cristo.

O mesmo pode ser dito sobre as trocas de presentes que surgiram como uma prática da Saturnália, a celebração ao deus Saturno que também acontecia na mesma época do ano do solstício. Como o uso de guirlandas, que para os pagãos simbolizavam a eternidade e os ciclos da natureza.

Papai Noel, por sua vez, é uma de mistura de São Nicolau com figuras pagãs nórdicas. Basta lembrarmos que Odin observava a vida das pessoas por meio de seus corvos, sendo frequentemente retratado com uma barba longa, e que a ideia de trenós, renas e voo noturno são pré-cristãs.

Dentre todos os costumes natalinos de origem pagã o que mais me agrada é a ceia. A ideia de fazer um banquete para comemorar com a família e amigos o nascimento de Cristo. Temos que admitir, nesse aspecto, o bom gosto dos pagãos e a importante contribuição que as celebrações do solstício e da saturnália nos legaram. Essas festas eram repletas de comida, bebida e música. Elementos que foram sabiamente incorporados pelo cristianismo e que, para o nosso prazer, hoje são indissociáveis do Natal.

Como sociólogo, é impossível não pensar a ceia como um rito de integração social que funciona como um meio de reforçar a solidariedade entre os membros de nossas famílias. Não é à toa que até mesmos grupos familiares poucos religiosos, quando as condições materiais assim os permitem, costumam fazer ceias de Natal.

Em certo sentido, sem querer parecer anacrônico, trata-se de uma prática que ultrapassa o universo religioso do cristianismo. No fundo, estamos reproduzindo um antigo ritual de celebração da vida e de comunhão entre pessoas. E o melhor: com muita bebida e comida gostosa.

Kubitschek
Pinheiro

kubipinheiro@yahoo.com.br

O disco de Zeca

(para Paula Lavigne e Caetano Veloso)

O disco de Zeca Veloso, como se diz por aí sobre uma coisa boa e bonita, uma maneira de dizer — “é sua cara”, a cara dele. O sol parece ser sua inspiração. A segunda faixa “Boas novas”, que dá nome ao álbum, é uma canção de uma profundidade que vem dele, do chão, a Terra, o céu e todas as coisas da natureza citadas nesta canção.

“Talvez menor”, a segunda faixa, traz as novidades do vento, os trovões — “Quem sou eu se não tu”, uma frase forte que não nos remete ao amor, mas a junção de coisas pequenas, preciosas dessa canção curtinha. Tenho a sensação de que faltava esse disco para nos alegrar nesse Brasil despedaçado.

“Desenho da animação” traz um sinal, traz a Itália, a Rádio Nacional e todas as tribos. A melodia parece feita para um filme. Um jovem artista preparado para os palcos, com a força da família Veloso. Zeca é um artista pronto. “Carolina, veja que aqui é bem melhor, a sombra do imperador, que o ouro enfeitou, não é tão maior que o nosso amor”.

Abre o disco com “Salvador” numa reunião em família, que cantam juntos: o pai Caetano e os irmãos Moreno e Tom, em uma composição que é toda Bahia. É uma canção amadurecida, e mostra que os quatro são heróis e orixás invisíveis. O vídeo saiu nesta semana e é coisa de cinema. A voz de Tom é diferente dos três, mas são guerreiros solares.

No meio do disco, “Máquina do Rio” é bem diferente das outras canções apresentadas em “Boas novas”. Essa canção não deixa ninguém sentado — “por paciência ou piedade”, algo bem bonito sobre o Rio de todos nós. “Minhas Urcas, minhas Glórias”.

O disco de Zeca não tem discurso panfletário. A sacada dele é maior. “Tua voz” é quase uma canção de ninar, é profunda, como quem espera a felicidade da cor do sol, uma cor quase branca, em contraste com o doce ouvir de sua voz e a beleza se amplia muito mais.

“A carta” é a mais bela, traz um esvaimento da dor que nos recolhe nos braços do amor — é a canção da manhã, essa ilusão do amor que ele chama de “sacrifício”, mas podemos sentir o espreitar através de seus versos tristes, que estão em todas as cartas e são ecos do espelho, onde os amores se assemelham a outros, muitos outros. Que canção bela!

Logo em seguida, vem o samba “O sal desse chão”, com o magnifico Xande de Pilares e haja sol, porta-bandeira, farófa, amor e muito chão para o bem dos corpos que atravessam o caminho da vida sambando, sambando, sambando em todas as estações, porque o samba nunca é distante à compreensão do tempo do jovem cancionista Zeca Veloso.

O disco tem som em toda parte, cores e nomes: Robson Jorge e Lincoln Olivetti, Lucca Noacco, Kassim e o mestre Jaques Morelenbaum e seu amor, Dora Morelenbaum etc.

Fecha o disco o modão “O sopro do fole”, que a tia Maria Bethânia gravou em *Noturno* (2021) e depois ele ampliou a canção que traz a brasilidade, os bois, os reis, um respiro gigante, ainda que comedido, do Zeca primogênito de Paulinha Lavigne e Caetano Veloso.

Kapetadas
1 – Eu sou entusiasta desta grande e incontestável verdade: Zeca é foda.
2 – Aliás, quem é foda, não sente necessidade de provar.

Estética e Existência

Klebber Maux Dias
klebmaux@gmail.com | Colaborador

Autoperdão de um pessimista compulsivo

O livro *O Sonho de um Homem Ridículo*, escrito pelo filósofo, escritor e jornalista russo Fiódor Mikhailovitch Dostoiévski (1821-1881) e publicado em 1877, afirma que a salvação da humanidade não virá de sistemas políticos, avanços tecnológicos ou teorias abstratas, mas de uma profunda transformação interior. O autor defende uma exigência moral: o paraíso não está perdido no passado nem prometido para um futuro distante; ele é uma possibilidade sempre presente, que depende da escolha livre de cada ser humano. Nesse processo, o caráter da condição humana reside no fato de que essa atitude exige esforço intencional constante e responsabilidade radical. Na obra literária, a narrativa assume a forma de um relato confessional, no qual um narrador aparentemente insignificante — um “homem ridículo” — torna-se portador de um pessimismo compulsivo e, posteriormente, de uma proposta universal. Diante disso, teses dostoiévskianas condensam temas centrais da filosofia moral, da Antropologia filosófica e da Metafísica, como o sentido da existência, a origem do mal, a liberdade humana, a culpa, a possibilidade de redenção e a compaixão como fundamento ético do mundo.

O texto narra uma trajetória de um homem que, tomado por um sentimento de inutilidade da vida, decide cometer suicídio. Em meio a uma noite sombria, o narrador observa o céu e fixa o olhar em uma estrela solitária. Pouco depois, uma menina corre em sua direção, aparentemente em desespero, sugerindo que algo grave ocorrera com sua mãe. O narrador, porém, ignora o apelo da criança e, com um tom de voz embrutecido, manda que ela procure ajuda em outro lugar, retornando em seguida



Foto: Reprodução

Para o russo Dostoiévski, a ciência não redime o homem

ao seu apartamento. Ao chegar, senta-se em uma cadeira e coloca a arma sobre a mesa ao seu lado. No entanto, hesita em atirar contra si mesmo, atormentado por uma sensação incômoda de culpa provocada pelo fato de ter recusado ajuda à menininha. Após enfrentar intensos conflitos internos, o protagonista adormece e tem um sonho extremamente intenso, no qual é conduzido a um mundo habitado por seres humanos puros, felizes e livres do pecado. Trata-se de uma sociedade harmônica, fundada na solidariedade e na compaixão. Com o passar do tempo, porém, o próprio narrador introduz a mentira nesse lugar, desencadeando a corrupção moral. Da mentira nasce o orgulho; do orgulho emergem a violência, as guerras e a racionalização excessiva, que destroem a antiga harmonia. É justamente a presença do “homem ridículo” que instaura a queda dessa humanidade, demonstrando que o mal não surge como uma

necessidade natural ou imposição divina, mas como fruto da liberdade humana sem limites. Assim, a tese dostoiévskiana afirma uma visão trágica da existência: o ser humano é capaz tanto do bem absoluto quanto da destruição total, e essa ambiguidade constitui o núcleo de sua liberdade.

Ao despertar do sonho, o narrador abandona a ideia de suicídio e passa a dedicar sua vida à divulgação de um ideal (proposta) que lhe foi revelado: o amor ao próximo como fundamento da existência. Decide, então, procurar a menina que havia ignorada, gesto que simboliza o desejo de reparação de seus erros e a possibilidade de redenção. Nesse sentido, a narrativa evidencia que a transformação do próprio brutalismo para bondade inicia no reconhecimento da responsabilidade pelo outro. A queda provocada pelo “homem ridículo” também conduz a uma crítica incontestável contra o racionalismo moder-

no e à fé irrestrita no progresso científico como caminho exclusivo para a verdade universal. Para Dostoiévski, a ciência — quando separada do amor e da responsabilidade moral — não redime o homem; ao contrário, pode legitimar novas formas de dominação e sofrimento. Assim, a razão, desvinculada da solidariedade e do compromisso com o bem comum, converte-se em instrumento de alienação e exclusão. O protagonista compreende, então, que a verdade não depende de sua verificabilidade empírica, mas da capacidade de reconhecer que o sentido da vida reside em amar e cuidar do outro como a si mesmo. A partir dessa revelação, o “homem ridículo” assume sua condição de objeto de escárnio. Ele sabe que será ridicularizado, mas isso já não importa. Sua missão é anunciar uma proposta simples e, ao mesmo tempo, escandalosa para o mundo moderno: a compaixão. Esse desafio estabelece uma crítica à cultura da ironia, do cinismo e da superioridade intelectual. O verdadeiro sábio — defende o autor — é aquele que aceita parecer louco ou ridículo por amor à dignidade e à solidariedade humana. Da mesma forma, a redenção do mundo pode ter início no acolhimento do sofrimento alheio, construindo a unidade na diversidade.

Sinta-se convidado à audição do 548º Domingo Sinfônico, que ocorrerá neste dia 21 das 22h às 0h. Para quem está em João Pessoa (PB), a sintonia é na FM 105.5, ou você pode acessar pelo aplicativo em <https://radiotabajara.pb.gov.br/radio-ao-vivo/radio-fm>. Durante o programa, analisarei as peças e comentarei as contribuições do violonista israelense Itzhak Perlman (1945) para construção da solidariedade entre os países.



Foto: Divulgação

Zeca Veloso, em detalhe na capa de seu novo disco “Boas Novas”

Colunista colaborador

Coisas de Cinema

Alex Santos

Cineasta e professor da UFPB | Colaborador

Natal memorável de família e cinema

Dezembro é mês especial, de confraternizações natalinas, de se ratificar as coisas boas e se corrigir aquilo que não deu certo. Época de se desejar bons augúrios àqueles que nos querem bem e também prezamos tanto. Natal é também um mês de notas tristes. De episódios marcantes, como se quisessem nos lembrar que a perda de um ente muito querido, a realidade da vida não terá sido, tão somente, um sonho natalino.

De uma longa vivência em cinema — atividade a qual herdei já nos meus primeiros anos de vida —, partiu aquele “bom velhinho”, em um dezembro de 2005. Foi-se deixando muita saudade, não só a mim, seu filho e igualmente influenciado pelo *modus* cinematográfico, bem como a toda nossa família. E hoje, o legado de Severino do Cinema vem sendo estimado afetivamente.

Contudo, são tempos de Santa Claus (São Nicolau), de barbas brancas, gorro e roupa colorida, montado no seu trenó e galgando os céus, trazendo presentes que tanto alegram as crianças do mundo todo. E sempre nessa época assisto a um filme encantador, *Scrooge*, baseado no clássico romance do escritor Charles Dickens, em que busco rever o meu lado mais sensível e natalino de ser.

Também neste mês, para minha indescritível felicidade, celebro a mais bela das minhas premiações. Cinematograficamente festivo como o Natal, exulto o convívio com os queridos netinhos Arthur Luna e Miguel Alexandre, este de apenas sete aninhos.



Foto: Arquivo pessoal

O pequeno Arthur Luna, nas gravações de seu curta-metragem no Centro Histórico de JP

Nomes de soberanos e, por isso mesmo, nascidos justamente num simbólico dezembro, tradicionalmente estimado de muitas felicidades, saberes e sortes aos que por ele são marcados.

No caso de Arthur, hoje com seus 13 anos de idade, e já tendo participado de um curta-metragem de ficção no Centro Histórico da capital, há quatro anos, é um garoto deveras inteligente e à frente do seu tempo. Já domina conversas em inglês na sala de aula, gosta muito de leitura e já interage com a complexidade da mídia eletrônica como ninguém. Ultimamente, escreveu um conto relacionado à sétima arte: “Um encontro perigoso”,

cujas estória se passa com um casal de jovens numa sala de cinema de um *shopping* local.

Conto, aliás, que impressiona muito quem o lê, pela urdidura da trama e um fim realmente intrigante. Para um garoto de apenas 13 anos de idade, acredito ser algo realmente inusitado, digno de uma atenção especial de seus professores. E é o que vem acontecendo onde ele estuda, até pelas excelentes notas que tem recebido pelos trabalhos realizados.

Que as luzes e as alegrias deste Natal, meus netinhos, nos tragam muitas felicidades e sorte! — *Mais “coisas de cinema” no site: www.alex santos.com.br.*



APC: celebração de fim de ano

O Dia Mundial do Cinema, que se celebra no fim deste mês, neste ano acontecerá do Cine Mirabeau, no bairro do Bessa. Acertos sobre o local da realização estão sendo mantidos, entre o proprietário da sala, acadêmico Mirabeau Dias, e o presidente da Academia Paraibana de Cinema, prof. João de Lima Gomes.

A programação do dia 28 já está sendo montada, devendo constar de lançamento de livros de integrantes da APC, além da exibição de obras em curtas-metragens paraibanos.

CINEMA

Tânia Maria volta em novo filme: *Yellow Cake*

Agência Estado

A atriz Tânia Maria, elogiada pelo papel de dona Sebastiana em *O Agente Secreto*, está no elenco de *Yellow Cake*, filme do diretor Tiago Melo que terá estreia mundial no Festival de Roterdã (IFFR), na Holanda.

O filme será exibido na principal mostra competitiva do evento, que premia o vencedor com o Tiger Award, concorrendo com outras 11 produções. O festival acontecerá de 29 de janeiro a 8 de fevereiro.

Em 2018, Tiago Melo ganhou o prêmio Bright Future, voltado para diretores es-

treantes, por *Azougue Nazaré*. O cineasta pernambucano é mais conhecido como produtor, tendo trabalhado em filmes como *Aquarius* e *Bacurau*, de Kleber Mendonça Filho, e *Boi Neon*, de Gabriel Mascaro.

Estrelado por Rejane Faria, *Yellow Cake* é ambientado em Picuí, no interior da Paraíba. Na região, conhecida pelas “terras raras”, um grupo de cientistas tenta erradicar o mosquito *Aedes aegypti*, transmissor da dengue e outras doenças, usando urânio. A protagonista Rúbia Ribeiro (Rejane), uma física nuclear, integra o experimento secreto que dá título ao filme.

A trama mistura ficção científica e drama, abordando temas como exploração dos recursos naturais, implicações éticas da ciência e desigualdade social.

Além de Rejane Faria e Tânia Maria, também estão no elenco Valmir do Coco, Spencer Callahan, Wolfgang Panek, Alli Willow, Rosa Malaguetta, Galeguinho, Zé Matias e Severino Dadá.

Quem é Tânia Maria?

Aos 78 anos, Tânia Maria é uma atriz iniciante. Ela começou a atuar aos 72 anos, quando trabalhou com Kleber Mendonça Filho em *Bacurau* (2019). Na ocasião, chamou

Paraíba

Yellow Cake é ambientado em Picuí: um grupo de cientistas tenta erradicar o mosquito transmissor da dengue e outras doenças, usando urânio

atenção do diretor, passou pela preparação de elenco e obteve mais destaque no filme.

Dessa vez, ela retorna como coadjuvante, interpretando dona Sebastiana, que abriga Marcelo (Moura) em sua chegada ao Recife. O diretor escreveu a trama de *O Agente Secreto* com Moura e Tânia em mente.

O *The New York Times* recentemente destacou o trabalho de Tânia no filme. Na publicação, intitulada “*The best, craziest, scuzziest film performances of 2025*” (“As melhores, mais loucas e mais bizarras performances cinematográficas de 2025”, na tradução), a brasileira conquistou o título de “melhor atuação com cigarro”.

Letra Lúdica

Hildeberto Barbosa Filho

hildebertopoesia@gmail.com

Clauder Arcanjo, leitor-escritor

Parece já existir certa bibliografia em torno dos tempos pandêmicos. O confinamento em suas respectivas casas levou alguns escritores a pensar, refletir e escrever, a partir das circunstâncias singulares dessa tragédia que se abateu sobre o mundo e sobre a humanidade.

O isolamento, a solidão, o sentimento de exílio, associados ao medo e à ansiedade diante de tempos tão nublados, como que cria condições especiais para o ato de escrever, de escrever e de ler, numa voltagem mais intensa, sobretudo se pensarmos nos gêneros íntimos e testemunhais.

Ocorrem-me estas considerações porque tenho, diante de mim, o livro *Confidências Literárias* (Mossoró, RN: Sarau das Letras, 2021), do escritor Clauder Arcanjo, no qual exercita um diálogo com alguns autores e autoras de suas “afinidades eletivas”, primando sempre pelo cuidado poético com a palavra.

Clarice Lispector, Beatriz Alcântara, Emily Dickinson, Walt Whitman, Hilda Hilst, Miguel de Cervantes, Eugênio de Andrade, Nicanor Parra, Ferreira Gullar, Fernando Pessoa, Cora Coralina, Cecília Meireles, Lília Souza, Adélia Prado, Carlos Drummond de Andrade, Mário Quintana, Manoel de Barros, Helena Kolody, Marcos Ferreira, Manuel Bandeira, Adélia Maria Woellner e Vinícius de Moraes constituem o seletor elenco dos seus interlocutores.

Vê-se logo que Clauder Arcanjo mescla, em suas escolhas, poetas e prosadores, clássicos e modernos, consagrados e desconhecidos, sinalizando, assim, para a riqueza e a diversidade de seu olhar de leitor sensível à variedade dos métodos de produção literária e à particularidade de cada visão de mundo.

Na “Nota ao leitor”, o autor assinala: “Lembro quando os escrevia, uns três por semana, à época em que estava ‘confinado’ em um hotel em Vitória (ES), lendo e escrevendo para não enlouquecer, em pleno início da pandemia”, e, num recado mais direto para o leitor, faz esse apelo: “Que *Confidências Literárias* o faça (re)visitar as obras dos autores e autoras que me acompanham ao longo da minha vida de leitor-escritor; e que você, assim como eu, sintasse motivado a se confidenciar com eles (as). A boa leitura nos é altamente inspiradora”.

Sem dúvida: a criação literária tem, na leitura, especialmente na leitura das obras literárias, uma de suas fontes mais ricas e um de seus processos mais decisivos. Quando um Harold Bloom assegura que um poema dialoga ou está em conflito com outro poema; quando um T. S. Eliot afirma que nenhum poeta pode ser conhecido sozinho, ou quando um Jorge Luís Borges fala de precursores desse ou daquele escritor, temos, aí, o selo de uma corrente unindo vozes e visões.

Clauder Arcanjo é um leitor-escritor e, por isto mesmo, poderia situá-lo muito bem dentro da tradição moderna de uma poética da leitura. Uma leitura que não se esgota na simples experiência emocional ou intelectual, no indispensável prazer da subjetividade, no estímulo à meditação e ao pensamento, no gozo da sensibilidade e no voo da imaginação. Mas, principalmente, numa leitura que tende a encaminhar o leitor para o desafio da sua própria criação e, portanto, da realização de sua própria obra.

No diálogo com Clarice, a certa altura, escreve o autor: “No sereno da tarde, volto para dentro. Dentro de onde? De mim? De ti? Um silêncio anterior ao mundo dito civilizado. O oco de tudo a me revelar que é preciso abrir mão das platitudes para sentir as altitudes. (...) A literatura é um tributo à loucura de si mesmo”. Já no primeiro parágrafo do diálogo com Whitman, afirma que “O homem sofre de um silêncio absurdo”, e no prosar com Fernando Pessoa, revela: “Preso às obviedades da vida, caminho como se o infinito estivesse à minha frente. (...) E a Poesia teima em renascer, sem metafísica, na esquina menos festejada”.

Atento ao estilo e à técnica, assim como ao universo emotivo e intelectual, de cada escritor, Clauder Arcanjo traz à tona, na medida do possível, as inclinações psicológicas e as atitudes perceptuais de cada um deles, nas suas diferenças e aproximações, ao mesmo tempo em que se descortina a si mesmo, na sua geografia sentimental, nos seus predicados ideológicos e nas suas preferências estéticas.

Fazendo suas confidências literárias, este cearense de Santana do Acaraú, poeta, romancista, contista, editor, convida-nos a uma viagem de volta ou a uma viagem de descoberta pelas páginas artísticas dos escritores que leu e cuja leitura nos sugere, a seu modo também artístico e pessoal.

Colunista colaborador



Foto: Divulgação

Tânia Maria e Rejane Faria em uma cena do filme que se passa no interior da Paraíba

MÚSICA

Macumbia grava registro audiovisual

Show da banda paraibana de ritmos latinos será na Casa da Pólvora, no fim de tarde, com entrada franca

Daniel Abath
abathjournalista@gmail.com

Triscaidecafobia. Esse é o nome para a manifestação do medo que muita gente tem do número 13. Não é o caso da banda paraibana Macumbia, que ora celebra um marco em sua trajetória: 13 anos de atividade *caliente* no cenário musical. Para comemorar, Macumbia faz *show* hoje, a partir das 17h, na Casa da Pólvora (Centro da capital), com gravação de seu primeiro DVD, *Aún Más Fuerte*. A entrada é franca, com abertura da DJ Claudinha Summer.

A gravação encerra um ciclo de circulação intensa pelo país, resultado de um ano apontado pela vocalista Paula Sentís como de grande importância para a banda. “É tipo, fechar com chave de ouro este ano. A gente visitou vários estados, inclusive, recentemente, teve uma turnê bem legal em São Paulo”, diz ela, para quem a boa recepção do público em outras paragens têm sido notória.

Entre outros lugares, Macumbia esteve em Recife e abriu a programação da 16ª edição do Fest Bossa & Jazz em Pipa, em julho deste ano. A gravação do DVD aparece, nesse contexto, como uma ferramenta de memória e também de projeção, em intento de disponibilizar o material ao público e utilizá-lo como suporte para novas contratações e eventos futuros, inclusive fora do país.

Para o fim de tarde com direito a pôr do sol, o repertório escolhido reflete justo a leitura retrospectiva. Após discutir a possibilidade de apresentar composições inéditas, a banda optou por um recorte que percorre sua discografia, composta pelo álbum *Carne Latina* (2025) e o compacto *Na Pele do Tambor* (2023). “Uma seleção fina”, pontua Paula.

Também entram no *setlist* canções que tiveram maior repercussão ao longo do último ano e releituras de clássicos da música latino-americana, prática recorrente nos *shows* do grupo. É o caso do cancionero da cubana Cecilia Cruz

(1925–2003), conhecida como “A Rainha da Salva” — homenageada em evento especial realizado anteriormente pela banda.

“Sempre que tem seguidores de outros países da



América Latina, adoram, cantam junto e é sempre uma explosão esses clássicos”, atesta.

Além dos ensaios, o grupo realizou reuniões presenciais e virtuais para discutir o momento vivido e as direções futuras. O DVD é apresentado como resultado desse consenso, refletindo as expectativas comuns dos integrantes após a turnê — em paralelo ao lançamento do registro visual, a banda mantém em andamento a produção de *singles* e um novo disco.

“A banda é orgânica. Um sistema vivo sem líder ou dono, e por isso está em constante mudança. Já gravamos discos, já fizemos sessões de fotos. O DVD é uma forma que encontramos de eternizar esse momento na nossa história e na história da Casa da Pólvora, que é um polo cultural super importante para tantas outras bandas que movimentam a cultura da região”, afirma Humano Melo, também vocalista do grupo.

Do ponto de vista técnico, a gravação contará com múltiplas câmeras e uso de *drone*. Entre outras razões, a Casa da Pólvora foi escolhida pelo vínculo junto ao Projeto Circulador Cultural, da Fundação Cultural de João Pessoa (Funjope), parceira do evento.

“Prepare o coração e as pernas para dançar bem muito, porque esse *show* está pensado para dançar. Quem não conhece Macumbia vai se surpreender”, garante Sentís. “O som da Macumbia se faz com o público e existe algo de mágico nessa relação, entre banda e público, coisa que só acontece na presença; uma magia que só se vê no brilho do suor do povo dançando. A proposta é fazer valer as palavras de Gastón (vocalista anterior a mim): ‘Macumbia resuena para todo el continente’, conclui Melo.

Em Cartaz



Cinema

Programação de 18 a 24 de dezembro, nos cinemas de João Pessoa, Campina Grande, Patos, Guarabira, Remígio e São Bento.

ESTREIAS

ASA BRANCA – A VOZ DA ARENA. Brasil, 2025. Dir.: Guga Sander. Elenco: Felipe Simas, Lara Tremouroux, Camila Brandão, Carlos Francisco. Drama. Apresentador de rodeio vive drama após perder a cabeça com fama. 1h49. 16 anos.

João Pessoa: CINÉPOLIS MANAÍRA 8: qui. a ter.: 13h15, 15h45, 18h15, 20h45; qua.: 12h, 14h30. CINÉPOLIS MANGABEIRA 2: qui. a ter.: 19h15, 21h45.

AVATAR – FOGO E CINZAS (*Avatar – Fire and Ash*). EUA, 2025. Dir.: James Cameron. Elenco: Sam Worthington, Zoe Saldana, Sigourney Weaver, Oona Chaplin, Kate Winslet. Ficção científica/aventura. No planeta Pandora, família natí sofre perda e enfrenta tribo hostil. 3h15. 16 anos.

João Pessoa: CENTERPLEX MAG 1: qui. a ter.: leg.: 15h30; dub.: 19h30. CENTERPLEX MAG 3 (Atmos): 3D: qui. a ter.: dub.: 13h, 16h50; leg.: 20h40. CINÉPOLIS MANAÍRA 4: dub.: qui. a ter.: 18h, 21h50; qua.: 12h45. CINÉPOLIS MANAÍRA 5: dub.: qui. a ter.: 13h45, 17h40, 21h30; qua.: 13h30. CINÉPOLIS MANAÍRA 6: leg.: 3D: qui. a ter.: 13h, 17h, 21h; qua.: 13h. CINÉPOLIS MANAÍRA 9 (macro-XE): dub.: 3D: qui. a ter.: 14h, 18h, 22h; qua.: 12h15. CINÉPOLIS MANAÍRA 10 (VIP): leg.: 3D: qui. a ter.: 13h30, 17h30, 21h15; qua.: 13h30. CINÉPOLIS MANAÍRA 11 (VIP): leg.: qui. a ter.: 12h45, 16h30, 20h30; qua.: 12h45. CINÉPOLIS MANGABEIRA 3: dub.: qui. a ter.: 20h45. CINÉPOLIS MANGABEIRA 5: dub.: 3D: qui. a ter.: 13h30, 17h30, 21h30; qua.: 13h30. CINESERCLA TAMBIA 2: dub.: qui. a ter.: 15h30, 19h; qua.: 15h30. CINESERCLA TAMBIA 3: dub.: qui. a ter.: 16h, 19h30; qua.: 16h. CINESERCLA TAMBIA 5: dub.: qui. a ter.: 3D: 14h; 2D: 17h30; qua.: 3D: 14h. CINESERCLA TAMBIA 6: dub.: qui. a ter.: 14h, 20h; qua.: 14h. **Campina Grande:** CINESERCLA PARTAGE 1: dub.: qui. a ter.: 3D: 14h; 2D: 17h30; qua: 3D: 14h. CINESERCLA PARTAGE 2: dub.: qui. a ter.: 14h, 20h; qua.: 14h. CINESERCLA PARTAGE 3: qui. a ter.: dub.: 16h30; leg.: 20h. CINESERCLA PARTAGE 5: dub.: qui. a ter.: 16h, 19h30; qua.: 16h. **Patos:** CINE GUEDES 1: dub.: qui. a ter.: 15h, 18h50. CINE GUEDES 3: dub.: qui. e sáb. a ter.: 3D: 16h, 19h45; sex.: 2D: 16h; 3D: 19h45. **PATOS MULTIPLEX 3:** dub.: qui. a ter.: 18h30. **PATOS MULTIPLEX 4:** dub.: qui. a ter.: 3D: 15h30; 2D: 20h; qua.: 14h30. **Guarabira:** CINEMAXXI CIDADE LUZ 1: dub.: qui. a ter.: 15h, 19h. CINEMAXXI CIDADE LUZ 3: dub.: qui. a ter.: 3D: 16h05, 20h. **Remígio:** CINE RT: dub.: qui. a ter.: 14h, 19h30. **São Bento:** CINE VIEIRA: dub.: 2D: 16h10; 3D: 20h.

PRÉ-ESTREIA

A EMPREGADA (*The Housemaid*). EUA, 2025. Dir.: Paul Feig. Elenco: Sidney Sweeney, Amanda Seyfried, Brandon Sklenar, Elizabeth Perkins. Suspense. Empregada doméstica trabalha para família rica, mas tanto ela quanto os patrões escondem segredos sombrios. 2h11. 16 anos.

João Pessoa: CENTERPLEX MAG 4: leg.: sex. a dom.: 21h15. CINÉPOLIS MANAÍRA 7: dub.: sex. a dom.: 21h. CINÉPOLIS MANGABEIRA 4: dub.: sex. a dom.: 21h. CINESERCLA TAMBIA 1: dub.: sex. a dom.: 20h15.

CONTINUAÇÃO

A QUEM EU PERTENÇO (*Me el Ain*). Tunísia/França/Canadá/Noruega/Catar/Arábia Saudita, 2025. Dir.: Meryam Joobeur. Elenco: Salha Nasraoui, Mohamed Grayaa, Malek Mecherqui. Drama. Mulher fica em impasse quando o filho volta da guerra e desencadeia escuridão em sua aldeia. 2h. 16 anos.

João Pessoa: CINE BANGÜÊ: dom., 21/12: 19h.

O AGENTE SECRETO. Brasil/França/Países Baixos/Alemanha, 2025. Dir.: Kléber Mendonça Filho. Elenco: Wagner Moura, Tânia Maria, Carlos Francisco, Maria Fernanda Cândido, Gabriel Leone, Hermila Guedes, Alice Carvalho, Udo Kier, Thomás Aquino, Buda Lira, Jodilsson Cunha, Suzy Lopes, Cely Farias. Drama. Em 1977, durante a ditadura militar, homem chega a Recife se escondendo de perseguidores. Prêmios de melhor direção e ator em Cannes. 2h38. 16 anos.

João Pessoa: CENTERPLEX MAG 2: qui. a ter.: 20h. CINE BANGÜÊ: qui., 18/12, sáb., 20/12: 16h30, 19h30. CINÉPOLIS MANAÍRA 1: qui. a ter.: 19h, 22h15.

D.P.A. 4 – O FANTÁSTICO REINO DE ONDION. Brasil, 2025. Dir.: Mauro Lima. Elenco: Emily Puppim, Stéfano Agostini, Samuel Minervino, Fabiula Nascimento, Erika Januza, Gabriel Braga Nunes, Érico Brás, Anna Sophia Folch, Suely Franco. Aventura. Os Detetives do Prédio Azul vão parar em um mundo mágico. 1h49. Livre.

João Pessoa: CINÉPOLIS MANAÍRA 2: qui. a ter.: 12h45; qua.: 12h.

FIVE NIGHTS AT FREDDY’S 2 (*Five Nights at Freddy’s 2*). EUA, 2025. Dir.: Emma Tammi. Elenco: Josh Hutcherson, Elizabeth Lail, Piper Rubio. Terror. Menina retorna a pizzaria abandonada para reecontrar animatrônicos assombrados. 1h44. 14 anos.

João Pessoa: CENTERPLEX MAG 4: dub.: qui. seg. e ter.: 21h15. CINÉPOLIS MANAÍRA 2: qui. a ter.: dub.: 15h15, 17h45, 20h15; leg.: 22h30; qua.: dub.: 14h30. CINÉPOLIS MANGABEIRA 4: dub.: qui. seg. e ter.: 13h45, 16h15, 18h45, 21h15; sex. a dom.: 13h45, 16h15, 18h45; qua.: 13h45. CINESERCLA TAMBIA 1: dub.: 16h. CINESERCLA TAMBIA 3: dub.: 14h. CINESERCLA TAMBIA 4: dub.: qui. a ter.: 18h30. CINESERCLA TAMBIA 5: dub.: 21h. **Campina Grande:** CINESERCLA PARTAGE 1: dub.: qui. a ter.: 21h. CINESERCLA PARTAGE 3: dub.: 14h30. CINESERCLA PARTAGE 4: dub.: qui. a ter.: 18h30. **Patos:** CINE GUEDES 2: dub.: qui. a ter.: 19h, 21h. **PATOS MULTIPLEX 1:** dub.: qui. a ter.: 21h. **PATOS MULTIPLEX 3:** dub.: qua.: 15h30. **Guarabira:** CINEMAXXI CIDADE LUZ 3: dub.: qui. a ter.: 15h30. **Guarabira:** CINEMAXXI CIDADE LUZ 2: dub.: qui. a ter.: 19h15, 21h30.

14h30. CINESERCLA PARTAGE 4: dub.: qui. a ter.: 18h30. **Patos:** CINE GUEDES 2: dub.: qui. a ter.: 19h, 21h. **PATOS MULTIPLEX 1:** dub.: qui. a ter.: 21h. **PATOS MULTIPLEX 3:** dub.: qua.: 15h30. **Guarabira:** CINEMAXXI CIDADE LUZ 2: dub.: qui. a ter.: 19h15, 21h30.

JEANNE DIELMAN, 23, QUAI DU COMMERCE, 1080 BRUXELLES (*Jeanne Dielman, 23, Quai du Commerce, 1080 Bruxelles*). Bélgica/França, 1975. Dir.: Chantal Akerman. Elenco: Delphine Seyrig, Jean Decorte, Henri Storck. Drama. Dona de casa viúva vive sua rotina e se prostitui para pagar as contas. 3h22. 16 anos.

João Pessoa: CINE BANGÜÊ: leg.: sex., 19/12: 18h; seg., 22/12: 18h.

LAR. Brasil, 2025. Dir.: Leandro Wenceslau. Documentário. O cotidiano de três famílias LGBTQIAPN+. 1h16. 12 anos.

João Pessoa: CINE BANGÜÊ: leg.: sex., 19/12: 16h30.

LIVROS RESTANTES. Brasil, 2025. Dir.: Márcia Paraiso. Elenco: Denise Fraga, Augusto Madeira, Renato Turnes. Drama. De partida para Portugal, professora entrega seus últimos cinco livros a amigos especiais. 1h44. 14 anos.

João Pessoa: CENTERPLEX MAG 2: qui. a ter.: 14h45.

MALDITO MODIGLIANI (*Maledetto Modigliani*). Itália, 2020. Dir.: Valeria Parisi. Documentário. A vida de Modigliani vista pelo olhar da esposa Jeanne. 1h30. 14 anos.

João Pessoa: CINE BANGÜÊ: leg.: dom., 21/12: 15h; ter., 23/12: 16h.

PERFEITOS DESCONHECIDOS. Brasil, 2025. Dir.: Júlia Pacheco Jordão. Elenco: Sheron Menezes, Fabrício Boliveira, Giselle Itié, Débora Lamm, Danton Mello. Comédia. Amigos resolvem brincar de ler em voz alta as mensagens dos celulares uns dos outros, o que gera problemas. 1h31. 14 anos.

João Pessoa: CINÉPOLIS MANAÍRA 1: qui. a ter.: 16h45; qua.: 15h10. **Guarabira:** CINEMAXXI CIDADE LUZ 3: qui. a sáb., seg. e ter.: 14h.

QUASE DESERTO. Brasil/ EUA, 2025. Dir.: José Eduardo Belmonte. Elenco: Vinicius de Oliveira, Angela Sarafyan, Daniel Hendler, Alessandra Negrini. Suspense. Dois imigrantes em Detroit se envolvem em um crime ao salvar uma testemunha. 1h46. 14 anos.

João Pessoa: CINE BANGÜÊ: leg.: dom., 21/12: 17h; ter., 23/12: 19h30.

SEU CAVALCANTI. Brasil, 2025. Dir.: Leonardo Lacca. Documentário. Cineasta filma o próprio avô, com 90 anos e uma saúde de ferro. 1h30. 12 anos.

João Pessoa: CINE BANGÜÊ: sáb., 20/12: 15h; seg., 22/12: 16h30.

TRAÍÇÃO ENTRE AMIGAS. Brasil, 2025. Dir.: Bruno Barreto. Elenco: Larissa Manoela, Giovanna Rispoli, Emmanuelle Araújo. Comédia/drama. Amigas entram em crise quando

uma fica com o namorado da outra. 1h59. Classificação não informada.

João Pessoa: CINÉPOLIS MANAÍRA 1: qui. a ter.: 14h; qua.: 12h45.

TRUQUE DE MESTRE – O 3º ATO (*Now You See Me – Now You Don’t*). EUA, 2025. Dir.: Ruben Fleischer. Elenco: Jesse Eisenberg, Woody Harrelson, Isla Fisher, Dave Franco, Rosamund Pike, Morgan Freeman. Policial. Ilusionistas aposentados se unem a novos talentos para enfrentar criminosos. 1h52. 12 anos.

João Pessoa: CINÉPOLIS MANAÍRA 3: leg.: qui. a dom. e ter.: 22h15; qua.: 14h45. CINESERCLA TAMBIA 1: dub.: qui. a ter.: 18h05.

WICKED – PARTE 2 (*Wicked – For Good*). EUA, 2025. Dir.: Jon M. Chu. Elenco: Cynthia Erivo, Ariana Grande, Jeff Goldblum, Michelle Yeoh. Musical/drama. A Bruxa Má do Oeste e a Bruxa Boa do Norte testam sua amizade diante das tensões do mundo de Oz. 2h18. 10 anos.

João Pessoa: CENTERPLEX MAG 2: dub.: qui. a ter.: 17h15.

ZOOTOPIA 2 (*Zootopia 2*). EUA, 2025. Dir.: Jared Bush e Byron Howard. Vozes na dublagem brasileira: Monica Izzi, Rodrigo Lombardi, Danton Mello. Comédia/aventura/animação. Coelho e raposa policiais investigam o misterioso aparecimento de uma cobra em Zootopia. 1h48. 6 anos.

João Pessoa: CENTERPLEX MAG 4: dub.: qui. a ter.: 14h, 16h20, 18h45. CINÉPOLIS MANAÍRA 3: dub.: qui. a dom. e ter.: 14h15, 17h, 19h40; qua.: 12h15. CINÉPOLIS MANAÍRA 4: dub.: 12h45, 15h20. CINÉPOLIS MANAÍRA 7: dub.: qui.: 13h30, 16h, 18h30, 21h15; sex a dom.: 13h30, 16h, 18h30; seg. e ter.: qui.: 13h30, 16h, 18h30, 21h; qua.: 12h30, 15h. CINÉPOLIS MANGABEIRA 2: dub.: 14h30, 16h45; qua.: 14h45. CINÉPOLIS MANGABEIRA 3: dub.: qui. a ter.: 13h50, 16h, 18h30; qua.: 14h15. CINESERCLA TAMBIA 4: dub.: qui. a ter.: 14h30, 16h30, 20h30; qua.: 14h30, 16h30. CINESERCLA TAMBIA 6: dub.: qui. a ter.: 17h50. **Campina Grande:** CINESERCLA PARTAGE 2: dub.: qui. a ter.: 17h50. CINESERCLA PARTAGE 4: dub.: qui. a ter.: 14h30, 16h30, 20h30; qua.: 14h30, 16h30. CINESERCLA PARTAGE 5: dub.: 14h. **Patos:** CINE GUEDES 2: dub.: qui. a ter.: 14h50, 16h55. **PATOS MULTIPLEX 1:** dub.: qui. a ter.: 14h30, 18h40; qua.: 15h. **PATOS MULTIPLEX 3:** dub.: qui. a ter.: 3D: 16h10. **Guarabira:** CINEMAXXI CIDADE LUZ 2: dub.: qui. a ter.: 14h30, 16h55. **Remígio:** CINE RT: dub.: qui. a ter.: 17h30.

Teatro

HOJE

SOMOS. Do Núcleo de Formação Pesquisa e Experimentação Teatral do CAC/UEPB. Texto: Chico Oliveira, Anderson de Sá e Beto Rocha. Direção: Chico Oliveira.

ONDE:

■ CASA DA PÓLVORA (Ladeira de São Francisco, nº 152, Centro, João Pessoa).

Música

HOJE

AS CALUNGAS. Grupo é atração da programação de Natal de João Pessoa.

João Pessoa: LAGOA (Parque Sólón de Lucena, Centro). Domingo, 21/12, 17h. Entrada franca.

ECOSSISTEMA MUSICAL. Shows musicais variados. **Hoje:** 15h30 – DJ Iordz; As Calungas; Tocaia da Paraíba; Seu Pereira e Coletivo 401.

João Pessoa: CIDADE DA IMAGEM (Conventinho, R. Padre Antônio Pereira, Varadouro). Domingo, 21/12, 15h30. Entrada franca.

MACUMBIA. Banda grava o DVD *Aún Más Fuerte*.

João Pessoa: CASA DA PÓLVORA (Ladeira de São Francisco, nº 152, Centro). Domingo, 21/12, 17h. Entrada franca.

MIRA MAYA. Cantora apresenta show de ensaio de carnaval.

João Pessoa: LOCA COMO TU MADRE (R. Joaquim Avundano, nº 62, Miramar). Domingo, 21/12, 19h. Ingressos: R\$ 30 (couvert).

MOSTRA DE CORAIS. Evento do Natal na Usina. **Hoje:** Coral Mosaico; Coral da AEMP — Associação das Esposas dos Magistrados da Paraíba; Coral Savinianas (*Palco Bonde*).

João Pessoa: USINA ENERGISA (R. João Bernardo de Albuquerque, nº 243, Tambiá). Sexta, 19/12, 20h. Entrada franca.

AMANHÃ

PRIMA E CHICO CÉSAR. Concerto que encerra as atividades do Programa de Inclusão Através da Música e das Artes (Prima) em 2025, com a participação de Chico César.

João Pessoa: TEATRO PEDRA DO REINO (Centro de Convenções, PB-008, km 5, s/n, Polo Turístico Cabo Branco). Segunda, 22/12, 19h. Entrada franca.

SANHAUÁ SAMBA CLUBE. Roda de samba de artistas paraibanos, com clássicos do gênero e músicas autorais. Participações de Seu Pereira.

João Pessoa: VILA DO PORTO (Praça São Frei Pedro Gonçalves, nº 8, Varadouro). Segunda, 15/12, 20h. Ingressos: R\$ 40 (inteira), R\$ 30 + 1 kg de alimento não perecível (social) e R\$ 20 (meia), antecipados na plataforma Shotgun.

PEC DA ESSENCIALIDADE

Conquista marcou ano de Tribunais

Medida é vista como reconhecimento da imprescindibilidade das Cortes de Contas para o controle externo

Paulo Correia
paulocorreia.epc@gmail.com

O ano de 2025 foi marcante para os Tribunais de Contas. Em novembro, a Câmara dos Deputados aprovou a Proposta de Emenda à Constituição (PEC) nº 39/2022, conhecida como “PEC da Essencialidade”. O texto define os órgãos como permanentes e essenciais ao controle externo da administração pública, impedindo sua extinção. A votação da PEC teve 414 votos a favor, três contrários e duas abstenções.

A emenda alterou os artigos 31, § 1º, que dispõe sobre o controle das contas municipais, e o artigo 75, que estabelece o regime jurídico dos Tribunais de Contas. Na prática, a alteração consolida a essencialidade das Cortes para o exercício do controle externo, reconhece-as como instituições de Estado permanente e fixa o mapa institucional. Além disso, veda a criação de novos Tribunais na esfera municipal, ao mesmo tempo em que proíbe a extinção dos já existentes.

O Brasil possui 33 Tribunais de Contas em funcionamento atualmente. Além do Tribunal de Contas da União (TCU) e dos Tribunais dos 26 estados e do Distrito Federal, existem Tribunais de Contas dos Municípios em Goiás, Bahia e Pará, e Tribunais de Contas Municipais nas capitais de São Paulo e do Rio de Janeiro.

O presidente da Associação dos Membros dos Tribunais de Contas do Brasil (Atricon), Edilson Silva (TCE-RO), declarou, após a aprovação da matéria, que a medida constitui “o reconhecimento da essencialidade dos Tribunais de Contas, fortalecendo o controle externo e o interesse público em todo o Brasil”.

Para o presidente do Tribunal de Contas da Paraíba (TCE-PB), Fábio Nogueira, a aprovação da PEC representa um “marco histórico e um ponto de inflexão” para os Tribunais de Contas, enfatizando o seu reconhecimento constitucional, além do fortalecimento institucional e da democracia.



Foto: Divulgação/TCE-PB

Proposta de Emenda à Constituição que impede extinção de Tribunais de Contas recebeu apoio de 414 parlamentares



Foto: Divulgação/TCE-PB

A PEC torna o Tribunal de Contas uma instituição mais robusta e difícil de ser retaliada politicamente, o que se reflete na segurança do corpo técnico

Fábio Nogueira

“A PEC da Essencialidade não apenas sacramentou o status legal dos Tribunais de Contas na Constituição Federal, mas também deu um novo impulso ao seu papel como guardiões da boa aplicação do dinheiro público, com reflexos diretos na governança e na transparência do Estado brasileiro”, defende.

Fábio Nogueira enfatiza, ainda, que a aprovação da PEC também traz maior independência para a atuação do órgão, porque “ajuda a preservar as garantias funcionais dos conselheiros e membros do Ministério Público de Contas e a estabilidade dos auditores, necessárias para que os agentes de controle exerçam sua função judicante e de fiscalização com o rigor exigido pela lei”.

“A PEC torna o Tribunal de Contas uma instituição mais robusta e difícil de ser retaliada politicamente, o que se reflete diretamente na segurança e autonomia do corpo técnico e diretivo para exercer o controle externo de forma plena”, pontua.

Órgãos de garantia

Considerados “instituições permanentes, essenciais ao exercício do controle externo”, os Tribunais de Contas também se aproximam do regime jurídico de outros órgãos de garantia da ordem constitucional, como o Ministério Público e a Defensoria Pública. O texto constitucional define ambos as instituições como “essencial à função jurisdicional do Estado”.

O advogado e professor da Universidade Federal da Paraíba (UFPB), Carlos Pessoa de Aquino, corrobora que a medida “insere os Tribunais de Contas no rol das instituições permanentes e essenciais à Justiça, reforçando sua natureza constitucional e sua função de controle externo”.

“Além disso, a PEC reforça o princípio da separação de Poderes, ao garantir que os Tribunais de Contas mantenham sua autonomia e independência funcional. A equiparação em termos de essencialidade aos demais órgãos de controle, como o Ministério Público, sinaliza um avanço na proteção

institucional, consolidando os Tribunais de Contas como instituições permanentes e indispensáveis ao equilíbrio e à harmonia do sistema de freios e contrapesos”, afirma.

Tramitação

Após ser aprovada em dois turnos no Senado Federal, em dezembro de 2022, a PEC nº 39/2022, de autoria do senador Eunício de Oliveira (MDB-CE), chegou à Câmara dos Deputados com o objetivo de alterar os artigos 31 e 75 da Constituição Federal. A votação da matéria ocorreu por tramitação conjunta com a PEC nº 302/2017, de autoria do deputado Moses Rodrigues (União-CE).

As duas propostas foram apensadas em setembro, após o presidente da Câmara dos Deputados, Hugo Motta (Republicanos-PB), considerar que ambos os textos reconheçam o papel constitucional essencial dos Tribunais de Contas, permitindo, assim, uma tramitação conjunta e mais célere da matéria.

Após a decisão de ane-



Foto: Arquivo pessoal

A PEC reforça o princípio da separação de Poderes, ao garantir que os Tribunais de Contas mantenham sua independência funcional

Carlos Pessoa de Aquino

xar as propostas, a relatoria da matéria foi designada ao deputado Acácio Favacho (MDB-AP), também presidente da Frente Parlamentar da Transparência.

Um dos pontos mais relevantes do debate dizia respeito à extinção de Cortes de Contas pelos estados. Durante a votação, o relator da matéria lembrou o caso da extinção do Tribunal de Contas Estadual dos Municípios do Ceará (TCM-CE).

“Ambas as proposições têm o mesmo propósito: impedir que se repita em outros Tribunais de Contas o que ocorreu com o extinto Tribunal de Contas dos Municípios do Ceará (TCM-CE), cuja supressão se deu por meio da Emenda Constitucional Estadual nº 87, de 2017. Naquela ocasião, suas funções foram transferidas ao Tribunal de Contas do Estado, em um dos episódios mais graves de violação à autonomia e à independência dos Tribunais de Contas em nosso país, uma medida motivada por razões claramente antirrepublicanas”, defendeu.

Órgão dedicou-se à defesa de políticas para crianças da Paraíba

Ao fazer um balanço das atividades realizadas pelo TCE-PB em 2025, o presidente Fábio Nogueira ressaltou o “maciço foco” do TCE-PB como indutor de políticas públicas, especialmente no campo da Primeira Infância.

Uma das principais iniciativas foi a elaboração do Pacto Paraibano pela Primeira Infância, que já conta com a adesão de quase 200 Prefeituras, além de dezenas de órgãos estaduais, federais e entidades da sociedade civil que subscreveram uma carta-compromisso, que, segundo o conselheiro, “obrigam-se a erigir esforços, no sentido de fomentar a efetiva implanta-

ção da política pública pelos Municípios”.

Desde sua posse, o presidente reforça que “o compromisso com a Primeira Infância foi assumido em alto e bom tom” com a criação, em janeiro, da Comissão Interna da Primeira Infância, que já capacitou mais de 2000 servidores para sua devida atuação.

“De palpável, algumas capacitações direcionadas a servidores municipais foram oferecidas, em diversas regiões do estado, dentre elas: curso de elaboração ou aprimoramento do Plano Municipal pela Primeira Infância (PMPI); curso de elaboração do Plano Plurianual e Lei Or-

camentária com foco na Primeira Infância”, salienta.

Signatários

Além do TCE-PB, são signatários do Pacto Paraibano pela Primeira Infância: Governo do Estado da Paraíba, Assembleia Legislativa da Paraíba (ALPB), Tribunal de Contas da União (TCU), Câmara dos Deputados, Tribunal de Justiça da Paraíba (TJPB), Tribunal Regional do Trabalho (TRT), Ministério Público do Trabalho (MPT), Ministério Público da Paraíba (MPPB), Defensoria Pública do Estado da Paraíba (DPE-PB), Defensoria Pública da União (DPU),

Advocacia-Geral da União (AGU), Ordem dos Advogados do Brasil – Seccional Paraíba (OAB-PB), Associação dos Membros dos Tribunais de Contas do Brasil (Atricon), Instituto Rui Barbosa (IRB), Federação das Associações dos Municípios da Paraíba (Famup), Universidade Federal da Paraíba (UFPB), Universidade Federal de Campina Grande (UFCG), Universidade Estadual da Paraíba (UEPB), Instituto Federal da Paraíba (IFPB), Fundo das Nações Unidas para a Infância (Unicef), Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas (Sebrae), Federação do Comércio de

Bens e de Serviços do Estado da Paraíba (Fecomércio-PB), Federação das Indústrias do Estado da Paraíba (Fiepb) e Federação da Agricultura e Pecuária da Paraíba (Faepa).

Contribuição financeira

O TCE-PB também articula uma campanha interna de sensibilização para que seus servidores destinem parte do Imposto de Renda (IR) devido aos Fundos Municipais da Criança e do Adolescente (FIA), visando manter recursos no estado e custear projetos.

Em médio prazo, a iniciativa também deve tratar sobre a inclusão do setor privado

na campanha, estimulando a destinação de até 1% do IR a esses fundos, reforçando o slogan do Pacto: Toda grande história começa na Primeira Infância.

Ao longo de 2025, TCE-PB conseguiu adesão de quase 200 Prefeituras ao Pacto Paraibano pela Primeira Infância

MUDANÇA DE COMPORTAMENTO

Brasileiro tem falado menos sobre política no WhatsApp

Cidadãos revelam que sentem medo de compartilhar opinião em grupos virtuais

Bruno de Freitas Moura
Agência Brasil

O compartilhamento de notícias de política está menos frequente em grupos de família, de amigos e de trabalho no WhatsApp. Além disso, mais da metade das pessoas que participam desses ambientes dizem ter medo de emitir opinião. A constatação faz parte do estudo “Os Vetores da Comunicação Política em Aplicativos de Mensagens”, divulgado na última semana.

O levantamento foi feito pelo centro independente de pesquisa InternetLab e pela Rede Conhecimento Social, instituições sem fins lucrativos.

A pesquisa identificou que mais da metade das pessoas que usam WhatsApp estão em grupos de família (54%) e de amigos (53%); mais de um terço (38%) participam de grupos de trabalho; e apenas 6% estão em grupos de debates de política — em pesquisa realizada em 2020, eram 10%.

Ao se debruçar sobre o conteúdo dos grupos de família, de amigos e de trabalho, os pesquisadores verificaram que, de 2021 a 2024, caiu a frequência daqueles nos quais aparecem mensagens sobre política, políticos e governo. Em 2021, 34% das pessoas diziam que o grupo de família era o ambiente em que mais aparecia esse tipo de notícias. Em 2024, eram 27%. Em relação aos grupos de amigos, a proporção caiu de 38% para 24%; nos de trabalho, de 16% para 11%.

O estudo apresenta depoimentos de alguns dos entrevistados, sem identificá-los. “Evitamos falar sobre política. Acho que todos têm um senso autorregulador ali, e cada um tenta ter bom senso para não misturar as coisas”, relata uma mulher de 50 anos, moradora do estado de São Paulo, sobre



Foto: Marcello Casal Jr./Agência Brasil

Pesquisa mostrou que participação em discussões pelo aplicativo caiu 4 pontos percentuais

■ Para fugir de brigas, usuários evitam comentar temas políticos com familiares e colegas de trabalho

o grupo de família.

As informações foram coletadas de forma *on-line*, no período de 20 de novembro a 10 de dezembro de 2024. Foram ouvidas 3.113 pessoas de todas as regiões do país. Os participantes têm idade igual ou superior a 16 anos.

Receio de se posicionar

A pesquisa identificou que há receio em compartilhar opiniões políticas. Pouco mais da metade (56%) dos entrevistados disseram sentir medo de emitir opinião sobre política, “porque o ambiente está muito agressivo”.

Foi possível mapear que essa percepção foi sentida por 63% das pessoas que se consideravam de esquerda, 66% das de centro e 61% das de direita.

“Acho que os ataques, hoje, estão mais acalorados. Então, às vezes você fala alguma coisa e é mais complicado; o pessoal não quer debater, na verdade, já quer ir para a briga mesmo”, conta uma mulher de 36 anos, do estado de Pernambuco.

Os autores do estudo afirmam que se consolidaram os comportamentos para evitar conflitos nos grupos. Os da-

dos mostram que 52% dos entrevistados se policiam cada dia mais sobre o que falam nos grupos, enquanto 50% evitam falar de política no grupo da família para fugir de brigas.

“As pessoas foram se autorregulando, e nos grupos onde sempre se discutia alguma coisa, hoje é praticamente zero. As pessoas tentam, alguém publica alguma coisa, mas é ignorado”, descreve uma entrevistada.

Cerca de dois terços (65%) dizem evitar compartilhar mensagens que possam atacar os valores de outras pessoas, segundo o levantamento.

Dos respondentes, 29% já saíram de grupos onde não se sentiam à vontade para expressar opinião política. “Tive que sair, era demais, muita briga, muita discussão, propaganda política, bateção de boca”, conta uma entrevistada.

Parte dos usuários ainda embarca em debates

Por outro lado, o levantamento aponta que 12% das pessoas compartilham algo considerado importante mesmo que possa causar desconforto em algum grupo. Dezoito por cento afirmam que, quando acreditam em uma ideia, compartilham mesmo que isso possa parecer ofensivo.

“Eu taco fogo no grupo. Gosto de assunto polêmico, gosto de falar, gosto de tacar lenha na fogueira e muitas vezes sou removida”, diz uma mulher de 26 anos, moradora de Minas Gerais.

Entre os 44% que se consideram seguros para falar sobre política no WhatsApp, são adotadas as seguintes estratégias:

- 30% acham que mandar mensagens de humor é um bom jeito de falar sobre política sem provocar brigas;
- 34% acham que é melhor falar sobre política no privado do que em grupos;
- 29% falam sobre política apenas em grupos com pessoas que pensam igualmente.

“Eu gosto de discutir, mas é individualmente. Eu não gosto de expor isso para todo mundo”, revela um entrevistado de 32 anos, do Espírito Santo.

“É como se as pessoas já tivessem aceitado que aquele grupo é mais alinhado com uma visão política específica. Entra quem quer”, define uma mulher de 47 anos, entrevistada no Rio Grande do Norte.

O estudo foi apoiado financeiramente pelo WhatsApp. De acordo com o InternetLab, a empresa não teve nenhuma ingerência sobre a pesquisa.

Amadurecimento

Uma das autoras do estudo, a diretora do InternetLab, Heloisa Massaro, constata que o WhatsApp é uma ferramenta “arraigada” no cotidiano das pessoas. Dessa forma, assim como no mundo *off-line*, ou seja, presencialmente, o assunto política faz parte das interações.

O estudo é realizado, anualmente, desde o fim de 2020. De acordo com Heloisa, ao longo dos anos, as pessoas “foram desenvolvendo normas éticas próprias para lidar com essa

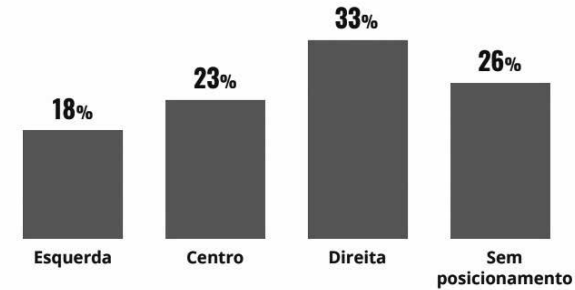
comunicação política no aplicativo”, principalmente nos grupos.

“Elas se policiam mais, relatam um amadurecimento no uso”, diz a autora. “Ao lon-

go do tempo, a gente vai observando essa ética de grupos nas relações dos aplicativos de mensagem para falar sobre política se desenvolvendo”, completa.

Saiba Mais

Confira o perfil da amostra quantitativa do estudo com base no posicionamento político dos entrevistados:



2023	2022	2021	2020
esquerda 16%	esquerda 18%	esquerda 17%	esquerda 17%
centro 27%	centro 24%	centro 29%	centro 23%
direita 34%	direita 36%	direita 32%	direita 33%
Sem posicionamento 23%	Sem posicionamento 21%	Sem posicionamento 22%	Sem posicionamento 27%

Toca do Leão

Fábio Mozart
mozartpe@gmail.com | Colaborador

Microcrônicas (23)

Zuza Ferreira era alfaiate e poeta, cultivava o gênero clássico na Itabaiana dos anos 1920/1930. Uma vez dedicou um soneto a certo bacharel solteiro que estava passando uma temporada em Itabaiana. Tinha o título de “O celibatário”. Quase há um desgosto, porque o doutor entendeu, a princípio, que celibatário era nome feio, que tinha sido insultado gratuitamente.

Zuza Ferreira é um dos nomes biografados no meu livro “Artistas de Itabaiana”.

Todos os anos, em 25 de outubro, nosso amigo de infância Walter Florêncio anuncia meu aniversário às 6h30, no programa Show do Antonio Carlos, na Rádio Tupi 96,5 FM do Rio. Parece que é promessa.

Deus não ajuda a quem madruga. Acordo todos os dias às quatro da madrugada, hora em que os passarinhos estão ainda sonhando com as minhocas. Já estou velho, não tenho esperanças de me reabilitar desse costume.

Depois de preparar suco de dois limões com canela e gengibre, para melhorar da artrose, vou sorver essa água que passarinho não bebe, entregando-me aos prazeres de escrever asneiras aqui nesta Toca.

Uma brincadeira na internet indagava sobre nossa identidade a partir de nossos interesses. Eu disse assim:

Sou música regional de raiz, sou Antonio Nóbrega, sou Quinteto Violado, sou Clá Brasil, sou Jessier Quirino, sou Odete Pilar, sou Sandra Belê, sou Tocaia da Paraíba, sou Manoel Xudu, sou Zé da Luz, sou Zeca Baleiro, sou Geraldo Amâncio, sou Canhoto da Paraíba, sou Raul Seixas, sou The Beatles, sou Creedence Clearwater Revival, sou Pinto de Monteiro e Ivanildo Vila Nova, sou Geraldo Mousinho e Caximbinho, sou Curió de Bela Rosa, sou Maria Soledade...

...sou futebol, sou teatro amador, sou rádio comunitária, sou poesia de cordel, sou José Saramago, sou documentários, não sou novela nem programa de auditório, sou Náutico Capibaribe, sou Botafogo carioca, sou Treze da Paraíba, sou Mário Quintana, sou Waldir Azevedo, sou Capiba, sou Mocó dos Caboclos, sou Ispiciá do Boi, sou Pabulagem do Coco, sou Chico do Doce Mamulengueiro...

...sou dia de chuva, sou informalidade, não sou café, mas sou cerveja, sou peixe ao molho de coco, sou castanha e sou granola, sou inhame com torrado de bode, já fui cachaça, hoje não mais, sou fruta manga, jaca, sapoti, abacate, mel de abelha, abacaxi, sou mesa, mas não sou cozinha, sou cama, mas não sou galinha, não sou reza, mas sou agnosticismo...

...sou caminhada, não sou musculação, sou bar pé-sujo, mas não sou baile, sou Pernambuco na Paraíba, sou escorpião, sou poesia de feira, sou “o coração do folclore nordestino”.

Comprei meu próprio livro em um sebo, com dedicatória. Vou morrer sem revelar o nome do leitor. Também sou assim: quando leio um livro, passo pra frente.

Radicais hindus, talibás, extremistas islâmicos na Nigéria, judeus e palestinos, Estado Islâmico no Iraque e Síria. Já viu guerra de ateus?

Esse pecador é tão pecador que o Pastor Pedânio só tira o cão do couro dele com pagamento no vencimento. Não dá pra parcelar.

“TEMPO DE COMER”

Indígenas seguem ritmo próprio

Pesquisa mostra como a relação de povos originários com a alimentação está ligada a uma visão holística do mundo

Maykon Almeida
Jornal da USP

A partir do questionamento “por que juruá [não indígena] vende comida?”, a bióloga Vanessa Almeida propôs-se a observar como, entre os povos indígenas, a alimentação constitui um campo de relações entre vidas que difere muito do modo de vida da sociedade hegemônica. Ela realizou uma pesquisa etnográfica entre dois povos indígenas distintos: os Mbyá Guarani, em São Paulo, e os Akwe-Xerente, no Tocantins. Acompanhando o dia a dia das aldeias, a pesquisadora identificou um sistema de relações alimentares que respeita os diferentes tempos da vida, bem como impactos negativos do modo de produção ocidental sobre a segurança alimentar das comunidades.

A pesquisa resultou na dissertação de mestrado “Tempo de comer, tempo de viver: um olhar para as relações alimentares entre os Akwe-Xerente e Mbya Guarani para se pensar outras formas de habitar o mundo”, que Vanessa defendeu em setembro, no Programa de Pós-Graduação em Saúde Pública da Faculdade de Saúde Pública (FSP) da Universidade de São Paulo (USP). Ela teve a orientação da professora Cláudia Roberta de Castro Moreno, da FSP.

A etnografia é um método que consiste na imersão no cotidiano dos interlocutores de pesquisa. A partir dessa expe-



Foto: Vanessa Almeida/Arquivo pessoal

Enquanto a alimentação no mundo capitalista é marcada pela lógica da produtividade, indígenas respeitam o tempo e as relações que permeiam o ato de comer

riência com os Mbyá Guarani e os Akwe-Xerente, Vanessa pôde compreender como as relações alimentares nessas comunidades, para além do ato de comer, seguem ritmos diferentes daqueles do homem branco e relacionam-se com diferentes dimensões da vida. Da mesma forma que rejeitam as formas aceleradas de viver e produzir do Ocidente, nas comunidades pesquisadas, o “tempo de comer” e o “tempo de viver” são preservados.

Segundo a pesquisadora, “pensar em relações alimentares é olhar para como a alimentação entre os povos indígenas está dentro de uma cadeia maior de seres vivos, que se relacionam entre si e com o tempo. [Isso vai] desde a pessoa que cultiva até a pessoa que prepara o alimento, a pessoa que lucra com a venda, os animais e os espíritos”.

Ela explica que as relações alimentares não indígenas, apesar de serem atravessadas

por uma lógica de mercado que institui o mundo colonialista-capitalista, também são parte de um sistema coletivo. No entanto, é um sistema que torna o alimento e a fauna em algo a ser explorado e tomado como recurso.

O tempo, também tido como recurso pelo mundo colonialista-capitalista, passa a seguir a lógica da produtividade e do consumo. O tempo de viver, de comer e outras temporalidades — o tempo de

plantio, colheita e preparo dos alimentos; a reprodução, crescimento e caça dos animais, por exemplo — são desconsiderados e alterados. Para a pesquisadora, a explicação para isso está na forma com a qual o “Ocidente” relaciona-se com outras formas de viver, como produz seus meios de subsistência e a lógica de consumo estabelecida.

“Acredito que a organização temporal da sociedade contemporânea deva ser am-

plamente debatida, pois está diretamente associada à sobrecarga de trabalho, ao trânsito caótico e ao crescente distanciamento entre as pessoas, as quais estão sempre atarefadas, com pouco tempo para conversar, conviver e simplesmente viver. Em vez de favorecer o bem-estar coletivo, o ritmo imposto tende a reduzir a vida cotidiana a uma busca pela sobrevivência”, afirma Cláudia Moreno, orientadora da pesquisa.

Modo de vida ocidental impacta aldeias

Preservar o tempo de viver e o tempo de comer de acordo com suas tradições e cosmovisões não impede que as comunidades indígenas sejam impactadas pelo modo de vida ocidental contemporâneo. Nas duas comunidades onde a pesquisadora esteve, esses impactos chegam a ameaçar a soberania e a segurança alimentar dos moradores.

Nhanderekoá é uma aldeia de retomada do povo Mbyá Guarani, localizada no município de Itanhaém, litoral de São Paulo. A *tekoa* — palavra guarani para aldeia — fica onde antes era um local para despejo de entulho de obras realizadas na região. A retomada do território começou há cerca de quatro anos, com a ocupação do lugar e um processo de recuperação do solo.

Um dos fatores prejudiciais ao bem-viver dessa comunidade é a degradação da terra, que afeta, diretamente, a soberania alimentar das famílias. O consumo de alimentos *in natura* cultivados em Nhanderekoá, como a batata-doce e as carnes em geral, ainda é limitado devido ao estado do terreno.

O avaxi (milho), base da alimentação guarani em sua diversidade de cores, tamanhos e nomes, tam-



Foto: Vanessa Almeida/Arquivo pessoal

Povo Akwe-Xerente busca manter vivas suas tradições

bém precisa ser comprado. Enquanto isso, os Mbyá Guarani buscam alternativas para manter sua subsistência a partir de estratégias de criação e cultivo.

Já Salto Kripre é a maior aldeia do povo Akwe-Xerente e está localizada na terra indígena (TI) Xerente, nas proximidades do município de Tocantínia, Região Metropolitana de Palmas. A área onde estão localizadas as aldeias Akwe foi palco de diversos conflitos entre indígenas e não indígenas. A colonização e a recente expansão do agronegócio são as principais responsáveis

pelo genocídio empreendido contra as comunidades localizadas no Cerrado brasileiro.

Devido aos diversos deslocamentos forçados, à redução da extensão de suas terras e à perda de biodiversidade causada pela expansão da monocultura, a aldeia de Salto Kripre também vive em situação de insegurança alimentar e é dependente, em certa medida, da compra de alimento *in natura* e também de ultraprocessados.

Apesar disso, da mesma forma que os Mbyá Guarani, eles buscam ati-

vamente alternativas e formas de manter vivas as suas tradições. Eles buscam sua soberania alimentar por meio do cultivo em roças compartilhadas, acompanhando os períodos de cheia e seca do rio, para determinar quais tubérculos, cereais ou leguminosas serão cultivados.

A construção da Usina Hidrelétrica do Lajeado, no Rio Tocantins, alterou o fluxo das águas e os períodos de cheia e seca agora são indeterminados. Isso impede o cultivo de alguns alimentos, como o arroz-do-pantanal, que costumava ser plantado na terra úmida e fértil do período de vazante do rio e foi substituído pelo arroz comprado. Esse fator modificou o padrão alimentar dos Xerente. O consumo do arroz e feijão, que antes não era tão comum, virou um hábito diário.

■ **Fatores que afetam as aldeias pesquisadas incluem a degradação do solo e a mudança nos regimes fluviais**

Rotina desacelerada ajuda no equilíbrio climático

Para Vanessa, “a insegurança alimentar vivida por esse povo não é, portanto, fruto de uma escassez natural, mas consequência direta de uma história de colonização, expropriação e silenciamento”. Tais processos alteraram as condições materiais e simbólicas de existência e resistência dessas comunidades que, hoje, precisam conviver com a constante invasão de seus territórios, ameaças e transformações nas formas de sobrevivência.

Segundo a bióloga, olhar para formas historicamente negligenciadas e atacadas de se relacionar com o mundo é um caminho que precisa ser percorrido. A mudança climática é um dos principais agravantes das transformações sofridas por esses povos, devido às alterações que ela provoca, como os períodos irregulares de seca, cheia e calor intenso.

De acordo com uma cartilha produzida pela Fundação Nacional dos Povos Indígenas (Funai), o Instituto de Pesquisa Ambiental da Amazônia (Ipam) e o Instituto de Pesquisas Ecológicas (IPÊ), a ação dos povos indígenas é essencial para a manutenção do equilíbrio climático. Segundo o relatório, por exemplo, a temperatura média do território indígena do Xingu (TIX) é 5 °C menor do que aquela registrada nas áreas de pastagem e monocultura vizinhas.

Para Cláudia Moreno, estudos e relatórios como esses abrem espaço para discussões mais amplas sobre o tema. “Não tenho dúvida de que a sociedade, como um todo, precisa refletir sobre formas mais saudáveis de produzir e consumir alimentos. Daí a importância de colocar o tempo no centro dessa discussão. Desacelerar é uma necessidade não apenas para promover saúde e bem-estar, mas também para enfrentar a crise climática”, diz.



Foto: Arquivo pessoal

A insegurança alimentar vivida por esse povo é consequência direta de uma história de colonização

RETA FINAL

Editais abertos têm mais de 400 vagas

Prefeituras de Pilõezinhos e Petrolina e Câmara de Bayeux concentram as principais oportunidades da semana

Priscila Perez
priscilaperezcomunicacao@gmail.com

O clima de fim de ano impõe escolhas difíceis aos concurseiros. Às vésperas do Natal, a atenção costuma ser dividida entre estudos, compras e confraternizações, enquanto o relógio dos editais continua correndo acelerado. Hoje, por exemplo, termina o prazo de inscrições para quem pretende disputar uma vaga no concurso da Prefeitura de Pilõezinhos, com 52 oportunidades e salários que podem chegar a mais de R\$ 4,3 mil. Também na Paraíba há 21 vagas em disputa no concurso da Câmara Municipal de Bayeux, cujas inscrições vão até 26 de dezembro. Já em Pernambuco, a Prefeitura de Petrolina reforça o cenário com um processo seletivo que reúne mais de 350 vagas, com grande parte dedicada à Educação.

Reta final

No Agreste paraibano, o concurso da Prefeitura de Pilõezinhos encerra, hoje, o período de inscrições. Ao todo, são 52 vagas distribuídas entre níveis fundamental, médio, técnico e superior, contemplando áreas estratégicas à administração municipal, como Educação, Saúde e serviços operacionais. Entre os cargos em jogo há oportunidades para merendeira, motoristas, agente de limpeza urbana, fiscal de obras e técnicos em Enfermagem, labo-



Foto: Divulgação/ Câmara de Bayeux

Em Bayeux, para jornadas de 40 horas semanais, a remuneração chega a R\$ 2,5 mil

ratório e saúde bucal, além de arquivista, enfermeiro, fonoaudiólogo, fisioterapeuta, nutricionista, odontólogo e médicos. O maior número de oportunidades está no magistério, com destaque para o cargo de professor do Ensino Fundamental I, que soma 19 vagas. As remunerações oferecidas variam de R\$ 1,5 mil a R\$ 4,3 mil, com jornadas entre 30 e 40 horas semanais.

Para os interessados, as inscrições podem ser realizadas, até hoje, pelo Sistema de Gerenciamento de Processos Seletivos da Universidade Estadual da Paraíba (Sigeps/

UEPB). A taxa cobrada varia entre R\$ 75 e R\$ 115, de acordo com a escolaridade exigida. Em relação à avaliação, a prova objetiva está marcada para 8 de fevereiro de 2026 e haverá, ainda, etapas complementares para cargos específicos, incluindo prova prática para motoristas e avaliação de títulos para professores. Segundo o edital, todo o processo será realizado no município de Pilõezinhos, com possibilidade de ajustes logísticos caso o número de inscritos ultrapasse a capacidade local. O resultado definitivo deverá ser publicado até 10 de abril do próximo ano.

Legislativo em Bayeux

Já na Região Metropolitana de João Pessoa, o concurso da Câmara Municipal de Bayeux segue com inscrições abertas até o dia 26 de dezembro. No total, há 21 va-



Use o QR Code para acessar o edital da Câmara de Bayeux



Use o QR Code para acessar o edital da Prefeitura de Pilõezinhos



Use o QR Code para acessar o edital da Prefeitura de Petrolina

Técnico em Edificações é o nome por trás de toda obra

Nem engenheiro, nem arquiteto. Quem passa por um canteiro de obras dificilmente percebe, à primeira vista, quem é o responsável por fazer o projeto avançar nos bastidores. Para além do cálculo do engenheiro e do traço do arquiteto, há quem garanta que os materiais cheguem no tempo certo, que as especificações técnicas sejam seguidas à risca e que a execução acompanhe o que foi planejado. Esse papel cabe, muitas vezes, ao técnico em Edificações, profissional que acompanha a obra no detalhe, controlando prazos, materiais e equipes.

Para a engenheira civil e professora dos cursos de Engenharia e Arquitetura da Faculdade Estácio, Rafaela Amaral, trata-se de uma formação curta indicada para quem deseja ingressar rapidamente no mercado de trabalho. “O Curso Técnico em Edificações é indicado para quem tem um perfil prático e quer atuar diretamente no canteiro de obras”, explica. Entretanto, ainda que a formação seja mais rápida, isso não a torna menos complexa. No dia a dia dos canteiros de obras, o técnico em Edificações ocupa um lugar estratégico entre o planejamento e a execução, sendo responsável por garantir que o que foi projetado vire realidade em meio à dinâmica, muitas

vezes imprevisível, da construção civil.

Atribuições legais

De acordo com Rafaela Amaral, cabe a esse profissional interpretar projetos arquitetônicos, estruturais e complementares, acompanhar medições, controlar prazos e materiais, além de organizar o canteiro e dialogar com as equipes. Não à toa, a professora observa que há diferenças claras entre as formações ligadas à área. “O engenheiro civil atende quem gosta de cálculos, planejamento e gestão, busca maior autonomia, responsabilidade legal e está disposto a investir mais tempo em estudos”, explica. Já o curso de Arquitetura e Urbanismo, segundo ela, dialoga com perfis mais criativos, “interessados em projetos, estética e organização dos espaços”.

Além dessas distinções, há também a questão da autonomia que, no caso do técnico em Edificações, é delimitada por lei. Em empreendimentos de pequeno porte e baixa complexidade, como residências e reformas sem alteração estrutural, o profissional pode atuar de forma independente, assumindo a responsabilidade técnica dentro dos limites legais. Já em obras maiores, no entanto, Rafaela explica que, por envolverem cálculos e riscos à segurança,

a atuação passa a ser, necessariamente, compartilhada com engenheiros e arquitetos. “Ele convive com limites legais de atuação, evitando extrapolar atribuições”, complementa.

Nos canteiros

Quem vive essa realidade de perto é o técnico em edificações Rahman Efigênio de Souza Silva, que ingressou na área na década de 1980, após ser aprovado no curso de Edificações da Escola Técnica Federal da Paraíba (Etfpb). Dali em diante, passou por empresas locais, de Jaguaribe a João Pessoa, até chegar a grandes obras industriais em diferentes regiões do país. Foi um período profissionalmente intenso, marcado pela atuação em galpões e concretagens de grande porte, sempre com prazos apertados, uma experiência que ele define como um aprendizado não apenas técnico, mas também humano. “Inevitavelmente, quando você se torna um ‘trecheiro’, como se diz no meio, acontece um amadurecimento diante das situações em que somos colocados: as responsabilidades aumentam, a concorrência por destaque profissional se intensifica e o reconhecimento passa a ser muito mais aguçado”, reflete.

Na rotina diária, Rahman explica que o técnico em Edificações funciona quase como



Foto: Rahman Silva/Arquivo pessoal

Rahman: técnico é um elo entre a produção e a gestão da obra

um intermediário entre a produção e a gestão da obra. Ter domínio dos projetos executivos, segundo ele, é condição básica para desempenhar bem a função. Mais do que acompanhar serviços, o profissional precisa entender como cada etapa impacta o cronograma e, principalmente, o faturamento da empresa. A lógica da “medição”, termo que, para ele, é muito comum nos canteiros, reflete, justamente, essa preocupação com prejuízos.

Produtividade

É nesse ponto, da produtividade, que surgem alguns dos principais desafios da profissão. Para Rahman, planejamento e controle ainda são setores pouco valorizados em muitas empresas do setor, um descuido que se traduz

em problemas bastante concretos, como falta ou excesso de materiais. Diante dessa realidade, o técnico acaba sendo obrigado a improvisar e encontrar soluções rápidas para problemas que não estavam previstos no papel. “Muitos lucros são desperdiçados por não investirmos em planejamento. Isso é lamentável”, observa.

Além das competências técnicas, a profissão exige habilidades mais sociais que fazem a diferença no canteiro de obras. Comunicação, organização e respeito às equipes aparecem como elementos fundamentais para um bom desempenho. Para Rahman, saber como, quando e com quem se comunicar também é decisivo. É essa postura, de acordo com ele, que permite construir confiança, ganhar

autonomia e alcançar reconhecimento dentro de um ambiente marcado por pressão, concorrência e cobrança por resultados.

Oportunidade

Para os técnicos em Edificações que estiverem interessados em ingressar no serviço público, o processo seletivo aberto pela Prefeitura de Petrolina, em Pernambuco, pode representar uma porta de entrada. O edital exige diploma ou certificado de conclusão do curso técnico, com registro no respectivo órgão de classe, e prevê remuneração de R\$ 2.638,51 para uma jornada de 40 horas semanais. A seleção será feita por meio de prova objetiva, com questões de Língua Portuguesa, Matemática e conhecimentos específicos. O edital, porém, não informa a quantidade de vagas disponíveis.

■ Professora Rafaela Amaral diz que o curso é indicado para quem tem um perfil prático e quer atuar nos canteiros de obras

Selic	Salário mínimo	Dólar \$ Comercial	Euro € Comercial	Libra £ Esterlina	Inflação	Ibovespa
Fixado em 10 de dezembro de 2025					IPCA do IBGE (em %)	
15%	R\$ 1.518	+0,12%	+0,11%	+0,42%	Novembro/2025 0,18	158.374 pts
		R\$ 5,529	R\$ 6,482	R\$ 7,410	Outubro/2025 0,09	
					Setembro/2025 0,48	
					Agosto/2025 -0,11	+0,29%
					Julho/2025 0,26	

MERCADO DE TRABALHO

Conseguir emprego é mais difícil para pessoas trans

Comunidade enfrenta falta de oportunidades e desigualdade salarial

Pedro Alves
pedroalvesjp@yahoo.com.br

A inserção da população trans no mercado de trabalho formal no Brasil enfrenta obstáculos estruturais e persistentes. Segundo levantamento do Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (Ipea) com base em dados dos registros oficiais de 2023, apenas 25% da população trans tem emprego formal. Conforme dados do Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas (Sebrae), a população de trans, travestis e de não binários é de cerca de 1,5 milhão de pessoas.

A dura realidade para essa comunidade é composta por empresas que evitam contratar pessoas trans, que têm dificuldade desde a adolescência para conseguir formação educacional em níveis mais elevados. Muitas pessoas trans enfrentam a negação familiar, que resulta em violências, como expulsão de casa e da escola cedo, às vezes antes da maioridade.

O mercado de trabalho, essencialmente hostil em relação à diversidade social, ainda cobra níveis de formação e experiência que muitas pessoas trans não possuem, por terem sido ceifadas cedo de oportunidades de estudo. É o que explica o titular da Coordenadoria de Promoção à Cidadania LGBT e de Igualdade Racial da Prefeitura Municipal de João Pessoa, Geraldo Filho.

“A população trans no Brasil é extremamente desprovida de oportunidade de empregabilidade. Essa realidade começa na escola, pois elas normalmente são expulsas dos colégios por transfobia e também dos seus lares. Então, dessa forma, a população trans acaba não tendo



Yara Ferreira é técnica de enfermagem e presidente do coletivo As Yaras, que atua na luta pela inclusão de pessoas trans e travestis

acesso à educação e assim não tem acesso ao mercado de trabalho formal”, diagnosticou.

No caso de mulheres trans, a taxa de participação no mercado atinge apenas 20,7%, enquanto para homens trans sobe para 31,1%, de acordo com o Ipea. Uma das mulheres trans com a oportunidade de estar inserida no mercado de trabalho é Yara Ferreira. Técnica em enfermagem de um hospital de Campina Grande, ela explica a dificuldade maior das mulheres trans.

“Dentro da comunidade trans, há também a questão de ser mais difícil para as mulheres trans. Nem sempre os homens trans falam que são trans e, na rotina social, eles são percebidos como homens cis. No caso da mulher trans, é mais fácil identificar, porque muitas vezes não houve aquela transição hormonal, então tem uma voz que não é

tão fina e outras características estéticas. Então a mulher trans é ainda mais marginalizada”, explicou Yara.

Yara, no entanto, não só lamenta a triste realidade que, no momento, não a atinge enquanto indivíduo em relação à empregabilidade. Ela é a presidente do coletivo As Yaras, que atua justamente para buscar melhorias na vida de pessoas trans, incluindo ações para inserir mais trans e travestis no mercado de trabalho.

Na reta final deste ano, houve uma visita do coletivo à unidade do Serviço Nacional de Emprego (Sine) em Campina Grande para um diálogo com a instituição, visando uma conscientização do Sine para que haja um encaminhamento direcionado de vagas

ofertadas para pessoas trans.

Uma das mulheres que fazem parte do coletivo As Yaras é Lorraine Nunes, que no momento está desempregada. Ela já atuou na Alpargatas, em Campina Grande. A empresa chegou a ter vagas ofertadas para pessoas trans, admitiu cerca de 40 pessoas, mas aos poucos elas foram saindo.

“Eu trabalhei por um ano e maio lá. Mas acontece que a empresa admite as pessoas trans, mas não prepara a empresa para elas. Estou agora em busca de um emprego para voltar ao mercado de trabalho e ter novamente uma autonomia financeira”, comentou Lorraine, que no momento concorre a uma vaga de serviços gerais ofertada pelo Sine.

Empresas privadas criam políticas de inclusão

A desigualdade no mercado de trabalho também se revela na remuneração: aquelas que estão inseridas no mercado formal têm salário médio de R\$ 2.707 mensais, cerca de 32% inferior à média nacional, de R\$ 3.987, de acordo com o Ipea.

De todo modo, a problemática maior é sobre o quanto não se emprega pessoa trans. De acordo com Geraldo Filho, gestor da Coordenadoria de Promoção à Cidadania LGBT e de Igualdade Racial de João Pessoa, poucas empresas empregam pessoas trans e, quando isso acontece, normalmente não faz parte de uma política interna de dar oportunidades a trabalhadoras e trabalhadores dessa comunidade.

“Na coordenadoria, nós tentamos, por meio de parcerias com empresas privadas, sempre ofertar vagas de emprego para pessoas trans, mas não tem sido fácil. É difícil encontrar empresas que tenham políticas de inserção. Então atuamos também no sentido de dar oportunidades de educação, como cursos de inglês, cursos de Libras [Língua Brasileira de Sinais], cursos de gastronomia, para dar qualificação à mão de obra”, destacou.

Uma das empresas em João Pessoa que recentemente lançou um plano de admissão de pessoas trans é a AeC, empresa brasileira de telemarketing que tem duas unidades na capital. A companhia tem mais de 2.700 colaboradores trans e/ou não

binário em todo o país.

A empresa tem um programa que não só emprega, mas também auxilia quem, do quadro de funcionários, deseja iniciar ou concluir processos de mudança de nome e/ou gênero em seus registros civis, em articulação entre as áreas jurídica e de recursos humanos da empresa, além de consultores externos.

Uma realidade ainda rara no ramo empresarial em um país em que a população trans ainda tem direito básico de trabalho digno fortemente cerceado. A inserção formal ainda é a exceção e, quando ocorre, vem acompanhada de remuneração inferior, pouca mobilidade e elevado grau de vulnerabilidade.

Educação

Coordenadoria de Promoção à Cidadania LGBT oferta cursos de qualificação, a exemplo de inglês, Libras e gastronomia, visando ampliar a qualificação profissional

Economia em Desenvolvimento

Amadeu Fonseca
amadeu.economista@gmail.com | Colaborador

Festas de fim de ano e o desafio do equilíbrio financeiro

As festas de fim de ano são, para muita gente, um dos momentos mais aguardados do calendário. É tempo de encontros, celebrações, retrospectivas e novos planos para o ciclo que se inicia. Em 2025, o movimento financeiro tende a ser ainda mais intenso: as vendas de Natal devem injetar cerca de R\$ 84,9 bilhões na economia brasileira, com 76% dos consumidores planejando comprar presentes, segundo pesquisa da CNDL e do SPC Brasil. Nesse contexto, decisões financeiras impulsivas se acumulam e costumam cobrar seu preço logo nos primeiros meses do ano seguinte. O problema não está em comemorar, mas em atravessar esse período sem planejamento e consciência financeira.

O primeiro passo para economizar nas festas de fim de ano é simples, mas raramente seguido: planejar. Antes de qualquer compra, é fundamental listar todas as despesas típicas desse período, como presentes, ceias, bebidas, confraternizações, deslocamentos, viagens curtas, decoração e eventos de Réveillon. Quando esses gastos são colocados no papel e separados por categoria, fica mais fácil enxergar o impacto real no orçamento, antecipar excessos e definir limites claros, evitando surpresas desagradáveis no cartão de crédito.

Outro ponto importante é usar as compras on-line com critério. Comparar preços, acompanhar promoções e utilizar cupons ou cashback pode gerar uma boa economia. No entanto, é preciso cuidado com a facilidade excessiva. Compras feitas sem planejamento, apenas porque “parecem baratas”, acabam se acumulando e estourando o orçamento. A regra é simples: pesquisar, comparar e

respeitar o limite definido previamente, lembrando que conveniência não deve substituir consciência.

Antecipar gastos também faz diferença. Deixar compras de última hora, seja para a ceia de Natal ou para a virada do ano, quase sempre significa pagar mais caro. Supermercados, atacarejos e lojas aproveitam o aumento da demanda nesse período. Comprar bebidas, itens não perecíveis e até parte da decoração com antecedência ajuda a diluir despesas, aproveitar melhores preços e evita decisões tomadas sob pressão.

O décimo terceiro salário costuma ser um reforço importante nesse período, mas precisa ser tratado com responsabilidade. Ele não deve ser visto como dinheiro livre para consumo imediato. O ideal é dividi-lo entre a redução de dívidas, a reserva para despesas previsíveis do início do ano e uma parte destinada às celebrações. Essa organização evita que janeiro comece com aperto financeiro e ansiedade desnecessária.

As confraternizações também podem ser organizadas de forma mais inteligente. Ceias colaborativas, em que cada pessoa contribui com algo, reduzem custos e fortalecem o espírito de união. Cardápios mais simples, com ingredientes da estação, funcionam tanto para o Natal quanto para o Réveillon, sem comprometer o clima de celebração.

No fim, economizar nas festas de fim de ano não é abrir mão de comemorar, mas escolher melhor. O verdadeiro ganho está em atravessar esse período com equilíbrio, começar o novo ano sem dívidas e com a sensação de que as decisões financeiras foram feitas com consciência. Esse é o tipo de resultado que vale muito mais do que qualquer gasto excessivo de fim de ano.

TENDÊNCIA DE MERCADO

Experiências substituem presentes

Mais de 40% dos consumidores preferem proporcionar momentos afetivos em vez de bens materiais neste Natal

Alex Akira
Agência CNDL

O Natal de 2025 promete ser marcado não apenas por embalagens e vitrines, mas por lembranças e vivências. Uma nova forma de consumo está ganhando espaço entre os brasileiros: a troca de presentes materiais por experiências. Viagens, jantares, passeios, shows e momentos em família vêm se consolidando como alternativas para celebrar a data de maneira mais afetiva e menos voltada ao acúmulo de bens.

Segundo a pesquisa “Intenção de Compras para o Natal 2025”, realizada pela Confederação Nacional de Dirigentes Lojistas (CNDL) e pelo Serviço de Proteção ao Crédito (SPC Brasil), em parceria com a Offerwise Pesquisas, 43% dos consumidores pretendem substituir os presentes tradicionais por experiências. O dado sinaliza uma mudança cultural no comportamento de consumo, em que o valor simbólico e emocional supera o material.

Mudança de comportamento
O fenômeno é global, mas tem ganhado força no Brasil à medida que o consumidor busca equilíbrio entre consumo, bem-estar e propósito. Viagens curtas, ingressos para eventos e jantares especiais aparecem como formas de celebrar com mais significado, especialmente entre as classes A e B e o público jovem, que valoriza experiências únicas e compartilháveis.

Para muitos, presentear com experiências é também uma resposta à saturação do consumo tradicional. Após anos de estímulos digitais e ofertas constantes, cresce o desejo por momentos que proporcionem recompensa emocional e memórias duradouras. O consumidor percebe que uma boa lembrança pode valer mais do que um objeto que logo perde o brilho. É o consumo com propósito, guiado pela emoção e pela convivência. A tendência reflete um com-

Vivências

Viagens curtas, ingressos para eventos e jantares são vistos como formas mais especiais de celebrar, principalmente entre as classes A e B e os jovens

portamento mais consciente e relacional. A pesquisa mostra que os filhos continuam sendo os principais presenteados (58%), seguidos por mães (46%) e cônjuges (40%), e é justamente nesses laços familiares que as experiências se tornam mais valorizadas.

Um passeio, uma viagem em grupo ou até um jantar especial passam a simbolizar tempo de qualidade e proximidade emocional, valores cada vez mais importantes para o consumidor moderno.

Essa mudança também dialoga com a busca por equilíbrio financeiro: ao optar por experiências planejadas, o consumidor tende a gastar de forma mais consciente, evitando compras por impulso e presentes supérfluos.

Impacto no varejo
Para o varejo, o crescimento desse comportamento representa um desafio, mas também uma oportunidade. Se por um lado há menor intenção de compra de produtos físicos, por outro, abre-se espaço para novos formatos de negócio, como pacotes de experiências, *gift cards* de viagens, ingressos para eventos e parcerias entre marcas e serviços.

A integração entre varejo e entretenimento é um dos caminhos que já começa a se fortalecer. Marcas que antes vendiam apenas produtos passam a oferecer vivências personalizadas, como *workshops*, even-



Essa forma de presentear reduz a intenção de compra para produtos físicos, mas abre espaço para novos negócios

tos temáticos ou serviços agregados, conectando o cliente à marca de maneira mais emocional. No fim, o que os dados re-

velam é uma mudança na essência do Natal: menos sobre o que se ganha e mais sobre com quem se vive. A data segue sendo o principal momen-

to de consumo do ano, mas com novas motivações, mais humanas, afetivas e alinhadas com o tempo presente. Para o consumidor, o pre-

sente ideal pode não caber em uma caixa. E, para o varejo, entender isso é o primeiro passo para continuar presente na vida das pessoas.

Maioria dos brasileiros pretende pagar à vista, com o Pix

O Pix vai brilhar no Natal de 2025. Rápido, prático e sem juros, o meio de pagamento instantâneo consolidou-se como o preferido dos brasileiros também nas compras de fim de ano. Segundo a pesquisa “Intenção de Compras para o Natal 2025”, realizada pela Confederação Nacional de Dirigentes Lojistas

(CNDL) e pelo Serviço de Proteção ao Crédito (SPC Brasil), em parceria com a Offerwise Pesquisas, 79% dos consumidores pretendem pagar os presentes à vista, e o Pix será utilizado por 54% deles. O método ultrapassou o cartão de débito (28%) e o dinheiro em espécie (23%), confirmando sua popularização

e presença no cotidiano das compras presenciais e *on-line*.

Com planejamento
O comportamento de pagar à vista reflete uma tendência de maior controle financeiro neste fim de ano. Depois de períodos de endividamento elevado, o consumidor busca evitar juros e

parcelamentos longos, priorizando formas de pagamento que transmitam segurança e praticidade.

Ainda assim, a pesquisa mostra que 48% dos entrevistados pretendem parcelar pelo menos parte das compras, com destaque para o cartão de crédito, utilizado por 39% dos consumidores. A média de parcelamento será de 4,8 prestações, o que indica que o crédito continua sendo um instrumento essencial para sustentar o consumo natalino.

Apesar da preferência por compras à vista, o crédito continua sendo determinante nas decisões de compra. O levantamento aponta que 79% dos consumidores acreditam que o crédito influencia, de alguma forma, o volume de presentes comprados e 39% afirmam que, sem acesso ao crédito, comprariam bem menos. O parcelamento, portanto,

segue como uma estratégia de equilíbrio: permite planejar o orçamento, distribuir gastos e garantir presentes sem comprometer o caixa do mês. Essa prática é especialmente relevante entre as classes C, D e E, que utilizam o crédito como meio de manter o poder de compra.

Compras presenciais e virtuais
Mais do que uma inovação tecnológica, o Pix transformou-se em um hábito cultural. Sua gratuidade, instantaneidade e aceitação em praticamente todo o comércio criaram um novo padrão de conveniência. No Natal, ele será usado tanto em compras presenciais quanto nas plataformas digitais, de grandes *marketplaces* a pequenos lojistas e empreendedores locais. Para o varejo, a popularização do Pix representa menos custo operacional e mais

agilidade no fechamento das vendas. Além disso, permite maior margem de negociação e descontos à vista, o que reforça sua atratividade junto aos consumidores. Os dados também mostram que o consumidor está mais atento às próprias finanças. Embora o desejo de presentear continue forte, com 76% dos brasileiros planejando comprar presentes e *ticket* médio de R\$ 174 por item, há um esforço para evitar o endividamento e equilibrar as contas no início de 2026. Para especialistas, o cenário aponta para um Natal mais consciente, com consumidores que aprendem a usar o crédito de forma estratégica, sem abrir mão da praticidade digital. O Pix, nesse contexto, surge como símbolo dessa maturidade financeira: tecnologia simples, mas que incentiva o pagamento à vista e o consumo responsável.



Método consolidado como favorito da população do país é destaque nas compras de fim de ano

EUROPA

PB é representada por 23 startups no Web Summit

Participação consolida atuação do estado no cenário internacional

Kelly Souto
Ascom Secties

A participação da Paraíba no Web Summit Lisboa 2025, realizado no mês de novembro, em Lisboa, Portugal, consolidou a atuação do estado no cenário internacional de ciência, tecnologia e inovação. Com apoio do Governo da Paraíba, por meio da Secretaria de Estado da Ciência, Tecnologia, Inovação e Ensino Superior (Secties), em parceria com o Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas (Sebrae) e a Fundação de Apoio à Pesquisa do Estado da Paraíba (Fapesq), 23 startups paraibanas participaram do evento, apresentando soluções e ampliando conexões com investidores e empresas de diversos países.

Conhecido como um dos

maiores eventos de tecnologia do mundo, o Web Summit reuniu mais de 80 mil participantes. As startups paraibanas foram selecionadas por meio de programas como TecNova, Centelha e Conectando Startups, que integram a política estadual de fomento à inovação e ao empreendedorismo tecnológico.

De acordo com o secretário da Secties, Claudio Furtado, a presença da Paraíba no evento reforça a estratégia de internacionalização do ecossistema de inovação. “A Paraíba foi representada por 23 startups. Algumas delas firmaram parcerias com empresas europeias e investidores, o que demonstra a maturidade do nosso ecossistema e o potencial de crescimento das empresas paraibanas”, afirmou.

Durante os quatro dias de programação, as startups participaram de ilhas de exposição, espaços voltados à apresentação de soluções e à prospecção de negócios. Entre os destaques, está a Revigoradamente, startup da área de saúde mental; a Inpyro, que desenvolve soluções para a destinação correta de resíduos orgânicos; e a Neoron, especializada em tecnologia para a área da saúde, que participou do evento pela segunda vez e apresentou seu projeto no palco do ShowcasePitch, ao lado de startups de outros países.

Para Joana Paula de Andrade, fundadora da Revigoradamente, a participação no evento representou a primeira experiência internacional da empresa. “Conseguimos estabelecer contatos com in-

vestidores e universidades interessadas na nossa metodologia”, destacou.

“
Algumas startups firmaram parcerias com empresas europeias e investidores, o que demonstra nosso potencial

Claudio Furtado

Foto: Divulgação/Bianca Leiticia



Evento, que reuniu mais de 80 mil participantes, é conhecido como um dos maiores encontros de tecnologia do mundo; as startups paraibanas foram selecionadas por meio de programas como TecNova, Centelha e Conectando Startups

Estande destaca programas da secretaria

Além da participação das startups, o Governo da Paraíba contou com um estande institucional no Web Summit Lisboa 2025, onde apresentou programas, ações e políticas públicas desenvolvidas pela Secties nas áreas de ciência, tecnologia, inovação e empreendedorismo. O espaço também sediou a realização de um podcast ao vivo, transmitido pelo canal oficial da secretaria no YouTube.

O Governo da Paraíba, por meio da Secties e da Fapesq, também firmou um Protocolo de Cooperação com o Movimento pela Utilização Digital Ativa (Muda), iniciativa internacional sediada em Lis-

boa e voltada à promoção de competências digitais.

O acordo estabelece a criação do Muda/Paraíba e garante ao estado uma sede no Hub Digital de Portugal, localizado no Espaço Amoreiras, fortalecendo a articulação internacional para projetos, formações e parcerias entre o Brasil e a Europa.

Com duração inicial de três anos, a cooperação tem como foco a transformação digital, a inovação sustentável e a inclusão tecnológica. A entrega oficial do espaço será realizada pelo governador João Azevêdo e está prevista para fevereiro de 2026, durante a Bolsa de Turismo de Lisboa (BTL).

Acordo
Governo do Estado firmou Protocolo de Cooperação com o Movimento pela Utilização Digital Ativa

A agenda institucional em Portugal incluiu ainda a participação do secretário Claudio Furtado na 2ª Conferência Internacional Nações Inteligentes, promovida pelo Muda Portugal, com foco em inteligência artificial, inovação e modernização dos serviços públicos. No evento, foram apresentados os projetos Sistema de Inteligência de Dados de Ciência e Tecnologia (SIDTec-PB), Sistema de Monitoramento da Cooperação Internacional (Siscopei) e BioInova — Inovação e Sustentabilidade, desenvolvidos na Paraíba com o uso de inteligência artificial.

Poeira Estelar

Claudio Furtado
claudiofurtado@secties.pb.gov.br

Alice, o Gato e a Realidade Física

“Ora! Eu já vi muito gato sem sorriso”, pensou Alice; “mas sorriso sem gato! É a coisa mais curiosa que já vi na vida!”.

A realidade física, apesar de parecer distante para muitas pessoas da sociedade, curiosamente, pode se manifestar de forma mais simples do que imaginamos, a exemplo de um romance escrito para crianças. “Alice no País das Maravilhas”, de Lewis Carroll, traz muitas situações que dialogam com problemas profundos da física. O gato de Cheshire é uma das imagens mais associadas à forma como descobrimos coisas na natureza de maneira indireta.

O personagem intrigante de Alice no País das Maravilhas tem uma característica curiosa: ele pode desaparecer em um lugar e reaparecer em outro, pode estar em dois caminhos possíveis ao mesmo tempo. Isso acontece, por exemplo, se você jogar luz ou partículas como elétron no experimento de duas fendas. Você vai mostrar que o elétron passou pelas duas fendas simultaneamente; é o chamado “padrão de interferência”.

Outro momento que vemos a física acontecer no País das Maravilhas de Alice é quando a menina pergunta ao gato qual caminho deve seguir e recebe duas opções: o do Chapeleiro ou o da Lebre. Ambos estão ali como possibilidades.

Essa ideia dos caminhos possíveis é central. Você tem duas opções, não sabe qual será escolhida, mas todas contribuem para o resultado final. No ponto de vista da mecânica newtoniana, se você sai de um ponto e vai a outro, a trajetória é aquela que minimiza a energia, ou a ação.

Quando você passa para o mundo da mecânica quântica, Richard Feynman dizia que todos os caminhos têm uma determinada probabilidade para ir de um ponto a outro. Ou seja, todos os caminhos possíveis entre um ponto e outro têm uma certa probabilidade de serem percorridos. Para que algo vá de um lugar a outro, é preciso considerar a soma de todos os caminhos, dos infinitos caminhos, cada um contribuindo com um peso maior ou menor para o resultado final.

Então, o que realmente observamos?

Muitas vezes, no mundo físico, conseguimos observar apenas o sorriso e, ainda assim, tendemos a associar esse sorriso ao gato. Em outras palavras: diante de um determinado efeito, construímos mentalmente toda a causa que estaria por trás dele. É assim que funciona grande parte das teorias físicas: você imagina o gato completo, com sua forma, sua presença, seu sorriso.

Mas, quando se vai à natureza, nem sempre é preciso enxergar o gato inteiro. Às vezes, basta identificar o sorriso para saber que ele está ali. O que importa é o efeito. E, se existe o efeito, alguém, ou algo, foi a causa daquele sorriso.

Ao construir uma teoria, a física trabalha com base no que é observável. O que, de fato, pode ser medido? Muitas vezes, aquilo que observamos não é exatamente o objeto que estamos tentando descobrir.

Nunca se viu, por exemplo, um elétron dentro de um átomo. As imagens obtidas por microscopia de força atômica mostram a nuvem eletrônica ao redor do núcleo, uma representação da densidade de probabilidade de encontrar o elétron naquela região. Ainda assim, ninguém afirma que o elétron ou o átomo não exista. O que vemos é a materialização de hipóteses confirmadas por resultados observáveis da natureza.

É por isso que a física é uma ciência experimental. Ela exige uma lógica matemática de hipóteses que seja compatível com a natureza e que permita medições com resultados observáveis e reproduzíveis, mesmo quando não conseguimos enxergar o gato e só nos resta contemplar o seu sorriso.

Claudio Furtado, secretário de Estado da Ciência, Tecnologia, Inovação e Ensino Superior da Paraíba e professor doutor em Física da UFPB

Columnista colaborador

UNIDADES DE CONSERVAÇÃO

Espaços naturais são atrativos para o verão e as férias

Na Paraíba, esses equipamentos públicos abrangem parques, áreas de preservação e outros ambientes

Emerson da Cunha
emerson.auniao@gmail.com

A chegada do verão alia da às férias escolares enseja uma programação que jun te espaços de recreação, mas que também possa agregar novos conhecimentos, seja para crianças, seja para adul tos. Na Paraíba, as unidades de conservação estaduais, que abrangem parques, áreas de preservação e outros equi pamentos do Litoral ao Ser tão do estado, possibilitam desde visitasões mais sim ples e caminhadas até a rea lização de práticas esportivas de aventura. Cada uma conta com atrativos e horá rios de visitação próprios. Como são áreas públicas, o acesso é gratuito. A partir de informações da Superin

tendência de Administração do Meio Ambiente (Sudema), responsável pela gestão das unidades de conservação, apresentamos aqui uma lista de alguns desses lugares e como aproveitá-los.

■ Parque Estadual Marinho de Areia Vermelha — Cabedelo

Visitação diária, das 8h às 16h30, com maré abaixo de 0,9 m. Na ponta do Litoral, en contra-se o Parque Estadual Marinho de Areia Verme lha, a primeira unidade de conservação marinha do es tado, localizado em Cabede lo, em frente à Praia de Cam boinha. Como o parque fica a cerca de 2 km de distân cia da orla, o deslocamento é feito por meio de barcos. A

base do parque são os 2 km de banco de areia, acessíveis com a maré baixa. As pisci nas naturais de águas claras são ideais para a prática de mergulho, mas também con vidam a um passeio de con templação da natureza em barcos e catamarãs, o uso de caiaques e a prática de *stand up paddle*.

■ Refúgio de Vida Silvestre Mata do Buraquinho — João Pessoa

De terça-feira a sábado, das 8h às 16h, trilhas às 9h e às 14h.

João Pessoa sedia o Refú gio da Vida Silvestre Mata do Buraquinho, localizado no bairro da Torre e administra do pelo Jardim Botânico Ben jamim Maranhão. A área é a maior reserva de Mata Atlân tica urbana natural do país. Dentro do refúgio, além do Jardim Botânico, há áreas destinadas a piquenique, vi veiros de mudas, trilhas eco lógicas e atividades educa tivas e culturais. A duração das trilhas varia de 20 minu tos a três horas, com capaci dade máxima de 30 pessoas por percurso.

■ Parque Estadual das Trilhas — João Pessoa

Acesso livre. Na Zona Sul da capital, encontra-se o Parque Esta dual das Trilhas, que abran ge o Centro de Convenções e se integra ao polo turísti co da Capital. Como o nome diz, o parque possui diversas trilhas e circuitos que podem ser feitos a pé ou por bicicle ta, ideal para atividades re creativas e contato com a na



Foto: Evandro Pereira



Foto: Roberto Guedes

As Matas do Buraquinho e das Trilhas oferecem a oportunidade de os visitantes caminharem entre viveiros de mudas e áreas abertas, voltadas para atividades ecológicas

tureza. Entre as atividades na área, destacam-se também as corridas, os eventos esporti vos, os passeios até áreas de manguezal, o uso de caia ques, a observação de aves e as ações de educação am biental.

■ Parque Estadual do Pau-Ferro — Areia

Visitação diária, das 8h às 16h (agendamento com con dutores locais).

O próximo ponto é em Areia, onde fica o Parque Es tadual do Pau-Ferro, próxi mo à PB-079. Os atrativos são as caminhadas em tri lhas ecológicas, como a Tri lha do Cumbe e a Trilha da Barragem, observação de aves, educação ambiental e contemplação de paisagem. A unidade encontra-se com sede própria em fase de cons trução e, atualmente, conta com uma casa de apoio man tida pela comunidade Chã de Jardim, que pode ser utiliza da para realização de even tos com solicitação prévia. Há ainda um restaurante lo

calizado em frente à entrada do parque, que serve de pon to complementar à visitação.

■ Parque Estadual Pedra da Boca — Araruna

De terça-feira a domingo, das 8h às 16h.

Indo mais ao Brejo parai bano, é possível fazer a visita ção à famosa Pedra da Boca, na cidade de Araruna. O par que é famoso pela pedra de mais de 300 m de altura que contém uma cavidade que se assemelha a uma boca aberta. O parque oferece práticas de aventura e ecoturismo, como escalada, rapel e trilhas que podem ser percorridas com apoio de condutores lo cais. Além da própria Pedra da Boca, entre os principais atrativos, estão a Mata do Gemedouro, a Pedra da Santa (Pedra do Letreiro), onde se localiza o Santuário de Nos sa Senhora de Fátima, o Açu de do Calabouço, a Pedra do Carneiro e a Pedra da Cavei ra, conhecida como “Pedra do Anselmo” pelos morado res locais.

■ Monumento Natural Vale dos Dinossauros

De terça-feira a do mingo, das 8h às 17h. Chegando ao

Sertão, no município de Sou sa, há o Monumento Natural Vale dos Dinossauros. Local izado no bioma da Caatinga, é um dos principais sí tios paleontológicos do Brasil. A unidade abriga pegadas fossilizadas de dinossauros, assim como outras áreas da Bacia do Rio do Peixe, o que confere ao local elevado valor científico, histórico, educati vo e cultural. O espaço conta com museu recentemente rei naugurado, com exposições sobre a história geológica da região e os fósseis encontra dos no local. No momento, porém, as atividades exter nas ao museu, como o acesso aos sítios a céu aberto, encon tram-se suspensas, devido a incêndio ocorrido em outu bro de 2025.

■ Como são áreas públicas, o acesso é gratuito, segundo informações da Superintendência de Administração do Meio Ambiente



Foto: Divulgação/Secom-PB

As piscinas naturais são ideais para a prática de mergulho

O Parque da Pedra da Boca oferece práticas de aventura e ecoturismo, como escalada, rapel e trilhas que podem ser percorridas com apoio de condutores locais

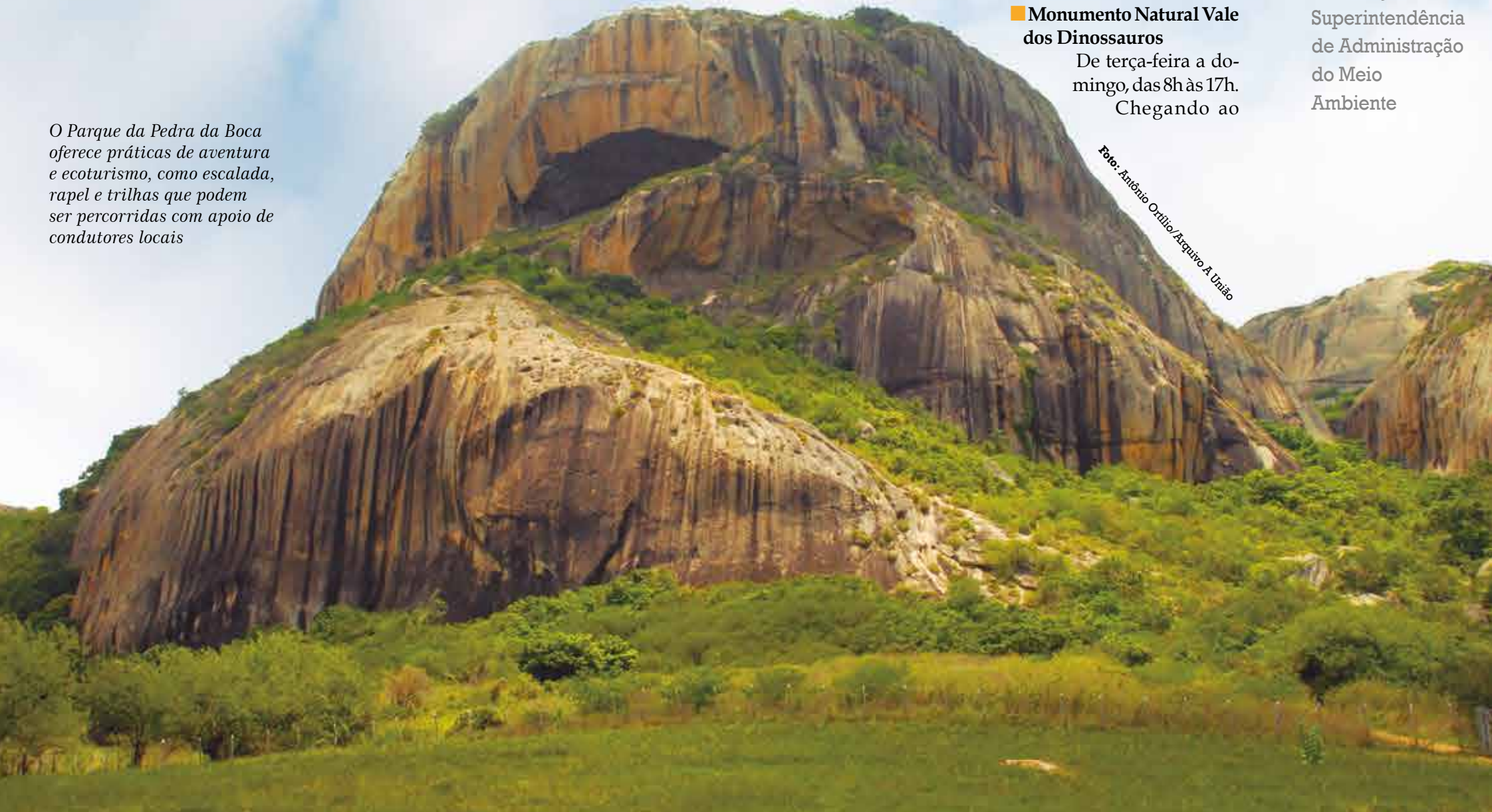


Foto: Antônio Otávio Aguiar A União



Foto: Rafael Ribeiro/CBF

Hoje sai o campeão

Após o empate por 0 a 0 no primeiro jogo, a decisão chega completamente aberta entre o Vasco e o Corinthians

Da Redação

Vasco e Corinthians decidem hoje, às 18h, no Maracanã, o título da Copa do Brasil 2025. Após o empate por 0 a 0 no primeiro jogo da final, o confronto chega completamente aberto, o que aumenta a expectativa por um jogo em que qualquer detalhe pode ser decisivo. De um lado, a tradição copeira do Corinthians; do outro, o Vasco em busca de reafirmação no cenário nacional, diante de um estádio que promete estar lotado. A partida terá transmissão da TV Globo, GE TV, SporTV, Prime Video e Premiere.

O duelo ganha contornos ainda mais relevantes pelo embate à beira do campo. No Corinthians, Dorival Júnior tenta ampliar um currículo marcado por conquistas importantes. O treinador foi campeão da Copa do Brasil em 2010, pelo Santos, em 2022, pelo Flamengo, e em 2023, com o São Paulo, além de ter conquistado a Copa Libertadores em 2022, também pelo clube carioca. Experiência em decisões, o treinador aposta

na organização defensiva e na eficiência ofensiva para conduzir o Timão a mais um título nacional.

Além do troféu, a final representa um marco histórico para Dorival Júnior. Caso o Corinthians conquiste a Copa do Brasil, o técnico chegará ao quarto título da competição, igualando Luiz Felipe Scolari como o maior campeão do torneio. Felipão venceu a Copa do Brasil em 1991, com o Criciúma; em 1994, com o Grêmio; em 1998, com o Palmeiras; e em 2012, novamente com o Palmeiras. A possibilidade de alcançar esse feito reforça o peso individual da decisão para o comandante corinthiano.

No comando do Vasco, Fernando Diniz busca consolidar seu trabalho em mais uma final de grande porte. Campeão da Libertadores de 2023 com o Fluminense, da Recopa Sul-Americana de 2024, o treinador é reconhecido pela proposta ofensiva, baseada na posse de bola, na intensidade e na construção das jogadas desde a defesa. No Cruzmaltino, Diniz tenta unir identidade de jogo e competitividade para recolocar o clube entre os protagonistas do futebol brasileiro.

Premiação

A decisão também tem impacto direto fora de campo, especialmente nas finanças dos clubes. O Corinthians já garantiu R\$53,5 milhões em premiações, sendo R\$ 20,6 milhões arrecadados antes da semifinal e, no mínimo, mais R\$ 33 milhões pelo vice-campeonato. Se conquistar o título, o Timão pode faturar R\$ 77,1 milhões apenas na final e ul-

trapassar R\$ 98 milhões no total da competição.

Do lado vascaíno, o clube já assegurou R\$ 57,1 milhões, com R\$ 24 milhões obtidos até aqui ao longo do torneio. Em caso de título, o Cruzmaltino pode chegar a R\$ 101,2 milhões em premiações. Assim como o rival paulista, o Vasco também enfrenta dificuldades financeiras e, atualmente, o clube associativo busca um comprador para sua Sociedade Anônima do Futebol (SAF).

Em campo, a tendência é de um jogo mais intenso do que o da ida. A necessidade do resultado deve provocar ajustes táticos e maior agressividade ofensiva, sem descuidar do equilíbrio defensivo. Com dois técnicos vencedores, estilos distintos e clubes pressionados dentro e fora de campo, a final da Copa do Brasil promete não apenas definir o campeão, mas também marcar um capítulo decisivo na história recente de Vasco e Corinthians.

Arbitragem

A Confederação Brasileira de Futebol (CBF) designou Wilton Pereira Sampaio (GO) como árbitro do duelo de hoje, no Maracanã. Ele terá como auxiliares Bruno Boschilia (PR) e Victor Imazu (PR). O VAR ficará a cargo de Marco Fazekas (MG), enquanto o quarto árbitro será Paulo Cesar Zanovelli (MG).

TÍTULOS DA COPA DO BRASIL POR CLUBE

Cruzeiro (6): 1993, 1996, 2000, 2003, 2017 e 2018	Atlético-MG (2): 2014 e 2021
Grêmio (5): 1989, 1994, 1997, 2001 e 2016	São Paulo (1): 2023
Flamengo (5): 1990, 2006, 2013, 2022 e 2024	Fluminense (1): 2007
Palmeiras (4): 1998, 2012, 2015 e 2020	Internacional (1): 1992
Corinthians (3): 1995, 2002 e 2009	Athletico-PR (1): 2019
	Vasco (1): 2011
	Santos (1): 2010
	Sport (1): 2008
	Criciúma (1): 1991
	Juventude (1): 1999
	Santo André (1): 2004
	Paulista (1): 2005

Rayan e Memphis são as principais estrelas de Vasco e Corinthians e um dos dois pode ser o protagonista na decisão do título da Copa do Brasil de 2025



Foto: Matheus Sanches/Estádio Contêudo



Foto: Ieco Viana/Estádio Contêudo

TEMPORADA 2025

Flamengo compete no mais alto nível

Fifa destaca as conquistas do Rubro-Negro na Supercopa Brasil, Libertadores, Brasileirão e ainda no Estadual

O Flamengo saiu atrás no placar, buscou o empate com o Paris Saint-Germain, mas acabou superado na disputa de pênaltis pela Copa Intercontinental da Fifa Catar 2025. Uma derrota dolorida, segundo o *site* da Fifa, que, de toda forma, não apaga o que clube conquistou durante um de seus anos mais vitoriosos. Em sua entrevista coletiva, o técnico Filipe Luís talvez tenha sintetizado da melhor forma as emoções rubro-negras ao final da batalha em Doha.

“Muito triste por perder, não gosto de perder, dessa sensação. Mas ao mesmo tempo, muito orgulhoso dos meus jogadores, o que eles fizeram foi histórico. Estivemos tão perto, uma disputa de pênaltis.... [É difícil estar] mais perto do que isso contra uma equipe desse nível”, afirmou.

“Nosso time mentalmente é muito forte, sempre foi, em todas as finais, quando a equipe mais precisou, esses jogadores responderam, não ia ser diferente hoje. Por isso dá mais orgulho do que meus jogadores fizeram, não só hoje.”

De fato: esse Flamengo começou a despertar o orgulho em seu treinador e em sua imensa torcida bem mais cedo em 2025, com a conquista da Supercopa do Brasil em fevereiro diante do time que reinou no continente no ano anterior, o Botafogo.

Agora, 10 meses depois, o equilibrado embate com os campeões europeus só reforçou, em seu último episódio, a competitividade e a eficiência de um time que dominou a maioria das competições que disputou ao longo da jornada.

Banho de chuva

Em Belém do Pará, o Flamengo enfrentou o Botafogo e uma forte chuva na abertura oficial do futebol brasileiro. Campeão da Copa do Brasil em 2024, o Rubro-Negro enfrentou o Glorioso, que havia sido campeão do Brasileirão e da Libertadores, pela Supercopa Rei. Após uma chuva torrencial que chegou a interromper a partida em Belém, o Flamengo foi dominante e venceu os rivais por 3 a 1, com direito a dois gols do ídolo Bruno Henrique.

Hegemonia reafirmada

Pouco tempo depois, veio a segunda taça do ano contra outro rival. Derrotando o Fluminense na decisão, o Flamengo conquistou o seu 39º Campeonato Carioca, reforçando sua hegemonia no Rio de Janeiro. O Rubro-Negro conquistou o seu quinto título em sete anos e o segundo consecutivo. No pódio, o troféu foi entregue por Zico.

Respeito do mundo

No Mundial de Clubes da Fifa 2025, o Flamengo mostrou seu futebol ao planeta inteiro. Com a filosofia corajosa e agressiva que marca o trabalho do técnico Filipe Luis, os cariocas lideraram um grupo que ti-



Jogadores do Flamengo e do PSG durante a premiação da Copa Intercontinental, vencida pelo time francês, na última quarta-feira (17), no Catar

nha Espérance, da Tunísia, Los Angeles FC, dos Estados Unidos, e o Chelsea, da Inglaterra.

Na segunda rodada da fase de grupos, a vitória de virada por 3 a 1 sobre os ingleses foi um marco de afirmação do Flamengo perante o mundo. Os gols de Bruno Henrique, Danilo e Wallace Yan definiram uma par-

tida em que o Rubro-Negro fez por merecer um triunfo diante do time que seria o campeão do Mundial.

Classificado em primeiro, o Fla teve uma pedreira logo nas oitavas de final. No confronto com o Bayern de Munique, a grande atuação de Harry Kane foi decisiva para que os bávaros vencessem por 4 a 2. Mas

o recado estava dado tanto no cenário global quanto no cenário regional: este time poderia competir com qualquer um.

Tetra da Libertadores

De volta ao futebol sul-americano, o Flamengo comprovou essa força. Pela terceira vez em sete temporadas, o Rubro-Negro con-

quistou a Copa Libertadores da América.

O título veio em uma final histórica contra o Palmeiras, que havia sido campeão em 2021 justamente contra o Fla. O veterano defensor Danilo fez o gol do título aos 23 minutos do segundo tempo no Estádio Monumental de Lima, no Peru. Dessa forma, o Fla-

mengo tornou-se o primeiro clube brasileiro a ser tetracampeão da Libertadores. Ao mesmo tempo, garantiu vaga na Copa Intercontinental da Fifa 2025 e no Mundial de Clubes da Fifa de 2029.

Retorno ao topo no Brasil

Além do sucesso na Libertadores, o Flamengo também foi implacável no cenário local. Apesar de ser eliminado nas oitavas de final da Copa do Brasil, competição na qual chegou a poupar o time, o Fla brigou pelo título do Brasileirão praticamente do começo ao fim e, com uma arrancada nas últimas rodadas, conquistou o título que não vinha desde 2020. Esta foi apenas a quarta vez que um time conseguiu vencer o Brasileirão e a Libertadores na mesma temporada.

Trajетória intercontinental

O último capítulo da temporada ficou para a Copa Intercontinental da Fifa. Nos primeiros dois jogos, o Flamengo levou para casa dois troféus, derrotando Cruz Azul e Pyramids nas disputas pelo Dérbi das Américas e pela Copa Challenger da Fifa, respectivamente.

Na final da Copa Intercontinental da Fifa, o Flamengo levou o PSG à disputa de pênaltis - na qual o goleiro russo Matvey Safonov transformou-se numa muralha, defendendo quatro cobranças. O desempenho deixou outro técnico impressionado, além de Filipe Luís.

“A gente sabia da dificuldade por causa da qualidade do Flamengo, e eles jogaram muito bem”, disse Luis Enrique em sua coletiva. “Claramente podemos ver que [o Flamengo] não apenas é um time que ganha, é um time que joga bem o futebol. Hoje foi um dia que tivemos que jogar ao máximo para poder ganhar. Acho que o Flamengo pode entrar na Europa e enfrentar, em qualquer lugar do mundo, qualquer time do mundo.”



O meia Arrascaeta com o troféu da Copa Libertadores, observado pelo lateral, também uruguaio, Guilherme Varela



A conquista do Brasileirão serviu para mostrar a força do Flamengo na temporada, depois de ganhar a Libertadores

DEMBÉLÉ

Atacante tem temporada dourada

Jogador francês do Paris Saint-Germain enfileirou conquistas significativas nos aspectos coletivo e individual

Quando encerrar sua carreira de jogador, Ousmane Dembélé provavelmente deixará escorrer uma lágrima de alegria ao se lembrar da temporada 2024-2025. Aos 28 anos, o atacante brilhou como nunca antes: reposicionado em campo e completamente transformado, o jogador nascido na cidade de Vernon tornou-se, em poucos meses, um excepcional camisa 9, marcando gols com o mesmo apetite com que colecionava troféus.

Pelo Paris Saint-Germain, a sequência de títulos começou com a Supercopa da França, seguiu com o Campeonato Francês e a Copa da França, depois a conquista da Liga dos Campeões da Uefa e, para finalizar, o título mundial da Copa Intercontinental após vencer o Flamengo. Individualmente, Dembélé foi eleito melhor jogador e artilheiro da Ligue 1, além de melhor jogador da última Champions League. Para fechar um ano perfeito, ganhou a Bola de Ouro da France Football e ainda foi coroado com o prêmio The Best Fifa de Melhor Jogador. A Fifa aproveita a ocasião para reviver três momentos marcantes de uma temporada inesquecível para o atacante francês.

Reposicionamento

É importante ressaltar: o técnico do Paris Saint-Germain, Luis Enrique, teve uma ideia brilhante ao reposicionar Dembélé como centroavante ainda em dezembro de 2024. Acostumado a atuar como ponta-direito, o jogador revelado nas categorias de base do Rennes era, até então, mais um jogador de velocidade do que um finalizador.

Com a nova função, mais próximo da área, ele rapidamente transformou-se em uma máquina de gols, acumulando boas atuações e balançando as redes com frequência — superando um histórico de rendimento oscilante devido, em grande parte, a lesões recorrentes.

Os números falam por si: na Ligue 1, por exemplo, ele marcou cinco vezes nos primeiros 13 jogos atuando como ponta. A partir de 15 de dezembro, já no comando do ataque, foram 16 gols em 16 jogos. “Esse reposicionamento fez com que eu me tornasse um jogador muito mais decisivo”, reconheceu em entrevista à Fifa em maio. Decisivo, eficiente, motivado e raramente lesionado: a versão Dembélé “centroavante” tinha tudo para dar certo.

Primeiro, Rei da França

Em 17 de maio de 2025, ao



Foto: Reprodução/Instagram @o.dembélé

Além da Bola de Ouro da revista France Football, ele ganhou também o The Best da Fifa

apito final do jogo entre PSG e Auxerre, pela 34ª e última rodada da Ligue 1 (vitória por 3 a 1), Dembélé foi coroado artilheiro do campeonato pela primeira vez em sua carreira.

Com 21 gols — empatado com Mason Greenwood, do Olympique de Marseille, mas com menos pênaltis convertidos —, o atacante de 28 anos tornou-se o sexto jogador da equipe parisiense a conquistar o prêmio, depois de Carlos Bianchi, Pedro Miguel Pauleta, Zlatan Ibrahimovic, Edinson Cavani e Kylian Mbappé.

Este último, aliás, havia monopolizado a premiação por seis temporadas consecutivas antes de se transferir ao Real Madrid, em 2024.

Graças ao novo posicionamento, Dembélé assumiu o legado com maestria e brilhou especialmente em janeiro e fevereiro de 2025, quando marcou nove vezes em seis rodadas, incluindo um *hat-trick* sobre o Brest (5 a 2).

Ao fim da temporada, multiplicou por sete o total de gols marcados em sua primeira temporada em Paris (três) e pulverizou seu antigo recorde pessoal, de 12 gols, ainda pelo Rennes, em 2015-2016. “Eu queria fazer uma grande temporada, marcar muitos gols,

ser decisivo, e consegui”, celebrou ao *site* oficial do clube. Brilhante no cenário nacional, ele também seguiria encantando na Europa.

Depois, Príncipe da Europa

Se foi coroado Rei da França como artilheiro, melhor jogador e campeão nacional, da Copae da Supercopa, Dembélé tornou-se Príncipe da Europa poucos dias depois, ao alcançar o topo do continente.

Vencedor da Liga dos Campeões da Uefa em 31 de maio, com uma impiedosa goleada por 5 a 0 sobre a Inter de Milão, o atacante entrou para a história ao conduzir o PSG ao título — repetindo o feito do Olympique de Marseille, que até então era o único clube francês campeão do torneio, em 1993.

A excelente campanha do PSG na Champions passou, em grande parte, pelos pés de Dembélé e por suas atuações de gala até a final. Em grande forma no início de 2025, o atacante infernizou as defesas adversárias com seis gols em quatro jogos do torneio em janeiro e fevereiro, incluindo um *hat-trick* contra o Stuttgart (4 a 1) na última rodada da fase de liga.

No mata-mata, foi decisivo contra Brest (dois gols), Liverpool e Arsenal, antes de

distribuir duas assistências na final — atuações que lhe renderam o prêmio de melhor jogador da competição.

“Ser eleito o melhor jogador da Champions é algo excepcional. Basta ver o nível dos atletas que disputam essa competição. Os melhores do mundo estão lá, e o prêmio foi para mim”, afirmou ao *site* do PSG. “Foi a melhor temporada da minha carreira. Ganhar a Champions League é difícil. Falamos disso o tempo todo, no clube, na seleção. Quando você faz uma temporada assim e conquista o maior de todos os troféus, é simplesmente incrível”.

A temporada de Dembélé poderia ter terminado de forma perfeita no Mundial de Clubes da Fifa: o PSG fez grande campanha até a final, mas caiu diante do Chelsea (3 a 0).

Recuperado de uma lesão sofrida na fase de grupos, ele voltou a brilhar no retorno, marcando na vitória por 2 a 0 sobre o Bayern de Munique, nas quartas de final, e na goleada sobre o Real Madrid, na semifinal (4 a 0). Dois gols que se somam a uma longa lista e que, sem dúvida, ficarão marcados na história.

Pedro
Alves

pedroalvesjp@yahoo.com.br

Imagina...

Eu não acreditaria se me dissessem, no início deste ano, que o Vasco da Gama encerraria a temporada do futebol brasileiro erguendo um importante troféu, dias depois do seu maior rival, o Flamengo, ter perdido um título e lamentado profundamente um revés numa decisão. Imagina... o Cruz-Maltino encerrar o ano futebolístico de 2025 em alta e o Mengão ter um vice-campeonato no seu último compromisso. Agora só depende do Vasco.

É claro que o vice do Flamengo no Mundial de clubes, agora chamado novamente de “Intercontinental” — sobretudo quando o time brasileiro perde a final —, era algo muito mais provável do que improvável. Afinal, o clube carioca tinha que avançar dois mata-matas e ainda ganhar do atual campeão da Liga dos Campeões da Europa, que hoje é o PSG.

O Fla fez bem a sua parte até a decisão. Mas na final o papo era outro. E olhe que o Flamengo competiu. Fez o que pôde. Teve uma aplicada atuação sem bola, marcou bem, fechou os espaços e dificultou muito a vida da equipe de Luis Enrique. Fez pouco, com bola, é verdade. Mas eu, pelo menos, não esperava muito diferente, dada a diferença técnica e física entre o time brasileiro e o francês.

O Flamengo fez o que deu. E contou com uma partida um tanto relapsa, com bola, do time de Paris, que também não criou grandes chances de gols. Não teve lá muito volume de oportunidades, embora tenha tido muito mais a bola. Um erro do zagueiro Marquinhos, que deu um pênalti sem necessidade ao clube carioca, em uma falta na área em Arrascaeta, que pouco fez, por sinal, acabou botando o Flamengo no jogo.

Que até deu um trabalho na reta final do segundo tempo, buscando alguns contra-ataques. Pouco se viu na prorrogação e fato é que o Flamengo fatalmente acabou mesmo flertando com o bicampeonato mundial, mesmo tendo apresentado pouco ofensivamente, sofrendo muito para ter a posse de bola, sendo quase que inteiramente neutralizado pelo adversário, claramente melhor e mais maduro enquanto equipe.

Mas também não foi uma grande partida do PSG, que, no fim das contas, viu a decisão da taça ir para as penalidades. Nelas, o Mengão parece ter tremido. O time conseguiu perder quatro cobranças. Um horror! E fez de um ilustre desconhecido russo o herói francês do dia. O goleiro Safarov foi bem, pegou os pênaltis mal batidos e deu o troféu para o clube francês.

No fim, deu a lógica. E o ano do Flamengo continua a ser magnífico, tendo sido campeão brasileiro e da Libertadores, deixando o Palmeiras, grande adversário atual, com o vice-campeonato nos dois torneios. Mas o torneio que vai encerrar o ano do futebol brasileiro é a Copa do Brasil. E quem tem tudo para rir por último é o Vasco. O clube carioca recebe logo mais o Corinthians, pela partida de volta da decisão, no Maracanã, após ter sido melhor na Arena Itaquera, empatando lá sem gols, e pode terminar este 2025 com um título. Mesmo depois de um ano atribulado, em que lutou para permanecer na Série A — conseguiu ficar —, com a associação ainda no poder após ter retomado o comando do clube no ano passado, com seu ex-craque, Pedrinho, à frente de um processo que tenta uma correção de rota no clube.

Com um elenco altamente raso e limitado. Futebol é mesmo dinâmico. O fim do ano do Vasco pode ser de título, mesmo depois de uma temporada ruim em vários aspectos. Enquanto o rival, que teve um ano fantástico, encerrou a temporada com a tristeza do seu torcedor após uma final pomposa contra clube europeu. Que me desculpe o Timão, que não tem nada a ver com isso, mas seria essa a melhor história para o fim de 2025. Pelo menos para mim, que não tenho lado nesse embate futebolístico. Aliás, como se percebe, meu lado é o da criatividade da narrativa.

Do devaneio da própria realidade. Imagina... o Cruz-Maltino encerrar o ano futebolístico de 2025 em alta e o Mengão ter um vice-campeonato no seu último compromisso. Muito melhor do que o roteiro piegas do vice do Vasco. Que pode acontecer. Há ainda um Corinthians no meio do caminho.



Foto: Divulgação/Fifa

Dembélé assumiu o legado com maestria em janeiro e fevereiro de 2025, quando marcou nove vezes em seis rodadas



No Mundial do Catar, em 2022, a campeã Argentina levou para casa o valor de 42 milhões de dólares; na Copa do Mundo de 2026, a Fifa vai distribuir mais de 727 milhões de dólares

COPA DE 2026

Campeão receberá R\$ 274 milhões

Fifa define a premiação por fase da competição, que será disputada nos Estados Unidos, México e Canadá

Agência Estado

A Fifa divulgou os valores das premiações que serão distribuídas na Copa do Mundo de 2026. O Congresso da entidade foi realizado na última quarta-feira (17), em Doha, no Catar. O Mundial será disputado nos Estados Unidos, no México e no Canadá no ano que vem.

O grande campeão da Copa de 2026 receberá 50 milhões de dólares, cerca de R\$ 274 milhões na cotação atual. No Mundial do Catar, em 2022, a campeã Argentina levou para casa o valor de 42 milhões de dólares.

Todas as seleções que jogarão o Mundial receberão 10,5 milhões de dólares (aproximadamente R\$ 57 milhões). No total, a Fifa pagará 727 milhões de dólares em premiações (R\$ 3,9 bilhões). A quantia é 50% maior em relação à Copa do Mundo de 2022.

“A Copa do Mundo de 2026 também será inovadora em termos de contribuição financeira para a comunidade global do futebol”, disse o presidente da Fifa, Gianni Infantino.

Dentro do valor recebido por cada equipe, R\$ 8,1 milhões são destinados para custos de preparação para a disputa da Copa do Mundo. O torneio contará com 48 participantes pela primeira vez na história.

A competição já tem 42 equipes garantidas. As outras seis serão definidas em março, em duas repescagens. Dezesesseis times lutam por quatro vagas na Europa. Outras seis seleções de diferentes continentes brigam por duas vagas.

O Brasil está no Grupo C da Copa do Mundo, ao lado de Marrocos, Haiti e Escócia. A abertura da competição terá o jogo entre México e África do Sul, no dia 11 de junho, no Estádio Azteca, na Cidade do México.

PREMIAÇÕES

Campeão: US\$ 50 milhões

Vice-campeão: US\$ 33 milhões

Terceiro lugar: US\$ 29 milhões

Quarto lugar: US\$ 27 milhões

Do 5º ao 8º lugar: US\$ 19 milhões

Do 9º ao 16º lugar: US\$ 15 milhões

Do 17º ao 32º lugar: US\$ 11 milhões

Do 33º ao 48º lugar: US\$ 9 milhões

* US\$ 1,5 milhão para cada seleção para custos de preparação

Dezembro Vermelho

Mês de conscientização e combate ao HIV/Aids e a outras ISTs

O medo e o preconceito podem ser os seus maiores inimigos. Previna-se, realize testes e busque o atendimento do SUS sempre que necessário.

MARKETING EPCIFREEPIK

ETC

EMPRESA PARAIBANA DE COMUNICAÇÃO

RESGATE

Por dentro de uma relíquia histórica

Ao contrário da maior parte das publicações que fazem a história oficial, obra Epitome de História da Paraíba para uso das escolas primárias não se limita ao registro de “triumfalismos invasores”

Ademilson José
Especial para A União

A memória do jornalista e cronista Gonzaga Rodrigues realmente não é normal. Acho que, para nós que militamos e que precisamos conhecer a história da nossa imprensa, ela chega a ser muito mais importante que o Google. É mais precisa, mais perto da gente. Não apenas da imprensa, mas da história da nossa Paraíba, tão cheia de equívocos e omissões, destacadamente quando se trata do distante período colonial.

Destacamos as nossas origens porque foi justamente sobre aqueles velhos tempos que, recentemente, o nosso Gonzagão andou clareando nossas leituras, nossas pesquisas e nossos conhecimentos. Na verdade, ele nos ajudou a resgatar um livro que a Paraíba nunca deveria ter esquecido, nunca deveria ter parado de reeditar e jamais deveria ter deixado de disponibilizá-lo em nossas escolas e livrarias.

Se puxamos pela memória do nosso cronista-mor, é porque foi na inauguração do museu do Palácio da Redenção — o Museu de História da Paraíba, em João Pessoa — que, ciente de que andamos estudando nossas origens e, sobretudo, o Brasil-holandês, Gonzaga nos chegou com essa indicação na ponta da língua. Sem anotação nenhuma, ele nos relatou o nome do livro, o nome completo do (para nós, desconhecido) autor e mais: quando, porque e como a obra foi lançada, no começo do século passado.

A obra é *Epitome de História da Paraíba para uso das escolas primárias* — por Manuel Tavares Cavalcanti. E achando que seria pouco, disse mais: tudo o mais que encontramos na capa — que o autor foi um dos fundadores do Instituto Histórico e Geográfico Paraibano (IHGP) e que a elaboração e publicação da obra fizeram parte de uma determinação do então governador da Paraíba, João Pereira de Castro Pinto (1912-1915).

Mas o melhor do livro não são esses toques de relíquia e raridade. Não. O melhor mesmo é seu conteúdo. Como nos dedicamos mais às origens da Paraíba, o livro do Manuel Tavares Cavalcanti caiu como uma bola de ouro em nossas pesquisas. O livro é completo e, ao contrário da maior parte

te das publicações que fazem a nossa história oficial e a nossa historiografia tradicional, não se limita ao registro de “triumfalismos invasores”.

Trata dos povos originários detalhando todas as etnias que habitavam o território da Paraíba antes das invasões em 1500, assim como das relações de alianças e resistências indígenas aos longo dos primeiros séculos. Com a mesma riqueza de detalhes, trata também do período do Brasil-holandês (1634-1654).

Prova disso é o fato de somar informações que não encontramos nessa história que poderíamos chamar de História “portuguesa” da Paraíba e do Brasil e não de História da Paraíba e do Brasil. Sobre a ocupação neerlandesa no Nordeste brasileiro, o livro traz detalhes que não encontramos nem mesmo no melhor da literatura do Brasil-holandês.

Por exemplo: quando trata da ocupação na Paraíba, no final de 1634, Manuel Tavares Cavalcanti não se limita a destacar os figuras holandeses. Conta que, entre esses, esteve uma figura que foi fundamental na conquista do território paraibano e que começou a articular os ataques um mês antes da ocupação, marcando

presença, inclusive em Mamanguape, Domingos Fernandes Calabar:

“Em Novembro Calabar o temível mameluco que tanto os auxiliou (aos holandeses) e tão bem os conduziu contra os portugueses, faz pessoalmente uma sortida contra Mamanguape. Conseguiu aprisionar uma caravela e um patacho meio carregado de assucar [...]” [sic] (pág. 42). E, mais adiante, relatos também sobre a chegada pela enseada do Rio Jaguaribe, situada naquele espaço seco que temos hoje na divisão entre os bairros do Bessa e Intermares.

Memória do cronista e jornalista Gonzaga Rodrigues sugere a reedição de livro raro sobre a história do nosso estado

Outro registro marcante do livro, registro igualmente muito esquecido pela História “portuguesa” da Paraíba e do Brasil, diz respeito ao famoso 13 de janeiro, quando os holandeses trocam o nome de “Filipeia” por “Frederica” e estabelecem uma série de medidas, entre as quais a liberdade religiosa que, mesmo relativa, pro-



Pelo QR Code acima, acesse uma cópia do livro “Epitome de História da Paraíba”

porcionava uma realidade bem diferente da ferrenha perseguição que os portugueses mantinham contra os judeus.

“Emfim a 13 de Janeiro lavrase uma ata na qual se consagram definitivamente quaes as concessões que o Principe de Orange, os Estados Geram; e a Companhia das Indias Occidentaes fazem aos moradores da Parahiba. Entre outras medidas, constaram as seguintes: garantias à liberdade de consciência, ao culto e serviço catholico; segurança de propriedade, mediante os mesmos tributos cobrados anteriormente; protecção legal aos tratos e negocios; isenção aos moradores de tomarem armas contra tropas vindas da metropole; direito de recorrerem juizes invocando a legislação portugueza, nas questões entre si, etc.” [sic] (pág. 50).

Nada contra os livros dos historiadores mais conhecidos como Horácio de Almeida, Capistrano de Abreu e tantos outros, nem muito menos contra os contemporâneos mais badalados nas livrarias, mas, apesar de dirigido às escolas primárias, o livro de Manuel Tavares Cavalcanti é muito mais completo e detalhista que todos eles. Não poderia ter sido relegado ao esquecimento e ao abandono editorial como tem sido até hoje.

Pelo seu valor, a obra deveria ser citada e lembrada, conforme o próprio Gonzaga Rodrigues fez no domingo passado (14), em seu espaço deste jornal. Até mesmo por ser uma obra bancada pelo poder público, deveria ser reeditada, não faltar em nossas livrarias e, como determinou o governador Castro Pinto, não faltar em nossas escolas públicas e particulares.

Enquanto isso não acontece, deixamos aqui mais um outro exemplo que nos surpreendeu no livro. Apesar de esquecido e desconhecido pela Paraíba, especialmente pelo poder público e pelo sistema educacional, a relíquia de Manuel Tavares Cavalcanti é conhecida demais na internet, pois foi só colocar as referências de título e nome de autor, para que o Google me oferecesse um PDF completo e gratuito.

E é isso que quero terminar dividindo aqui. Quem não quiser esperar por reedições, é só abrir o Google e digitar o que Gonzaga me trouxe na ponta da língua: *“Epitome de História da Paraíba para uso das escolas primárias — por Manuel Tavares Cavalcanti”*. Ou, no caso, acessar o QR Code acima.

Como eu, vocês vão ver que, com ajuda da memória de Gonzaga e do livro de Manuel Tavares, fica bem mais fácil estudar a História da Paraíba.



Ilustração: Bruno Chiossi

Diniz Vitorino

Um poeta acrescido de superlativos

Marcos Carvalho
marcoscarvalhojr@gmail.com

Cantador, violeiro, escritor, poeta e cordelista. Assim o paraibano Diniz Vitorino pode ser descrito, mas quase sempre acrescido de superlativos para ressaltar a maestria e o modo refinado como arquitetava palavras e histórias em formatos de versos líricos, saudosos ou indignados para contar as experiências da vida sertaneja. Entre embates nos festivais e parcerias em programas de rádio e televisão, ele construiu uma trajetória digna de ser relembrada.

Diniz Vitorino Ferreira nasceu em 6 de maio de 1940, em Monteiro, filho de dona Josina Maria Caldeira e de Joaquim Vitorino Ferreira, um poeta e repentista de renome e temido nas terras sertanejas. Cresceu numa família de artistas, que incluíam, além do pai, o avô e o irmão, Lorinaldo Vitorino. Com eles, já percorria, aos 16 anos, sítios e fazendas dos municípios paraibanos e dos estados vizinhos de Pernambuco, Rio Grande do Norte e Ceará, “topando” as mais difíceis paradas, dedilhando a viola e enfrentando nomes famosos da cantoria.

Com a mudança para as terras pernambucanas, Diniz fixou-se em Carpina e depois em Caruaru, onde projetou-se nos duelos de festivais e cantorias ao estilo pé de parede com outros cantadores, como Anistaldo Lins, Laranjinha, Oliveira de Panelas, Heleno Ferreira, Heleno Severino, Expedito Sobrinho e outros de sua geração. A lembrança da terra natal e as primeiras inspirações foram expressas pelo poeta nos seguinte versos:

“Na terra paraibana / foi onde eu pus os meus pés. / Caminhei pintando os lírios / dos majestosos painéis,

/ que formam telas sedosas / nos aromáticos vergéis. // Vi os dias infantis, / cheguei na adolescência, / cantei olhando pra o céu, / bebendo divina essência / dos frutos que Deus espreme / na taça da inocência”.

Segundo o declamador Iponax Vila Nova, o repentista participou de mais de 100 festivais, dos quais venceu 23. “Diniz foi gigante porque sua poesia era diferente — as estrofes, os improvisos... Para muitos, inclusive para os próprios cantadores, o maior poeta da viola, que sequer conseguia, muitas vezes, acompanhar o baiao da cantoria. Não tinha uma voz belíssima, mas destacou-se pelas imagens diferentes”, relata o filho de outro famoso repentista, Ivanildo Vila Nova, com quem Diniz mantinha uma relação de amizade e de conflitos.

Iponax lembra que, ainda adolescente, ficou impressionado com a cantoria entre seu pai e Diniz. Algumas oportunidades para se encontrarem, no entanto, foram frustradas pela personalidade intempestiva do poeta paraibano, que o declamador considerava uma espécie de “Tim Maia da viola”, pois, quando cismava com alguma coisa, parava a cantoria ou não comparecia aos encontros marcados.

“Era temperamental e polêmico, com personalidade forte e, durante a sua trajetória, travou embates e porfias incríveis com Ivanildo Vila Nova. O interessante é que muita gente gostava e vibrava quando eles rompiam, porque a volta era diferente. Viviam entre tapas e beijos. O comportamento era pa-recido e o temperamento também, então aqui e acolá tinha um afastamento de dois, três anos, mas os fãs vibravam com o retorno dos dois”, destacou Iponax Vila Nova.

Relembrando um dos embates históricos entre os dois, quando Ivanildo disse, no último verso, que queria apertar Diniz, a resposta deste foi a seguinte: “Você pode me apertar, mas penetrar eu penetro / paciente igual a Jó, calmo do jeito de Jetro / orando de palmo em palmo / dizendo Deus em metro em metro”.

Uma das polêmicas envolvendo os dois cantadores foi em torno da organização de congressos de poetas repentistas em Caruaru, Pernambuco, e em Campina Grande, Paraíba. Neste último, o mote dado a Diniz Vitorino foi “urubu”, que ele considerou “humanamente impossível” pela dificuldade de execução poética a que o tema exprimia, a ponto de afirmar que um urubu pousou em sua sorte. Em matéria publicada pelo *Diário de Pernambuco*, Diniz afirmou não ter gostado da brincadeira e, muito menos, do congresso, dizendo ter sido uma “marmelada”. Acusava o evento de ter sido conduzido com favoritismos e apadrinhamentos e como uma revanche contra aquele que foi organizado por ele em Caruaru, onde Ivanildo Vila Nova não foi classificado. Em Campina Grande, ao contrário, ele teria sido “privilegiado sem merecimento, por força do apadrinhamento dos jurados que hospedara em sua casa”. Ainda assim, a admiração entre os dois era mútua. Em entrevista, Ivanildo Vila Nova declarou que, juntanto todos os cantadores que conheceu — “os que já nasceram e os que vão nascer ainda —, nenhum foi do tamanho de Diniz Vitorino”.

Outro parceiro com quem Diniz Vitorino fez parceria ao longo da década de 1970 foi o cantador Otacílio Batista (1923–2003), apresentando programas em rádio e de televisão, a exemplo do

MPB Especial, pela TV Cultura. Estiveram juntos na gravação de temas tradicionais nordestinos para o volume 2 da coleção *Música Popular do Nordeste* e também para os *LPs Repentistas: Os Gigantes do Improviso*, pelo selo Tropicana/CBS, e *Nordeste: Cordel, Repente e Canção*, pela gravadora Tapecar.

Em 1973, ainda com Otacílio Batista, rodou cidades do Sudeste e Sul do país com a apresentação de *De repente, as violas*, roteirizado por Gianfrancesco Guarnieri (1934–2006). O espetáculo intercalava músicas com versos feitos de improviso em interação com a plateia, explorando estilos poéticos de repentistas nordestinos como o martelo agalopado — cantoria com estrofes em 10 versos de 10 sílabas; 10 pés de quadrão — de 10 versos de oito sílabas; galope à beira mar — de 10 versos com 11 sílabas; e ainda o martelo fechado — tipo utilizado pelo poeta português Luís de Camões (1524–1580) em *Os Lusíadas*, de seis versos com 10 sílabas.

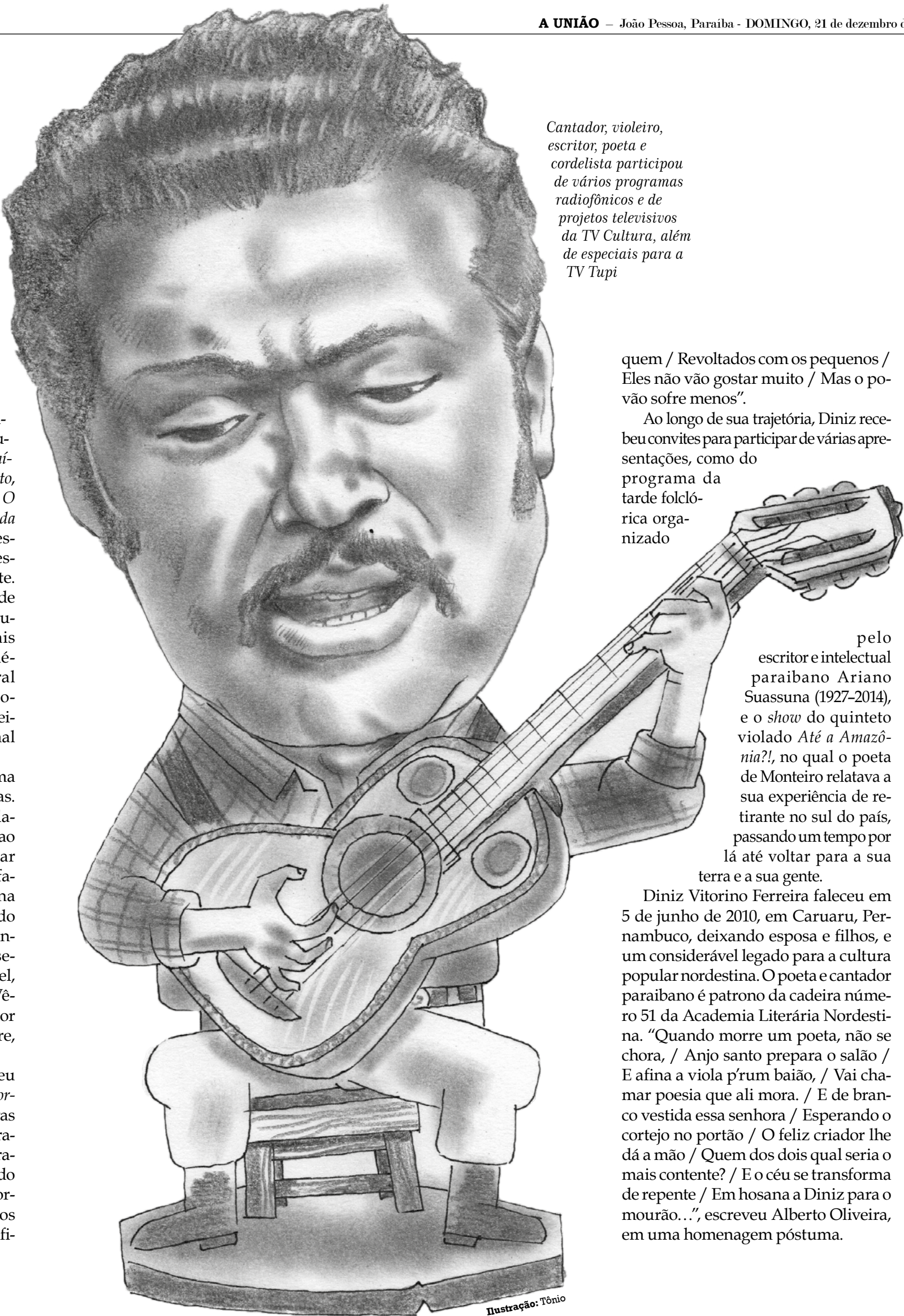
Poetas eruditos e letrados

Diniz Vitorino considerava que o rádio e a televisão faziam com que os repentistas se tornassem mais conhecidos, rompendo com a restrição geográfica de cidades-polos onde a cultura popular era divulgada, para levar a voz e a imagem aos mais distantes rincões do país. No rádio, o cantador paraibano atuou na Rádio Clube de Pernambuco, com alegres audições no programa *Manhã Sertaneja*, e na Rádio Cultura, de Caruaru. Na televisão, além da TV Cultura, também fez especiais para a TV Tupi, ambas na capital paulista, demonstrando-se como fenômeno de criatividade nos versos de improviso, carregados de refinada beleza pela escolha das palavras e das rimas.

Valendo-se de um vocabulário rebuscado, tanto para a cantoria quanto para os sonetos e versos, Diniz Vitorino inscreveu-se na linhagem de poetas eruditos e letrados. Publicou os livros *Colar de Estrelas, Paraíso das Musas, Terra Seca, Lírios do Canto, Sombras Douradas, Oásis Enluarado* e *O idolo que não morreu e outras histórias da contaria*, que registra momentos inesquecíveis das cantorias dos mais destacados expoentes da arte do repente. Somam-se, ainda, diversos folhetos de cordel. “Diniz Vitorino foi, indiscutivelmente, um dos cantadores mais compromissado com a rima, a métrica, a oração e coesão poética oral e textual da poética nordestina”, comentou o poeta popular Vicente Reinaldo, em um dos vídeos de seu canal no YouTube.

Diniz sabia fazer de sua poesia uma forma de protestar contra as injustiças. Certa vez, cantando num bar da cidade pernambucana de Garanhuns, ao ver o dono do estabelecimento negar auxílio a um menino maltrapilho e faminto que pedia esmola, enquanto na parte interna do balcão o cachorro do proprietário comia fartamente, emendou, ao fim dos versos que fazia, a seguinte estrofe: “Êta, Brasil miserável, / Mau empregado o teu nome/ — Vê-se o cachorro do rico / É quem melhor prato come, / E vê-se o filho do pobre, / Sujo e morrendo de fome”.

Atento às questões sociais de seu tempo, escreveu, no cordel *Cadê a Reforma Agrária?*: “Senhores, se nossas terras / Fossem mais bem divididas / O Brasil não andaria / Com as pernas enfraquecidas / Qual um corpo deformado / Semeado de feridas. // Vamos cortar os arames / Que estão cercando os terrenos / Deixemos que os grandes fi-



Cantador, violeiro, escritor, poeta e cordelista participou de vários programas radiofônicos e de projetos televisivos da TV Cultura, além de especiais para a TV Tupi

quem / Revoltados com os pequenos / Eles não vão gostar muito / Mas o povo sofre menos”.

Ao longo de sua trajetória, Diniz recebeu convites para participar de várias apresentações, como do programa da tarde folclórica organizado

pelo escritor e intelectual paraibano Ariano Suassuna (1927–2014), e o *show* do quinteto violado *Até a Amazônia?*, no qual o poeta de Monteiro relatava a sua experiência de retirante no sul do país, passando um tempo por lá até voltar para a sua terra e a sua gente.

Diniz Vitorino Ferreira faleceu em 5 de junho de 2010, em Caruaru, Pernambuco, deixando esposa e filhos, e um considerável legado para a cultura popular nordestina. O poeta e cantador paraibano é patrono da cadeira número 51 da Academia Literária Nordestina. “Quando morre um poeta, não se chora, / Anjo santo prepara o salão / E afina a viola p’rum baiao, / Vai chamar poesia que ali mora. / E de branco vestida essa senhora / Esperando o cortejo no portão / O feliz criador lhe dá a mão / Quem dos dois qual seria o mais contente? / E o céu se transforma de repente / Em hosana a Diniz para o mourão...”, escreveu Alberto Oliveira, em uma homenagem póstuma.

Angélica Lúcio

O ano de 2025 na comunicação social: cinco temas em destaque

O ano de 2025 foi marcado por fatos históricos e novos desafios tecnológicos. Na comunicação social, alguns assuntos se destacaram: o uso de plataformas digitais, valorização profissional dos jornalistas, implementação da Lei de Linguagem Simples, avanço da inteligência artificial (IA) generativa e aumento do assédio judicial contra a imprensa.

Plataformas digitais — Em fevereiro, a Associação Brasileira de Comunicação Pública (ABCPública) lançou um documento estratégico com 10 diretrizes para orientar o uso ético e responsável das plataformas digitais por órgãos públicos. A publicação *Diretrizes para a Comunicação Pública Digital* tem o objetivo de combater a desinformação, proteger a liberdade de expressão sem abusos e aumentar a confiança do cidadão nas informações oficiais.

Valorização dos jornalistas — O ano foi marcado por mobilização intensa pela valorização profissional e segurança dos jornalistas. Em abril, uma campanha nacional com o mote “Quem informa o Brasil somos nós!” buscou unificar reivindicações salariais. Houve avanços com acordos positivos em diversos



Neste ano, alguns assuntos sobressaíram-se, como a valorização profissional dos jornalistas e o avanço da IA generativa

estados, garantindo reajustes acima da inflação e preservação de cláusulas sociais.

A Federação Nacional dos Jornalistas manteve pressão no Congresso por duas pautas históricas: a PEC do Diploma, que restabelece a exigência do diploma para exercício da profissão, e o Piso Salarial Nacional, com novo projeto para fixar um valor digno e unificado para a categoria.

Em dezembro, o 40º Congresso Nacional dos Jornalistas resultou na Carta de Brasília, que sintetiza a agenda de lutas para o próximo período, com destaque para o combate à precarização e às formas de contratação que retiram direitos.

Linguagem Simples — Em novembro, foi sancionada a Lei 15.263/25, que institui a Política Nacional de Linguagem Simples

nos órgãos da administração pública. A norma obriga o uso de frases curtas, ordem direta, explicação de termos técnicos e redução de jargões. Ao longo do ano, também foram lançadas iniciativas e obras sobre o tema, como o livro *Casos Inspiradores de Linguagem Simples em Comunicação Pública*, publicado por ABCPública e Associação Brasileira de Jornalismo Empresarial (Aberje).

Inteligência Artificial Generativa — Levantamento da Associação Nacional de Jornais (ANJ) mostrou que os principais veículos brasileiros consolidaram diretrizes para uso da IA generativa, com supervisão humana e transparência como pilares. A tecnologia é tratada como ferramenta complementar, sem substituir o julgamento profissional. Há consenso de que o público deve ser informado sobre o uso de IA em qualquer etapa da produção, para preservar a credibilidade jornalística.

Assédio judicial — Dados da Associação Brasileira de Jornalismo Investigativo (Abraji) indicam aumento de 20% no uso do Judiciário para coibir a liberdade de imprensa. A entidade denunciou processos em massa contra jornalistas como tática para gerar autocensura e defendeu legislação protetiva contra essas práticas.

Em meio a avanços e desafios, 2025 reforçou uma lição essencial: comunicação clara, ética e responsável é pilar da democracia. Cabe a nós, profissionais e sociedade, garantir que tecnologia e legislação sejam instrumentos de transparência, e não de censura ou desinformação.

Tocando em Frente

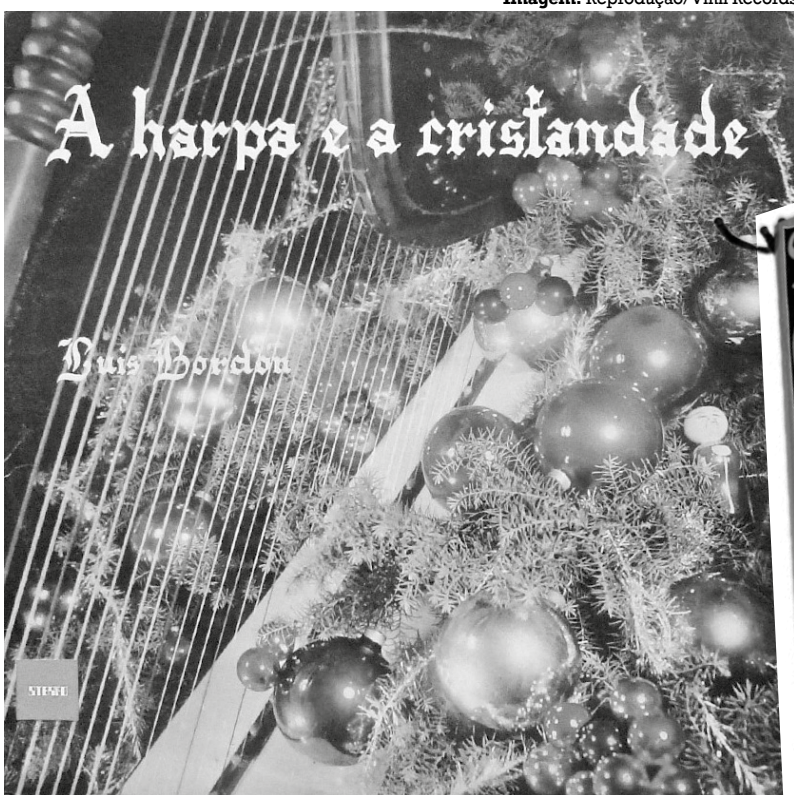
Celebrando o Natal

Dentre as músicas que consideramos circunstanciais — carnavalescas, juninas e natalinas —, estas talvez sejam as que mais nos tocam. Embora sejam executadas em menor período, elas nos trazem uma alegria, com uma nostalgia que, em alguns casos, nos conduzem ao passado tempo de criança. E, talvez, por isso mesmo, elas, mesmo repetitivas, sempre se renovam no nosso imaginário afetivo.

Algumas dessas músicas, mais do que centenárias, não perdem a sua atualidade quando as ouvimos após longos tempos, o que diz bem de sua presença representativa.

Assim como a harpa foi um instrumento muito e diretamente vinculado à música erudita e religiosa, aqui pelos países latinos, ela se tornou o centro das atenções a partir da gravação das chamadas “músicas natalinas”, no início dos anos 1960, quando foi gravado um álbum com repertório essencialmente natalino, com especial destaque para músicas já consagradas, como “Jingle Bells” e “Noite de Paz”.

Luís Bordón (Guarambaré-Assunção/Paraguai, 1926–Assunção, 2006) foi um músico paraguaio, intérprete de harpa paraguaia. No Brasil, onde ele viveu por quatro décadas, como em países perifé-



Capa do antológico álbum natalino “A Harpa e a Cristandade”

cos, ficou conhecido e popularizou-se com o seu *LP A Harpa e a Cristandade*.

Anteriormente, ele já havia gravado um álbum semelhante, em que executava músicas, especialmente guarânicas: *Harpa Paraguaya em HI-FI*.

A título de curiosidade: com as “transformações” exigidas pela mídia, o músico paraguaio,



Tradicional harpa paraguaia, instrumento musical típico do país de Luis Bordón

Professor Francelino Soares
francelino-soares@bol.com.br

TECNOLOGIA

Diplomas perdem o peso ante modelos práticos?

“Madrinha da IA” diz que dominar novas ferramentas é mais importante que canudo

Henrique Sampaio

Agência Estado

Fei-Fei Li, uma das pesquisadoras mais influentes da inteligência artificial (IA) contemporânea, defendeu que diplomas universitários estão perdendo relevância nos processos de contratação em tecnologia, enquanto a capacidade de aprender rapidamente e dominar novas ferramentas, especialmente de IA, torna-se cada vez mais decisivo. A declaração foi feita pela cientista em entrevista recente ao *podcast The Tim Ferriss Show* e repercutiu um debate crescente no Vale do Silício sobre o futuro do trabalho.

Conhecida como a “madrinha da IA”, Li é professora da Universidade Stanford e CEO da *startup* World Labs. Ela ganhou projeção internacional ao liderar, em 2009, a criação do ImageNet, um gigantesco banco de dados de imagens rotuladas que revolucionou a visão computacional e abriu caminho para o avanço do aprendizado profundo em áreas como reconhecimento facial, diagnóstico médico por imagem e análise de vídeos.

Ao comentar como seleciona profissionais para sua empresa, Li afirmou que a formação acadêmica deixou de ser o principal critério. “Quando entrevistamos um engenheiro de *software*, eu pessoalmente sinto que o diploma que a pessoa tem importa menos agora”, disse. Para ela, o foco mudou para o que o candidato aprendeu recentemente, quais ferramentas utiliza e quão rápido consegue potencializar suas habilidades

com o apoio de tecnologias emergentes.

Segundo a pesquisadora, essa mudança reflete o fato de que sistemas de IA avançados estão cada vez mais acessíveis, o que altera a forma de avaliar competências. “Agora, trata-se mais de o que você aprendeu, que ferramentas você usa, quão rápido você consegue se ‘superpotencializar’ usando essas ferramentas — e muitas delas são ferramentas de IA”, afirmou. “A mentalidade em relação ao uso dessas ferramentas importa mais para mim”.

Li acrescentou que, em sua própria estratégia de contratação, não considera profissionais que rejeitam o uso de *softwares* colaborativos baseados em IA. Ela ressaltou que essa exigência não parte da crença de que essas ferramentas sejam perfeitas, mas do entendimento de que elas revelam a capacidade de alguém evoluir com tecnologias que mudam rapidamente e de usá-las a seu favor.

A visão da cientista alinha-se a de outros líderes do setor. Executivos como Mark Zuckerberg e Alex Karp, da Palantir, também têm questionado, publicamente o peso excessivo atribuído, a diplomas tradicionais, defendendo modelos de formação mais práticos e orientados à experiência, ainda que grandes empresas continuem exigindo graduação para cargos iniciais.

“Arquiteta da IA”

Nascida em Pequim, em 1976, Fei-Fei Li imigrou para os Estados Unidos aos

Visão

Segundo Fei-Fei Li, a mudança reflete o fato de que sistemas de IA avançados estão cada vez mais acessíveis, o que altera a forma de avaliar competências

16 anos, enfrentando dificuldades financeiras e a barreira do idioma. Formou-se em Física pela Universidade de Princeton e concluiu o doutorado em Engenharia Elétrica no Caltech. Além da carreira acadêmica, ela é uma das principais vozes na defesa de diversidade e inclusão na inteligência artificial, tendo cofundado a organização AI4ALL, voltada à formação de estudantes de grupos sub-representados.

Charada

Resposta da semana anterior: Escorrega (1) = cai + vaso em que arde um fogo (2) = pira. **Solução:** música sertaneja(3) = caipira.

Charada de hoje: Tu olhas (1) a fruta (2) no dia anterior (3) à degustação dela.

Em 2024, Li fundou a World Labs, *startup* que busca desenvolver sistemas capazes de compreender e reproduzir o mundo tridimensional por meio de raciocínio espacial. A proposta é criar uma inteligência artificial mais próxima da cognição humana, capaz de interpretar o ambiente de forma contextualizada. Segundo o *Financial Times*, a empresa atingiu uma avaliação superior a US\$ 1 bilhão em apenas quatro meses de operação.

A importância de Fei-Fei Li no campo da inteligência artificial foi reforçada neste ano com sua inclusão no grupo eleito pela revista *Time* como os “Arquitetos da IA”, honraria concedida coletivamente a líderes que moldam os rumos da tecnologia no mundo. Ao lado de nomes como Sam Altman (OpenAI), Jensen Huang (Nvidia), Mark Zuckerberg (Meta) e Elon Musk (Tesla e X), ela aparece em uma das capas da publicação, que simboliza o impacto econômico, político e social da inteligência artificial.



Francelino Soares: francelino-soares@bol.com.br

Ilustração: Bruno Chiozzi



Eita!!!!

Algoritmo do Instagram: o que é verdade?
Por ser uma das plataformas de conteúdo mais utilizadas no mundo, o Instagram é alvo constante de teorias sobre como funciona seu algoritmo. Na prática, o sistema de recomendação atual funciona a partir de uma combinação de sinais de retenção, relevância, interesse e probabilidade de engajamento. Após revelar alguns mitos no último domingo, confira a seguir algumas verdades que ajudam a entender como o Instagram realmente decide o que aparece (ou não) para os usuários (com *Agência Estado*):

Reels acima de três minutos não são distribuídos para quem não segue o criador
O próprio aplicativo exibe essa restrição no momento da publicação: ao tentar postar um vídeo maior que três minutos como reel, surge um aviso informando que ele não será recomendado para pessoas que não seguem o perfil. Isso significa que o conteúdo permanece visível, mas sua circulação fica restrita ao público já existente, dependendo de compartilhamentos para furar a bolha.

Reels com mais de 90 segundos não podem ser promovidos
Ao usar o botão “Turbinar”, ferramenta que permite impulsionar *posts* diretamente pelo *app*, o Instagram informa que *reels* acima de 90 segundos não são elegíveis para promoção. É uma restrição do sistema de anúncios da Meta, o que obriga criadores e marcas a adaptar seus vídeos ao limite permitido caso desejem ampliar alcance por mídia paga.

Compartilhamentos e salvamentos valem mais que curtidas
O Instagram prioriza ações de alto comprometimento. Compartilhamentos (especialmente via *direct*) e salvamentos são interpretados como sinais fortes de relevância, indicando que o conteúdo tem utilidade ou impacto para o público. Em alguns casos, *posts* com poucas curtidas viralizam justamente porque foram amplamente compartilhados.

Reels podem viralizar dias ou semanas depois
Diferentemente dos *posts* do *feed*, que atingem o pico rapidamente, *Reels* passam por ciclos periódicos de redistribuição. Se um vídeo apresentar aumento de retenção, *replays* ou compartilhamentos, ele pode voltar a ser mostrado para novos grupos, mesmo muito tempo após a postagem inicial. É um comportamento comum no formato.

Postar nos horários em que seu público está ativo ajuda, mas não garante alcance
Horários de pico potencializam os primeiros sinais de engajamento, essenciais para a etapa inicial de avaliação do algoritmo. Contudo, o horário não determina viralização: um conteúdo pouco envolvente terá desempenho fraco mesmo no “melhor horário”, enquanto um vídeo forte pode performar bem em momentos menos movimentados. O horário ajuda, mas não salva.

9diferenças

Antonio Sá (Tônio)



Solução

1 – brinco; 2 – barba; 3 – boca; 4 – pedra; 5 – flor; 6 – corado; 7 – tirore; 8 – tatuagem; 9 – lua na testa.

Tiras

O Conde

Antonio Sá (Tônio): ocondesa@hotmail.com



Jafoi & Jaera

Jorge Rezende (argumento) e Tônio (arte)



SUPEREXPOSIÇÃO

Falsa intimidade

Eleita a palavra do ano, “parassocial” explodiu em popularidade com as redes sociais e as IAs

Marcos Carvalho
marcoscarvalhojr@gmail.com

A estudante de Engenharia Michelle Xavier tem 22 anos e faz parte da legião de fãs da cantora e compositora Taylor Swift, os chamados “swifties”. Além de se sentir envolvida pelas canções da artista, tanto as mais melancólicas como as mais dançantes, a jovem tem a trajetória pessoal da diva pop como fonte de inspiração para sua vida. Ela acompanha o dia a dia da celebridade norte-americana pelos perfis oficiais nas redes sociais ou pelos registros dos fãs-clubes, e afirma conhecer a mãe, os irmãos e os três gatos da Taylor, de modo que se sente íntima da cantora.

“Todo mundo parece que é amigo dela e conhece ela de alguma forma. Ela se comunica tão diretamente, que faz com que a gente se apegue, tanto pela forma como ela escreve as canções, de maneira muito pessoal e muito íntima, como pelo modo como ela fala com as pessoas, como se fosse amiga delas”, explica a estudante.

Esse vínculo emocional tornou-se ainda mais evidente nas redes em agosto deste ano, quando Taylor noivou com o jogador de futebol Travis Kelce. A avalanche de comentários dos fãs ex-

pressando alegria pelo momento, como se fossem de alguém próximo ou da família, e as discussões sobre a comoção e a identificação com o casal fizeram com que as buscas por entender esse tipo de conexão unilateral, denominada “parassocial”, fosse escolhida como palavra do ano de 2025 pelo *Dicionário Cambridge*.

A origem do termo “parassocial” não é nova. Ele surgiu na década de 1950 para explicar as relações que os telespectadores desenvolviam com personalidades da televisão como se estas fossem “reais”, da família ou amigo íntimo, a tal ponto que responder à saudação de boa noite do apresentador tornou-se característico desse vínculo afetivo. Nos tempos atuais, o sentido da palavra foi ampliado pelo *Dicionário Cambridge* para “uma conexão que alguém sente entre si e uma pessoa famosa que não conhece, um personagem de um livro, filme, série de TV, etc., ou uma inteligência artificial (IA)”.

Os editores da Universidade de Cambridge responsáveis pelo dicionário destacaram que a discussão em torno da palavra “parassocial” revela que os laços unilaterais cultivados com celebridades, influenciadores e *chatbots* de IA não são totalmente desconhecidos por quem os cultiva. Michelle Xavier reconhece que nutre esse tipo de relação por Taylor Swift, tanto que, nas conversas com as amigas fãs, a cantora é chamada de “amiga”: “É a forma como a gente se sente. Se você juntar vários *swifties* em uma roda de conversa, parece que eles estão falando de uma prima ou de uma irmã deles”.

A jovem tem consciência das estratégias de comunicação da “amiga” para envolver os fãs, como os enigmas lançados para que eles descubram detalhes sobre um novo trabalho que está para ser lançado ou as cartas, escritas a próprio punho, para algum fã que passa por alguma situação di-

fícil, mas que são divulgadas nas redes sociais para que todos possam ler. Ainda assim, isso não diminui o sentimento de intimidade com a artista. E só em pensar na possibilidade de participar de um show presencialmente, seu jeito de falar já demonstra euforia.

“Eu não tive condições de ir ao show dela, mas fui ao cinema assistir ao filme de lançamento do novo álbum. Eu não saberia explicar o que sentiria se estivesse num show de verdade, porque só assistindo pelo cinema já foi muito incrível e muito divertido para mim e para todo mundo ali, com a gente, imagine se fosse no show?! Acho que eu ficaria completamente louca e sairia de lá sem voz nenhuma”, reconhece Michelle Xavier.

Mais do que colocar em pauta a cultura de fãs e de entretenimento, que se redesenha a partir das interações pelas redes sociais, as relações parassociais convidam a (re)pensar a natu-

reza dos laços afetivos que estabelecemos no ambiente digital, considerando tanto os fatores positivos quanto negativos para as sociabilidades. São questões que perpassam campos como a economia e a política, e que exigem atenção, sobretudo no contexto de simulação da linguagem humana pelas ferramentas de inteligência artificial.



Foto: Arquivo pessoal

Estudante de Engenharia, Michelle Xavier, de 22 anos, faz parte da legião de fãs da cantora Taylor Swift



Origem do termo “parassocial” deu-se na década de 1950 para explicar as relações que os telespectadores desenvolviam com personalidades da TV como se estas fossem íntimas

BOA NOITE!

BOA NOITE,!
meu AMOR.

LIGAÇÕES PARASSOCIAIS

Cultura de fãs gera um vínculo afetivo

Elo entre artista e público é cada vez mais importante para os modelos de comercialização das indústrias criativas

Marcos Carvalho
marcoscarvalhojor@gmail.com

Há dois anos, a passagem da turnê *The Eras Tour*, da cantora Taylor Swift, pelo Brasil, movimentou a economia, atraindo mais de 300 mil espectadores às cidades de São Paulo e do Rio de Janeiro. Dentre esses, estavam grupos de fãs que procuravam, a todo custo, demonstrar seu amor pela artista norte-americana com presentes personalizados, montando acampamentos ou ficando horas à espera para vê-la, mesmo que de longe, durante a sua chegada.

“Essas práticas são uma forma de tentar cultivar uma relação de afeto, inclusive também pela via do sacrifício, como se dissesse: ‘Olha o quanto eu viajei’, ‘Olha o quanto eu estou esperando na frente do hotel’. Essa recepção calorosa é algo muito próprio do fã brasileiro e latino-americano quando recebe um artista musical de fora”, observa Cecília Almeida, professora do Departamento de Comunicação da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE) e pesquisadora da cultura de fãs.

Embora suas investigações não abordem especificamente as relações parassociais, ela reconhece que as práticas de fãs contemporâneas se estabelecem muito a partir desse tipo de vínculo afetivo, cada vez mais importante para os modelos de comercialização das indústrias criativas. Cecília recorda que as redes sociais foram criadas com o objetivo de conectar pessoas, e essas relações têm sido cada vez mais exploradas de modo estratégico para estimular o engajamento dos usuários.

“A relação parassocial é construída por um espaço de mediação das redes. A percepção de in-

timidade do fã parte daquilo que o artista mostra para o público, daquilo que ele quer que exista. O fã tem contato com essa construção de imagem, com um ‘dia a dia performado’, aquele que se deseja mostrar. Às vezes não é uma estratégia 100 por cento calculada e acontece por acaso, mas certamente é uma estratégia baseada na espontaneidade e que a gente está tendo acesso como se fosse uma pessoa real”, alerta.

Para incentivar essas relações e transmitir maior autenticidade, a estética dos conteúdos costuma ser mais amadora, considerada até meio tosca, para fazer parecer que tudo é natural. A ideia de ter fãs passa a ser perseguida porque se supõe que o afeto nutrido pelo ídolo pode eliminar possíveis críticas. A defesa da celebridade é, de fato, uma das características do fã, mas Cecília Almeida pondera: aqueles que cultivam uma relação parassocial tendem a ser bem críticos também quando identificam uma incoerência de comportamento, justamente por sentirem que conhecem bem a pessoa. As críticas dos fãs a Taylor Swift por não ter se manifestado sobre a morte da jovem Ana Clara Benevides, ocorrida na primeira apresentação da *popstar* no Brasil, são um exemplo disso.



Foto: Arquivo pessoal

“

Os fãs são o público consumidor ideal porque são vistos como aquele que vai defender a qualquer custo, que vai ‘evangelizar’ outras pessoas, que vai compartilhar e distribuir conteúdos

Cecília Almeida

“Os fãs são o público consumidor ideal porque são vistos como aquele que vai defender a qualquer custo, que vai ‘evangelizar’ outras pessoas, que vai compartilhar e distribuir conteúdos. São pessoas muito dispostas a trabalhar, a gastar tempo, energia, disposição, a falar sobre, a consumir, a influenciar outras pessoas, sem ter remuneração, somente porque gostam. É uma audiência muito buscada hoje, em todos os campos”, afirma a docente.

Um desses campos é o político, onde candidatos influenciadores despontam buscando capital simbólico para garantir melhores resultados nas eleições. A pesquisadora identifica o uso de estratégias apoiadas na comunicação pelas redes sociais para criar uma forte conexão com seus eleitores tanto de figuras da extrema direita, como foi o caso do candidato à Prefeitura de São Paulo (SP) no último pleito, Pablo Marçal, quanto das correntes de esquerda, como do prefeito do Recife (PE), João Campos.

“No caso de João Campos, do Recife, essa relação é bem visível se a gente olhar os comentários nas redes sociais dele. As pessoas costumam perguntar se ele já almoçou, preocupadas porque ele não para de trabalhar. Isso é algo que demonstra um pouco

dessa relação parassocial por parte do eleitorado, que passa a se comportar como fã mesmo, a ponto de chamá-lo de ‘o meu prefeito’, exemplifica.

Criado para falar da relação unilateral das pessoas com per-

sonagens da ficção, o termo “parassocial” só depois foi estendido para a relação de fãs com seus ídolos. No contexto das redes sociais digitais, essas relações misturam-se e amplificam-se. Um caso recente de seu campo de investigação, a ficção televisiva seriada, que Cecília Almeida faz questão de recordar foi a relação que o público criou com a personagem Odete Roitman, da telenovela *Vale Tudo* (Rede Globo). A identificação da audiência com a vilã foi tamanha que muitos até fizeram campanha nas redes para que ela não estivesse morta, reverberando também em manifestações lúdicas com bloco carnavalesco. “Isso não quer dizer que o fã não saiba que a pessoa não era uma pessoa real, mas, no nível dos afetos, era como se fosse”, explica.

Antes de se pautar pelo consumo, a cultura de fãs passa por uma relação identitária que se constrói em torno de comportamentos similares ligados ao modo de vestir ou de adquirir coisas — basta ver os torcedores de clubes de futebol —, assim como de práticas específicas, ainda mais incentivadas com as comunidades digitais, os

fandoms. Analisando há mais de uma década esses grupos, a pesquisadora percebe como esses ambientes podem ser de muita celebração, mas também de muita disputa para conquistar, dentro de uma hierarquia afetiva, o lugar de “mais fã”, reservado àquele disposto a fazer mais esforço para demonstrar seu sentimento.

Para Cecília Almeida, a palavra “parassocial”, escolhida para 2025 pelo *Dicionário de Cambridge*, tem razão de ser, pois acompanha o movimento de crescimento de influenciadores digitais em busca de ocupar um espaço simbólico, mostrando seu dia a dia e desejos desse tipo de relação por parte de seus fãs. Ao mesmo tempo que reconhece esse momento de grande importância da cultura de fãs, a escolha também reconhece o certo falseamento das relações.

“Não se escolheu a palavra ‘fã’. A escolha foi por demarcar um tipo de relação específica que é unilateral, quase como se viesse para dizer: ‘Olha, você acha que conhece, mas não conhece. Essa relação só existe do seu lado, é uma relação que você construiu’. Não são relações bilaterais, não são relações recíprocas, não são relações de intimidade, de fato”, destaca.

CONTRIBUIÇÕES E PERIGOS

Fenômeno é uma relação simbólica

Crucial para a formação da identidade e interações sociais, conexão unilateral também precisa ser vista com cautela

Marcos Carvalho
marcoscarvalhojor@gmail.com

A recuperação do termo “parassocial” para descrever uma relação unilateral em torno de figuras públicas ou personagens midiaticizados pelas redes sociais leva a pensar sobre os aspectos positivos e negativos desses vínculos. Para a psicóloga Juliana Beco, especialista em relações familiares e de casal, um elemento central para a compreensão do fenômeno é considerar que trata-se de um tipo de relação simbólica, crucial para a formação da identidade e para as interações sociais, mas, por não ser concreta, precisa ser vista com certo cuidado.

A primeira contribuição das relações parassociais apontada pela profissional refere-se à conexão como forma de pertencimento, sobretudo para pessoas que são mais introspectivas e solitárias, ou que vivem em contextos de isolamento. Nesses casos, uma personagem de ficção ou uma pessoa pública pode tornar-se companheiro simbólico e colocar o fã em contato com comunidades de admiradores daquela mesma figura.

“Para as novas gerações, além de auxiliar nesse enfrentamento da solidão, as relações parassociais podem diminuir preconceitos e estigmas, porque geralmente a pessoa pública costuma apresentar elementos de representatividade em torno de tabus como saúde mental ou sexualidade, por exemplo. Isso tende a gerar uma identificação, que promove a regulação emocional e traz bem-estar subjetivo”, explica Juliana.

As comunidades de fãs podem funcionar como redes de apoio, pois aquele grupo se identifica com as mes-

mas narrativas, características ou estilo de vida de determinado personagem ou figura. Essa participação pode estimular, segundo a psicóloga, mudanças positivas em torno da exploração da própria identidade do indivíduo. Isso só é possível, no entanto, quando se cultiva o autoconhecimento e a maturidade emocional, que impedem de haver frustrações.

A outra face da moeda aparece quando a relação parassocial estabelece-se com base numa idealização irreal, quando a pessoa passa a fazer comparações que a desfavorecem diante de uma imagem pública construída midiaticamente, e que não corresponde a toda a realidade. Dependência emocional e ansiedade também podem ser intensificadas. “Muitas vezes, esse fenômeno parassocial pode se apresentar mais em pessoas que possuem alguma necessidade emocional e afetiva maior e, nesses casos, a confusão entre fantasias e realidade pode prejudicar bastante. Por isso, quanto menos relações reais e mais investimento em relações simbólicas, o suporte concreto e a rede de apoio da pessoa vai ser menor, pois estaremos no campo

da fantasia e da idealização”, enfatiza Juliana Beco.

Nessa direção, o professor-coordenador do Laboratório de Psicologia da Mídia do Departamento de Psicologia da Universidade Federal da Paraíba (UFPB), professor Carlos Eduardo Pimentel, destaca a “ilusão de intimidade” como principal elemento caracterizador de uma relação parassocial. Nas pesquisas que realiza e orienta sobre os efeitos das mídias no comportamento e bem-estar das pessoas, ele percebe que, dentre os muitos fatores envolvidos, o fenômeno parassocial é resultado de uma crescente necessidade de liderança.

“Parece que muitas pessoas não gostam de tomar decisões e preferem que tenham sempre outras dizendo a elas o que fazer, sempre e para qualquer assunto. A psicologia social estudou há muito tempo a influência da autoridade, a influência social, o efeito manada ou efeito contágio”, destaca, mesmo ponderando que a admiração de um fã pode ser positiva para o bem-estar.

O sinal de alerta, no entanto, é dado quando o envolvimento emocional passa a ser excessivo e tende a levar a pensamentos, emoções e comportamentos desadaptativos. Contrair dívidas para ir a *shows* caros e distantes de sua cidade ou mesmo imitar comportamentos de risco, como o uso de álcool e dro-

gas ou o comportamento sexual arriscado, são alguns dos comportamentos de risco apontados pelo pesquisador que precisam merecer atenção.

“As pessoas que seguem cegamente orientações, conselhos dos chamados ‘influenciadores’ ou mesmo ‘modelos comportamentais’ nas mídias em geral podem desenvolver uma dependência emocional para com estas pessoas, bem como podem se engajar em comportamentos de risco ou pouco saudáveis. O estabelecimento de padrões de consumo irrealísticos pode levar uma pessoa a desenvolver depressão, ansiedade, estresse ou mesmo a compra compulsiva”, adverte.

Mesmo reconhecendo a utilidade das ferramentas de inteligência artificial (IA) generativa na pesquisa psicológica, Carlos Eduardo preocupa-se com o uso que tem sido feito desse recurso como psicoterapia ou com casos de *chatbots* de IA que chegaram a recomendar o suicídio. “Tem pessoas que conversam diariamente com essas ferramentas de IA. Isso pode levar ao isolamento social e dependência tecnológica. Estabelecer relações parassociais com estas ferramentas pode ter um impacto nas emoções e comportamentos das pessoas, mas muita pesquisa é necessária ainda para se entender melhor as suas consequências”, afirma.

Juliana Beco concorda que as relações das pessoas com

a IA precisam ser melhor refletidas. Nas sessões de terapia, já ouviu relatos de pacientes que dizem ter buscado o ChatGPT para compartilhar algumas de suas questões. “A gente precisa estar muito atento, porque senão paramos de nos relacionar com pessoas, com a vida, com a existência, para nos relacionar com uma máquina. Às vezes, a gente deixa de se relacionar com uma pessoa para estar mexendo no celular. Trocamos a oportunidade de estar junto com o outro para estar conectado virtualmente com alguém que nem faz ideia de que existimos ou alguém que nem sequer existe”, reflete a psicóloga.

Alerta

É preciso ter cuidado com as ferramentas de IA, como nos casos dos *chatbots* que chegaram a recomendar o suicídio aos usuários

“

Para as novas gerações, além de auxiliar nesse enfrentamento da solidão, as relações parassociais podem diminuir preconceitos e estigmas

Juliana Beco

“

Parece que muitas pessoas não gostam de tomar decisões e preferem que tenham sempre outras dizendo a elas o que fazer, sempre e para qualquer assunto

Carlos Eduardo Pimentel

Percepção de intimidade do fã parte daquilo que o artista quer que exista para o público, que tem contato com essa construção de imagem, com um “dia a dia performado”, aquele que se deseja mostrar

SOCIABILIDADES

Mundo vive radicalização grande do individualismo

No contexto do parassocialismo, lógica de mercado estimula o consumo e o descarte de bens e das pessoas

Marcos Carvalho
marcoscarvalhojr@gmail.com

É no contexto de uma “modernidade líquida”, termo cunhado pelo sociólogo polonês Zygmunt Bauman para descrever uma sociedade cada vez mais fluida, fragilizada e marcada por incertezas nas relações sociais, culturais e de trabalho, que o sociólogo Estevam Dedalus, professor de Ciências Sociais da Universidade Estadual da Paraíba (UEPB), compreende os fenômenos parassociais. Para ele, os vínculos cada vez mais instáveis e a dificuldade das pessoas para estabelecer relações duradouras precisam ser considerados a partir de uma lógica de mercado, que estimula o consumo e o descarte de bens e dos indivíduos.

“Esse universo que a gente passou a chamar de parassocial, no fundo acaba sendo um sintoma desse contexto mais geral da fragilização dos laços e uma certa incapacidade do mundo contemporâneo de criar possibilidades de construções coletivas. O que a gente está enxergando é uma radicalização muito grande do individualismo. E o individualismo é uma característica fundamental da modernidade que só foi se aprofundando, especialmente nessa fase neoliberal do capitalismo”, argumenta Dedalus.

Uma das principais diferenças que o docente identifica entre as relações parassociais e outros modos de relacionamentos sociais estão no fato de estas últimas estimularem, em quase todas as sociedades, a reciprocidade, a presença e a responsabilidade coletiva, como acontece entre parentes. Ele lembra que a civilização se estruturou sobre um sentido de cooperação e do cuidado com o outro, comprometendo-se com a coletividade. Isso tem sido substituído gradativamente, a partir de ideologias que reforçam a meritocracia e o individualismo, e que fragilizam tanto relacionamentos amorosos — apesar do número maior de casamentos, há um número crescente de divórcios — quanto em situações antes impen-

sáveis, como agências que alugam pessoas para desempenhar papéis de amigos, namorados e até parentes, no Japão.

A quebra da fronteira entre o privado e o público, explorada pelos influenciadores digitais, é outro ponto que chama a atenção. Estevam compara como algumas práticas da esfera do privado e da intimidade, como a rotina diária, antes descrita em diário a que poucos tinham acesso, tornaram-se, agora, material de *marketing* e estratégia para obter engajamento nas redes.

“Cria-se a sensação de que acompanhar uma celebridade nessa rotina é um privilégio, por poder acessar um pouco da vida emocional e ter acesso a elementos da vida privada de uma pessoa pública. Isso acaba estimulando, de certa forma, um vínculo, por mais que seja unilateral. A pessoa vai vendo aquilo, acompanhando aquela pessoa durante muito tempo e cria alguma relação afetiva. Ainda que não exista reciprocidade, ela é colocada dentro de um universo supostamente privado, com elementos afetivos que vão sendo performatizados pelos influenciadores”, explica o sociólogo.

O estímulo ao consumo de subjetividades seria parte do que tem sido compreendido como um capitalismo afetivo, conceito proposto pela socióloga e antropóloga Eva Illouz para explicar a exploração econômica no campo das vulnerabilidades emocionais e da intimidade. Dedalus associa essa construção mercadológica às relações parassociais, gerada pela identificação dos indivíduos a partir de uma *performance* muito bem calculada, que busca a monetização, o dinheiro.

O sentir-se só, o medo, a ansiedade, a depressão, assim como elementos da própria experiência das terapias, também são mobilizados para se tornar matéria-prima na construção desses laços. A valorização de ideias como inteligência emocional em palestras e no próprio ambiente de trabalho também integra o mercado dos afetos. “As emoções estão dentro do pacote do

dia. Elas viraram uma espécie de capital”, pontua.

A recente definição de relações parassociais pelo *Dicionário de Cambridge* ampliou o escopo das celebridades, personagens e *influencers*, para incluir também relações unilaterais com *chatbots* de inteligência artificial que simulam interações bem mais próximas da linguagem humana. Para o professor de Ciências Sociais da UEPB, a busca por essas ligações com as máquinas revela a condição precária dos vínculos de afeto e relaciona-se também com a forma como o trabalho e a sociedade estão organizados.

“Essa relação com a máquina radicaliza a experiência de solidão dos indivíduos que não têm vínculo com ninguém, numa relação quase que autocentrada, porque, no final das contas, a máquina vai até aprendendo um pouco do teu comportamento e, nesse trabalho de interação, ela nem chega a te confrontar. Mas é uma questão que passa pela forma como o capitalismo assumiu nos últimos tempos”, pondera, mencionando como as relações de trabalho têm sido mais precarizadas. Com a chamada “uberização”, por exemplo, motoristas de aplicativos quase não cultivam relações interpessoais, pois não convivem pessoalmente com colegas de trabalho e mantêm comunicação apenas por grupos de WhatsApp.

As saídas para superar essa condição estariam, principalmente, no favorecimento de experiências coletivas capazes de construir laços sociais, sobretudo para as novas gerações que mantêm boa parte de seus vínculos mediados pelas redes. A educação para o uso das tecnologias e o debate sobre diretrizes éticas para o uso das plataformas digitais são outras recomendações do sociólogo. O cenário, no entanto, não parece ser favorável. “É fundamental criar os mecanismos para fortalecimento desses vínculos, mas isso passa por mudanças estruturais que abalam o próprio capitalismo”, salienta Dedalus.



Foto: Arquivo pessoal

Para Dedalus, a busca por relações com as máquinas revela a condição precária dos vínculos de afeto e relaciona-se também com a forma como o trabalho e a sociedade estão organizados

“É fundamental criar os mecanismos para fortalecimento desses vínculos, mas isso passa por mudanças estruturais que abalam o próprio capitalismo”
Estevam Dedalus



Ainda que não exista reciprocidade, o vínculo é colocado dentro de um universo supostamente privado, com elementos afetivos que vão sendo performatizados pelos influenciadores